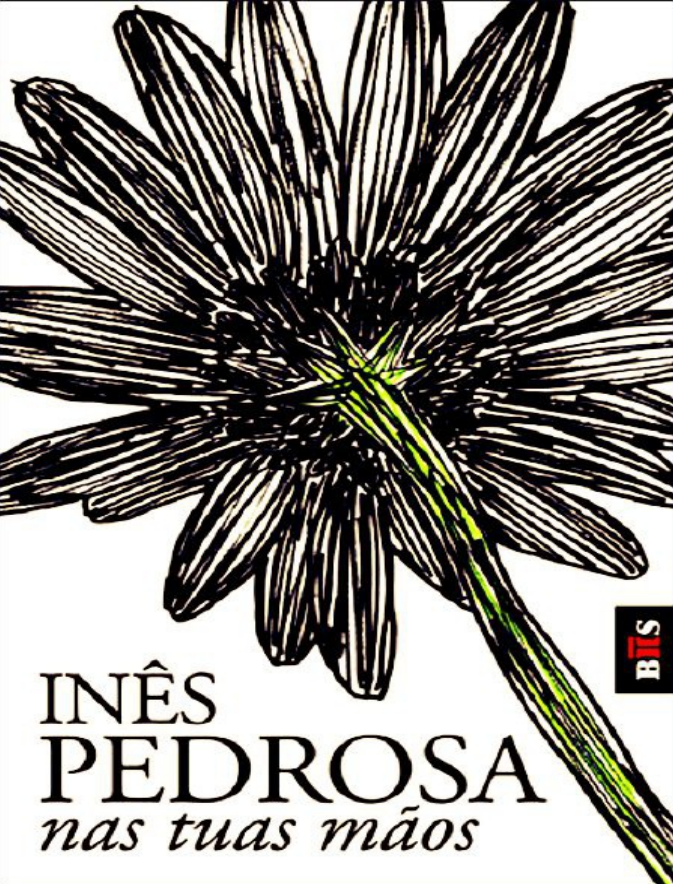




INÊS
PEDROSA
nas tuas mãos





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



NAS TUAS MÃOS

INÊS PEDROSA

DOM QUIXOTE

GRANDES AUTORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Edição Visão / Dom Quixote Selecção JL

Inês Pedrosa 1997

Impressão: Printer, Barcelona Junho de 2003

Visão

Edifício São Francisco de Sales

Rua Calvet de Magalhães, 242, Laveiras

2770-022 Paço de Arcos

Publicações Dom Quixote

Rua Cintura do Porto

Urbanização da Marinha, Lote A - 2º C

1900-649 Lisboa

NAS TUAS MÃOS

"Atua cabeça rodou na direcção do meu rosto, os teus olhos fecharam-se e a tua boca avançou para a minha, através de uma lenta rota de luz, risos e lágrimas. Quando os teus dentes morderam os meus lábios alguém gritou "Bravo!" como na ópera e eu soube que nunca uma rapariga havia sido assim amada."

Inês Pedrosa

PARA O FERNANDO

Parte I

O DIÁRIO DE JENNY

"(...) Who goes to bed with what
Is unimportant. Feelings are important.
Mostly I think of feelings, they fill up my life
Like the wind, like tumbling clouds
In a sky full of clouds, clouds upon clouds."

JOHN ASHBERY

A TUA CABEÇA RODOU na direcção do meu rosto, os teus olhos fecharam-se e a tua boca avançou para a minha, através de uma lenta rota de luz, risos e lágrimas. Quando os teus dentes morderam os meus lábios alguém gritou "Bravo!" como na ópera e eu soube que nunca uma rapariga havia sido assim amada. "Espere", dizias tu, "connosco há-de ser diferente." Travavas-me o corpo todo com um beijo na palma da mão, os meus dedos agarravam-se, entontecidos, à curva funda das tuas pálpebras, e desse canto macio de pele eu inventei um homem para sonhar até ao dia branco da nossa eternidade. António. Dou-te esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade.

António. Muito prazer. Chamo-me António José Castro Morais mas toda a gente me trata por To Zé. Raptaste-me ao terceiro dia: "Jennifer. Diga à sua mãe que hoje está muito cansada para passear e venha comigo ver a vida verdadeira." O meu nome é Jenny, porque o pai que eu não cheguei a conhecer adorava a heroína da Família Inglesa do Júlio Dinis, uma família aliás semelhante à nossa no culto discreto da riqueza como prolongamento físico da solidez espiritual. Mas tu, António, preferias outra coisa. Eu restituía-te o nome de origem, nem sequer era capaz de pronunciar esse diminutivo portátil que te fazia de toda a gente, e tu inventavas-me para lá do livro de onde eu tinha saído.

Naquela época parecia-me que estas intenções contrárias eram a mesma, um código de segredo automático que escrevia a grande evidência do amor. Só na noite do nosso casamento descobri que havia outra pessoa que te soletrava António, querido. Meu querido. Cuidado. É o auge do sol e todas as formas da montanha se rendem ao totalitário peso da luz. Vais andando, com os binóculos apontados ao mais longínquo dos cumes, e de repente vejo o teu pé direito no ar, sobre o precipício. Grito cuidado e abraço-te pelas costas, caís sobre mim no alto de Meteora. Pões um braço sob a minha cintura, e a tua face recortada a contra-luz rasga-me com a insuportável beleza de uma aparição. "Como te chamas, anjo-da-guarda?" Foi a única vez em que me trataste por tu.

Fizeste o resto da viagem connosco, nesse Verão de 1935. Vinhas dos Mosteiros do Monte Athos, onde nem a sombra de uma mulher se permite, nós vínhamos da desilusão de Atenas, que a minha pobre mãe definia incessantemente como "a viúva alegre dos Deuses", para dar a entender que era culta, mordaz e muitíssimo viúva. Não me lembro de nenhuma das máscaras estátuas dos museus de Salónica, apenas manchas de mármore sobre as quais os teus dedos evoluíam, longos, quase impudicos pela transparência dos ossos e das unhas. Esse fascínio pelos teus dedos valeu-me meia dúzia de vitórias ao gamão, no dia em que me levaste às escondidas a ver a vida verdadeira nas sombras sumptuosas das igrejas ortodoxas e nos cafés do cais, povoados de velhos marinheiros gregos com gestos muçulmanos. Explicavas-me as regras mas eu não conseguia ouvir-te,

embrulhava-te a voz na velocidade das palavras e na cor incerta da íris, quando sorrias era verde-clara e depois tornava-se castanha, o nariz afilado, perfeito e imóvel como uma decisão, a boca excessiva destoando, lábios grossos com os cantos virados para baixo como uma permanente trincheira de desconfiança.

Nunca fui de falar muito. A minha mãe reforçava convenientemente a minha incomunicabilidade doutrinando-me na lei da poupança verbal: uma ideia, meia palavra. Seguia-te desesperadamente o trilho dos dedos sobre as peças de madeira para que me julgasses inteligente, capaz de te vencer. Nunca mais voltaria a ganhar-te.

Dizem que o amor se faz de uma comunidade de interesses subterrâneos, restos de vozes, hábitos que nos ficam da infância como uma melodia sem letra, paixões pisadas na massa funda do tempo, mas nesses anos entre guerras os sentimentos explicados não interessavam a ninguém. O amor era então uma criação fulminante do tédio e da inocência, feito do carnal recorte da beleza, magnífico de crueldade. Amei-te de repente, com a luminosa injustiça que me afastou de todos os que me amaram por me serem semelhantes. Amaram-me ainda mais depois, durante o nosso longo noivado, que me tornou mundana, e adoraram-me a partir do dia em que me fiz oficialmente tua mulher, ouvia-os sussurrar que estranho, está cada vez mais menina, nunca se viu um caso assim.

Namorámos em bailes e recepções, eu dava-te a mão e o Pedro pegava-me logo na outra mão, sentia a inveja alastrando pelos salões como um perfume sensual, eram meus os dois rapazes mais desejados de Lisboa. Talvez não fossem sequer excepcionalmente bonitos. Quando agora olho tranquilamente para as fotografias da vossa juventude, vejo dois rapazes elegantes procurando atenuar pela distinção dos adereços - os chapéus de aba larga, os foulards de seda lavrada, os coletes italianos, os casacos de ombros largos - certas irregularidades de formas e traços. Eram magros, o Pedro ligeiramente mais alto do que tu e quase macilento.

Apareciam sempre juntos e nunca demoravam o olhar sobre uma mulher. Falavam de pintura, literatura, viagens, aborreciam a política e os negócios. A combinação entre esses interesses tão raros nos homens do tempo e a vossa suave indiferença às afectações da beleza feminina tornava-vos irresistíveis. Criava-se um zumbido abrasador à vossa entrada, as raparigas apertavam os pulsos umas às outras e segredavam: "Olha o sol e a lua". Tu, meu querido António, eras a lua intrigante - apesar do teu cabelo alourado e do teu passo

bem mais decidido do que o do Pedro. Ele era o sol de melena escura que sorria continuamente só para encandear. Havia também uma espécie de esplendor circulando em torno dos dois que se extinguia quando se olhava para cada um de vós, individualmente.

Tu tinhas para mim uma cintilação própria, António, irradiavas uma luz turva, arroxeadada, que me sacudia como uma onda de febre. Seguia os teus passos mecanicamente, enquanto dançávamos. Não conseguia ouvir a música; quase desmaiava de embaraço e prazer escutando a batida do

sangue, atroadora, hipnótica, nunca soube se do teu se do meu coração. Ninguém antes te vira dançar.

As raparigas rodeavam-me, em enxames, perguntando que bruxedo te fizera eu. As mais afoitas delas, segundo me contaram, tinham tentado vezes sem conta rodopiar nos teus braços ou nos do Pedro, em vão. Consei-me de vez das conversas de raparigas, nunca tive uma melhor amiga. A cumplicidade de condição parecia-me quase vergonhosa, conhecia-as demasiado bem do colégio, onde a minha mãe me internara durante cinco anos para me "instruir e disciplinar", à maneira inglesa que herdara dos pais dela.

Creio que nunca me recompus dos risinhos da Vera no refeitório, antes do Pai Nosso da manhã, "sonhei que estava na cama com o Salazar, aí, meninas, acho que estou a precisar de me casar." Quase todas recebiam cartas de amor com assinaturas femininas, "minha estremosa amiga, olha esta noite para a lua às nove e meia que eu vou estar a olhar também. Tua muito saudosa Alexandra", e as freiras que tudo liam não estranhavam estes arroubos entre meninas, nunca lhes ocorria que eram os meninos do Colégio Militar quem escrevia as cartas assinadas por Alexandras e Paulas e Júlias.

Fardas, as pessoas apaixonavam-se umas pelas outras através do interdito das fardas. Eu tinha um pai morto cheio de condecorações no peito, um pai que morrera sem me ver, em 1917, a bem do futuro de uma Europa inexistente. Tu vestias linho branco ou flanela cinzenta, substituías quase sempre a gravata por lenços de seda que me punham tonta, sôfrega do teu pescoço alto de rapaz.

Ninguém sabia bem de que vivias, viajavas muito, negócios, dizias, e mudavas rapidamente de assunto. A minha mãe desvanecia-se com isso a que chamava pudor, um noivo que se apresentava de chaperon e não exibia os seus dotes profissionais era um prodígio. "Nem percebo o que é que um rapaz tão exquisit viu em ti", disseme ela, uma vez, no tom de brincadeira que usava para as verdades mais sentidas. Arranjava sempre maneira de meter uma ou duas palavras em inglês em cada frase, e exquisit era uma das suas favoritas. No dia do nosso casamento passou a tratar-te por tu e a dar-te abraços maternais. Perguntou-te se estavas mesmo disposto a fazer feliz this little lady e tu respondeste-lhe em alemão. Se fosse eu, chamar-me-ia atrevida, e havia de amuar de humilhação.

A minha frágil mãe não admitia que o saber alheio a suplantasse, e, aliás, garantiu que eu lhe ficasse sempre atrás. "Dá cá isso, eu faço, tu não és capaz." O estribilho repetia-se sempre que eu tentava fazer alguma coisa nova; foi quase à revelia dela que aprendi a tocar piano, "larga isso, criança, ainda me desafinas o piano, julgas que podes tapan a tua falta de técnica com a fúria", para ela a fúria era uma prerrogativa de criadores. Já estávamos casados há vários meses quando tu disseste: "Você é tão intensa, Jennifer, nunca supus que uma mulher pudesse ter tanta intensidade." Foi talvez o maior elogio que recebi de ti, e as hostilidades entre mim e a minha mãe terminaram nesse instante. A minha fúria era afinal um dom, a virtude que te levava a escolher-me como única mulher da tua vida, herdeira do teu

nome, senhora de tudo o que era teu.

O Pedro gostava de me escovar os cabelos devagar antes de me fazer as tranças, tu querias ver-me sempre de tranças e laços. Nas repetidas escapadelas do Pedro eu subia a bainha aos vestidos brancos de bordado inglês, punha soquetes e aninhava-me ao teu colo, tu acariciavas-me o rosto, as mãos, as pernas. Uma vez chegaste a deitar-me no chão e encheste-me o peito de dentadas e lágrimas, estiveste quase a possuir-me e depois pediste desculpa, eu disse: "vem para dentro de mim, não tenhas medo", e tu disseste: "Não posso, meu anjo. Não seria justo para si. Eu sou dele, Jennifer. Se quiser, abandone-me."

O abandono não é um acto de vontade mas uma consequência do esquecimento, meu amor. Se amasses outra mulher, o meu orgulho traído encontraria forças para deitar pazadas de terra sobre o buraco escuro do meu peito. Mas o teu amor proibido empurrava-te para o limbo trágico onde o meu amor por ti estava afinal condenado a viver. Nem por um segundo me ocorreu desfazer o nosso casamento. No entanto, preciso de te dizer que existiu mais do que pura paixão e livre entendimento na minha decisão de permanecer contigo para sempre. Houve também altivez, querido António. Não suportaria o desolado desprezo da minha mãe, nem o riso das zumbidoras. A mágoa do teu desamor tornava-me incapaz de encarar semelhantes afrontas. A pouco e pouco, desenvolvi a capacidade de me cingir à felicidade essencial de ser a tua mulher. Tu, que nem sequer olhavas para uma mulher, tinhas-me escolhido para viver ao teu lado uma vida inteira. O sexo que eu desconhecia não podia roubar-me o êxtase desta aventura. Permaneceria tua namorada, cúmplice do teu amante.

Segundo a Camila, o amor desesperado faz mal à pele, desfigura e amarelece-nos os contornos, mas connosco nunca, António. O desespero punha-te o fulgor do ouro, acho mesmo que te transfiguraste no dia em que a Camila apareceu. "Como pudeste trair-me tanto, Pedro?" Choraste nos braços dele a noite inteira, aos poucos ele convenceu-te a aceitá-la, ofereceu-ta entre pedidos de perdão e juras de amor. Assim me deste a filha que me impediu de enlouquecer.

Nesses anos em que o amor todo se concentrava na feroz atracção dos corpos, podia-se viver uma vida só do sabor de uns lábios. Eu, pelo menos, vivi.

TODAS AS NOITES DA MINHA VIDA agradei a Deus o dom desse sentimento que nunca mudou. À minha volta, muitos casamentos desabaram, outros apodreceram de depressa, embalados na música veloz de um tempo cada vez mais aflito. O nosso manteve-se branco e suspenso sobre as convulsões do mundo.

No fim da festa, subimos as escadas os três, de mãos dadas, às gargalhadas. "Não vai levar a noiva ao colo?" perguntou alguém, e tu respondeste: "Não. A noiva é que nos leva aos dois pela mão." As raparigas soltaram gritinhos excitados, chamaram-me abafadora e atiraram-me flores. Sentime estonteada dentro de uma chuva de pétalas, o champanhe subindo até ao extremo mais lúcido da cabeça, abrindo todas as portas que ligam a alma às vísceras. No corredor escuro, a tua voz souou com uma nitidez de espelho: "Jennifer, minha filha, a menina dorme no quarto do Pedro. Veja se lhe quer mudar alguma coisa para ficar ao seu gosto. Queremos que se sinta bem cá em casa, minha querida." Depois fizeste-me uma festa no queixo, o Pedro pousou um beijo na minha testa, e os dois entraram no nosso quarto, aquele que tinha a larga cama de dossel da minha avó e os lençóis de linho debruados a frioleiras que ela bordara para celebrar a minha entrada no universo do amor real.

Não percebi porque é que nada sucedia de acordo com as normas, mas nessa noite nem sequer fiquei triste. Estava muito cansada de ter sorrido e dançado o dia inteiro, cansada de ser bonita e espirituosa num vestido pesado de rainha, pensei apenas que me querias proteger, como sempre, ou que simplesmente te agradava prolongar um pouco mais o perverso prazer da espera. Rodei muitas e muitas vezes a aliança no dedo, enchi de beijos o oiro quente e adormeci, já sem medo desse momento de entrega final que tanto me perturbava os sonhos.

Nunca contei esta história a ninguém. Não me pareceu que tivesse qualquer interesse, as pessoas aborrecem as histórias felizes e têm razão, a felicidade convoca o que em nós há de mais melancólico e solitário. Comecei agora a escrevê-la sobretudo para Camila, temo que um dia ela descubra a totalidade dos factos e se zangue connosco. Os factos, minha querida Camila, não existem, são peças de loto que inventamos e encadeamos para nos sentirmos vitoriosos ou, pelo menos, seguros. Cada ser tem o seu segredo, cada amor o seu código intransmissível. Do nosso amor nasceste tu, e devotei um esforço de decifração desse código que é a tua herança, a luz que te é dada para que a transformes na tua particular aparição.

Sobretudo, não procures no amor o caminho que ele não tem. No fim da Guerra, as pessoas descobriram-se entre ruínas e acreditaram que o mundo podia salvar-se através da construção. Os mestres de obras enriqueceram, passaram a chamar-se empreiteiros e tornaram-se exemplos a seguir para tudo. A utilidade fez-se valor dominante, os filósofos estudaram ciências naturais, estenderam as inquietações sociais em mesas, como dantes só se

fazia à massa dos bolos, aos animais vivos ou aos cadáveres humanos, e montaram consultórios para resolver as pessoas. E o amor, que não tem resolução, desapareceu.

O tempo tomou-lhe o lugar, mas o tempo gira ao contrário da luz, do branco para o negro. Por isso é preciso que gire a uma velocidade cada vez maior, para que a vida passe sem darmos por ela. O amor, Camila, é o único travão da morte, foi isto o que tentei dizer quando um relâmpago te roubou o Eduardo. A crueldade do amor é exactamente essa, imobiliza a vida na eternidade, mas o relâmpago escusava de ser tão literal. Se não tivesse vindo nos jornais ninguém acreditaria que um rapaz pudesse desaparecer assim, saindo do mar, aos vinte anos, rachado por um raio caído do céu.

A luz tem os seus desígnios e os seus escolhidos, nasceste marcada por ela, sem essa língua de fogo incendiando o primeiro dos teus corações talvez nunca o tivesses descoberto. Não penses que estou a dourar o drama da tua existência. Tento, pelo contrário, descrever tranquilamente a possível verdade destes setenta e cinco anos que já vivi.

Como sabes, nunca tive que procurar emprego ou desenvolver uma eficiência qualquer. Custa-me tanto ver-te às vezes tão destruída pelo dinheiro, Camila, tu enfureces-te comigo, dizes que é a subserviência das pessoas o que assim te destroça, a facilidade com que se vergam ao poder e abandonam tudo aquilo em que acreditaram juntas, mas é o dinheiro o que assim verga as pessoas, o dinheiro lustroso que as veste da cor do Tempo, um longo manto de retalhos de papel que se confunde com a glória e a felicidade eterna. Respondeste rapidamente que sempre assim foi, e é provavelmente verdade, mas eu pertenço à última geração de raparigas poupadas ao flagelo de ganhar a vida. Vi a marquesa de Faya despejando os últimos anéis sobre o pano verde do jogo, vi-a morrer aos pés dos croupiers e ser empurrada para longe da mesa pelos pés ávidos de outros perdedores, mas nunca vi duas amigas degladiando-se pelo favor de um chefe.

Agora que as guerras acabaram, a primeira coisa a que as pessoas parecem capazes de sobreviver é a si mesmas, e é isso o que mais assusta.

Se ao menos o teu trabalho não se parecesse tanto com o amor, Camila, mas essa promiscuidade infiltra-se em ti como uma doença. Quiseste viver do teu talento e agora ele tritura-te como uma máquina registadora. Fotografas uma Terra sem Céu; por mais que me fales de necessidade de distanciamento e de registo irónico eu não consigo deixar de ver uma imensa névoa de gelo retraindo os contornos das tuas imagens irrepreensíveis. Pões nas fotografias o rigor que não encontras na vida, sempre que as pessoas te magoam por omissão fechas-te na câmara escura a sublinhar contrastes.

Atravessei épocas materialmente complicadas, mas a imobilidade do amor manteve-se inalterada no centro da minha vida. Vivi sempre tão apaixonada pelo António como o António pelo teu pai, e ambos me amaram e amam da mesma forma que eu, com firmeza e cumplicidade. Custa-me dizer "no meu tempo", como fazem as pessoas da minha idade, porque o meu tempo é simplesmente o tempo de partilhar o amor com os seres que

amo. Por isso tu, que chegaste ao meu colo seis anos depois do dia do meu casamento, tens no meu coração a mesma antiguidade que o teu pai ou o amante dele, que me deu a ventura de conhecer o amor. Resistimos à lâmina fina dos humores e à lenta tenaz das interdependências. Vieste na altura certa, Camila, porque a paixão fecha o mundo. E a prisão exacerba o pior de nós, mesmo sem darmos por isso.

Ao princípio a intimidade deles fazia-me mal. Passava noites inteiras com o ouvido colado à parede odiando-lhes as vozes misturadas, o ritmo conjugado dos corpos, os gritos e o sono. Tinha tanto medo das coisas assombrosas que se passavam naquele quarto que deixei completamente de dormir.

Atravessei dias e noites e noites e dias alucinada, deambulando por uma casa cheia de fantasmas, rezando canções de embalar sobre fadas e anjos-da-guarda, até que caí redonda no alpendre, ofuscada de sol e de cansaço. Acordei na manhã seguinte com as mãos deles brincando dentro do meu cabelo, na cama larga de dossel onde a minha mãe nascera.

"Menina tonta, já sossegou?", perguntou-me o António, e eu vi os nossos três corpos nus brilhando no espelho do toucador, as pernas castamente entrelaçadas como num jogo de crianças.

E à maneira das crianças nos amámos a vida inteira, sem transpor a porta do erotismo, num faz-de-conta implacável feito só de dor e delícia.

Tudo o que há para saber do amor é deslumbrada aceitação. Não se aprende a amar, Camila; não há vontade democrática capaz de espalhar a paixão pelas bolsas de pobreza onde ela não chega, nem fábricas capazes de a produzir em peças, para montagem, construção ou exportação. Não há nada de justo neste sentimento: a justiça, aliás, não passa de um espectáculo de ordenação do mundo, um circo que inventámos para substituir a irracional lei do coração.

Não procures explicação para a minha vida, nem a tomes com pena ou escândalo; quando eu ficar tão velha que pareça louca, lê nestes cadernos que eu fui feliz. Não te preocupes como ou quanto, nem caias na tentação de distinguir amor e paixão: a pouco e pouco, fui vendo que essas divisões são armadilhas que se montam para que o pano caia sobre os nossos olhos e a imortalidade desapareça do nosso horizonte. O amor, Camila, consiste na divina graça de parar o tempo. E nada mais se pode dizer sobre ele.

PODIA TER ABANDONADO essa quase ridícula condição de virgem casada. Mas nunca me apeteceu, de qualquer forma, ninguém sabia, e nesse tempo a castidade ainda não era um sinal exterior de insucesso.

Tive pretendentes, sim. Lembro-me sobretudo do Manuel Almada, quase triste de tão meigo, irresistivelmente paternalista e aristocraticamente distraído. Lamuriava-se ao de leve de uma fama de sedutor a eito que lhe dava mais embaraços do que trofeus. Quando era miúdo apaixonava-se pelas pessoas que não conhecia, pelas primeiras imagens do cinema. E no fundo, continuou assim pela vida fora.

Reconhecime em parte no seu carácter de permanente turista, que declarava que todo o amor vivido é uma degradação do amor. Dizia que

amar uma rapariga é, afinal de contas, não amar ninguém, porque as raparigas mudam todos os dias. Tinha razão. O amor dele não me conseguia tocar, porque a mulher que ele via em mim não me conhecia. Era quase dez anos mais novo do que eu, tanta juventude agoniava-me. Se calhar fui a única mulher do mundo a desejar envelhecer. Assustava-me a ideia de acordar todos os dias da vida com a mesma pele lisa de objecto sem passado. Amava as imperceptíveis corrosões do tempo; talvez por isso, diziam-me que parecia cada dia mais nova. Ganhei fama de bondosa por alheamento. Intrigava-me a persistência que as pessoas punham nos actos, para o bem como para o mal.

Creio que por isso mesmo cheguei a desencadear paixões furiosas; tinha todos os sentidos pousados nas substâncias passageiras. Divertia-me o jogo das intensidades. Numa hora beijava, na seguinte enxotava e ria. Ria-me porque nada há de excessivamente grave no mundo. Ria-me porque amava, e amar me bastava.

Não me lembro da experiência da dor. Uma das vantagens do envelhecimento é conseguirmos esquecer aquilo que não nos apetece recordar. Lembro-me de um linguista que se queixava de não ser capaz de esquecer nenhuma das vinte e tal línguas que conhecia. Dizia que se sentia enlouquecer por ter a cabeça cheia de informações de que não necessitava. Sentia-se atafalhado de irrelevâncias. Não penses que te estou a dizer que na velhice as pessoas ficam mais perto da essência da vida; não consigo encontrar uma solução para os problemas do Universo pelo facto de ser velha.

Mas acho que ganhei em frivolidade, sobretudo depois da tua morte, António. Eu era uma rapariga demasiado séria, e agora tornei-me uma velha leviana.

Aos vinte anos, combatia as minhas inseguranças através de um humor bastante cruel. Diziam: "Que céptica, esta rapariga!" e eu julgava que o cepticismo era um sinal de inteligência. Agora, o meu humor tornou-se mais gentil, mais bem comportado. Pelo menos assim o espero. Não quero magoar ninguém. Isso para mim passou a ser fundamental. As pessoas passam metade da vida a maltratar-se umas às outras, por medo e necessidade de afirmação. É uma actividade triste e profundamente inútil. Já não tenho vergonha de ser meiga; foi uma das coisas que me levaste quando morreste.

Ameiguiçe caía-te tão pouco e tão mal que me lembro de todas as vezes em que, sem querer, te empurrei para dentro dela. "Jennifer, minha querida, que paciência tem para os meus amigos", dizias-me tu, por exemplo, quando o Costa Veleno partia a garrafa de Porto no canto da papelreira Império da sala de visitas, vociferando contra aquilo a que ele chamava o conluio do Salazar com a corja dos ingleses. Eu limitava-me a rir enquanto apanhava os cacos, porque, simplesmente, me divertia, António. O Delfim Costa Veleno - "com dois eles, Jenny, escreva com dois eles, não se esqueça que o meu nome é de origem italiana, o meu avô foi um dos mais prestigiados elementos da corte de Victor Emmanuel II" - era um espectáculo fulminante, a testa loira peijando-se-lhe de suores diante dos ricos e poderosos, o corpo baixo e roliço coruscando de energia, os lábios grossos brilhando, indiscretos, entre a breve mosca e o bigode retorcido.

Achava-se particularmente nervoso, o Veleno, ao findar a grande Exposição do Mundo Português de que, nas suas palavras, ele fora um dos pilares centrais. Urrava amargamente sobre a ingratidão do presente para com os Homens que erguem o Progresso da História, e acabava as noites a chorar no ombro do seu pupilo do momento. Eram sempre rapazinhos imberbes, com o tipo plácido e deslumbrado dos moços de recados, aos quais Veleno queria à força transformar em janotas ilustrados. Cansava-se invariavelmente ao fim de seis meses, mas não desistia: trocava um jovem bruto por outro, igualmente manso. A maioria deles desaparecia do nosso convívio sem que tivéssemos sequer conhecido o som das suas vozes. Uma vez pegou-se à tarefa com o António Botto, no caramanchão do jardim, acusando-o, doido de ciúmes, de corromper o seu discípulo.

Mas as nossas noites de Veleno acabavam cedo; a dada altura, Delfim emergia, num repente, ainda sacudido de soluços, do canapé do fundo, arrastando o rapaz pelo braço, e, esbugalhando os olhos para disfarçar o inchaço, anunciava: "Bambini: custa-me horrores privar-vos da minha companhia, mas lembrei-me agora que o Secretário dos Negócios Estrangeiros ficou de me telefonar. E quando a Pátria nos chama, não podemos negar-nos, Santa Madonna!"

O Secretário nunca telefonou. No Verão de quarenta e um bebia apocalipticamente agarrado ao folheto Portugal, Mãe do Futuro que me trazia na capa. "Veja, Jenny. Criei-lhes uma estrela e eles não são capazes de pegar no telefone, sequer para me agradecer." A estrela criada que era eu consolava-o e consolava-se num encolher de ombros lento e piedoso. Troçaste tanto de mim, António: "De musa da boémia a mãe de Portugal, isto é que é uma trajetória, Jenny!" Se ao menos eu fosse capaz de desencadear as tempestades que reservavas ao Pedro, teria valido a pena a minha queda na vaidade, inocência maior.

Veleno nem sequer andava por perto quando me vieram propor a famosa fotografia. Insistira em ciceronear-nos pelo grande Mundo Português que considerava seu, "quero que entendam todos os detalhes da coisa, e quero apresentar-vos ao Almada, ao Telmo e a todos os outros meus queridos amigos artistas", mas largou-nos assim que entrámos no recinto da Exposição, na aflição de se fazer visto pelo Duarte Pacheco, e de cumprimentar todos os representantes do corpo diplomático.

Eu tomava um capilé com a Josefa Nascimento, uma das poucas mulheres com que me dava, na palhota-leitaria próxima do Pavilhão das Missões Católicas, cercado por reproduções de aldeias africanas recheadas de negrinhas sorridentes, quando um homem grisalho de óculos redondos me interpelou delicadamente. Dissemos que o meu rosto era exactamente o que procurava para a capa de uma publicação sobre a mulher portuguesa, Eva e Maria num só olhar, e suplicou-me que, pelo amor de Deus, aceitasse pelo menos fazer testes de imagem, havia mesmo a hipótese suplementar de um filme. No dia seguinte tu partirias com o Pedro para mais uma das vossas incursões românticas pelos casinos de Portugal e Espanha. Aceitei imediatamente, com uma prontidão que surpreendeu a própria Josefa, para a qual o mundo parecia não ter surpresas.

Afinal, o filme chamava-se O Céu nos Teus Olhos e o realizador disse que, mesmo a preto e branco, se percebia que os meus olhos eram verdes. Creio todavia que a minha voz lhes agradou, ou talvez simplesmente não soubessem como mandar para casa uma rapariga tão determinada a ser mais do que uma fotografia. O certo é que me ofereceram um programa de correio sentimental na telefonia, Cartas do Coração por Maria da Felicidade. Durou vinte anos, e nunca te contei. Nem a ti nem a ninguém, nem sequer à Camila. Aliás, parece-me que a Camila me deprezaria um pouco, se soubesse. Um dia, quando eu regressava a casa depois do programa, dissemos que tinha estado a ouvir na rádio uma Maria da Felicidade cuja voz era igual à minha, mas em figurino de mulher fatal. Ria-se: "Como se tu fosses capaz de dizer aquelas patéticas sentimentalóides." Não faz mal. Puxava a voz do ventre e tomava-me perita em homens.

Era uma maneira de me vingar de ti, da solidão do meu segredo, das mulheres que não tinham segredos. Foi também, muitas vezes, a maneira de manter a Rosário connosco, quando todas as outras criadas já tinham partido, ou de conseguir um quilo de bifés. Santa Madonna! - Delfim Veleno nunca teve o prazer de verificar que privava com uma artista de rádio. Dois

meses depois do folheto, considerou-me um caso perdido e remeteu-se às suas habituais angústias de ascensão.

Contou-me a história da sua vida logo que o conheci. Explicou-me que o pai lhe dera o nome de Delfim para assinalar o seu destino de redentor, porque ele nascera a 14 de Dezembro de 1914, sobre o assassinio de Sidónio Pais. A mãe morreu-lhe no parto e o pai tornara-se, por força da ruína, um obscuro guarda-livros, que todavia nunca se conformou com essa obscuridade. Delfim foi amestrado desde a mais tenra infância: aos quatro anos, escrevia cartas e tocava piano. Ambrósio Veleno exortou-o obsessivamente ao génio: o filho tinha de ser um Mozart ou um Dante.

Um dia, procurando estimular-lhe o sentido estético, pregou-lhe na gravata uma belíssima borboleta que ficou a debater-se sobre o seu peito, numa agonia feroz, durante um tempo que pareceu a Delfim, então com sete anos de idade, mais do que um século. O pequeno Veleno permaneceu imóvel e mudo durante todo o dia, sem coragem de libertar a borboleta, chorando silenciosamente. "És um fraco", dizia-lhe o pai. "Herdaste o sangue chilo da tua mãe." O pequeno Veleno cresceu a ouvir dizer que era um fraco, um fraco incapaz de honrar os sonhos e a grandeza dos Velleno. "O meu pai tinha razão, levei a juventude toda a ser um fraco", dizia ele, às vezes, aos íntimos, cofiando a mosca com melancolia. "Mas a culpa não era da minha mãe. Ele vinha de uma família judia muito antiga, que se fez passar por convertida no tempo da Inquisição, e os judeus são gente de ténpera. Nunca se puderam dar ao luxo da languidez, é o que é. Portugal só não morreu debaixo dos seus contínuos deslumbramentos e ataques, porque os judeus lhe foram segurando as raízes. Durante a minha juventude, sonhava todas as noites com os olhos da minha mãe a despedirem-se de mim enquanto eu nascia. Embrulhada em sangue, como uma mártir, procurava em mim uma força que eu não sabia dar-lhe. Acabou por prescindir das forças que tinha para mas oferecer. Arrasto essa culpa até hoje."

Ambrósio Costa Veleno empregou-se como mordomo nuns fidalgos para pagar o melhor colégio de Lisboa ao filho. Quando o menino fez quinze anos os patrões estavam para fora e Ambrósio decidiu dar uma festa no palacete, para convidar os colegas de Delfim. A festa foi tão falada que chegou aos ouvidos dos donos da casa, e Ambrósio perdeu o emprego. O que em seguida aconteceu prova que a aflição pode acender umas luzes semelhantes às do génio: Ambrósio Veleno foi bater à porta de todos os comércios de Lisboa e fundou um jornalito de distribuição gratuita, integralmente preenchido por anúncios, chamado O Reclame. As ofertas de emprego e de casas para vender ou alugar fizeram da iniciativa um sucesso. O Veleno pai passou de nobre pelintra a burguês endinheirado em muito menos tempo do que o filho levou para completar o sétimo ano do liceu. A abastança veio amaciar fartamente as implacáveis expectativas daquele pai: "Deixa lá, filho, não te apoquentes, quanto mais tempo ficares no colégio mais pessoas importantes conheces, e isto o mundo é mais dos conhecidos que dos sabidos."

O senhor Ambrósio tinha razão. Veleno conseguiu tornar-se

tonitruantemente anti-germânico mesmo antes do fim da guerra e fazer-se encontrado com um director de serviços da Polícia de Defesa do Estado, que lhe arranjou um lugarzinho nos arquivos. "Agora, com a memória da Nação ao meu cuidado, já posso escrever o romance de que o século necessita", anunciou. Josefa Nascimento fez um dos seus sorrisos escarninhos e declarou: "Pobre Veneno. Nem o nome te puseram direito, e já te julgas capaz de matar."

Josefa Nascimento publicava romances policiais sob o pseudónimo de Joseph Birth."Pus o meu nome em inglês macho, para vender bem", explicava ela, aos poucos a que confiara a sua existência paralela. Não era obviamente o caso do Bufo Veneno, assim nomeado pelo espírito premonitório de Josefa. Era capaz de dissertar uma noite inteira sobre a Responsabilidade Moral do Escritor - com o António Botto como contraponto mordaz, proclamando, na sua voz afectada, o virtuosismo superior da sensação e a sagrada inefabilidade da carne. Adada altura, como Josefa perseverasse, ele bocejava ostensivamente e rematava: "Deixa-te de retóricas, menina, que com tanta moral tiras-me o ar da alma e fechas-me o entendimento."

Com mais ou menos moral, o António Botto gostava muito da Josefa. Enternecia-o que ela se guiasse tanto pelo coração, quando defendia estreitamente a razão. Enternecia-o sobretudo a amizade incondicional que ela votava a Judith Teixeira, uma poetisa ousada cujo primeiro livro - Decadência, de 1923 - tinha sido queimado pelas autoridades. Publicara depois disso mais dois livros, o segundo dos quais, que se chamava Nua, Poemas de Bizâncio, lhe valera o opróbrio público, acabando por remetê-la a um silêncio cada vez mais desesperado. António Botto protegia-a como podia, e arrastava-a para nossa casa, tentando animá-la. Os bens e ouros de Judith foram-se escoando, na sua inglória luta contra o tempo, deixando-a quase na miséria. Josefa sustentou-a, com subtilidade e constância, nos últimos anos da sua vida.

Josefa Nascimento não era bonita. Tinha os olhos demasiado juntos sobre um nariz adunco e uma boca de formato desdenhoso, que aproveitava para se mostrar irónica. Mas os seus gestos expansivos irradiavam uma tranquilidade superior que definia outra espécie de beleza. Parecia alheia às pequenas mazelas dos afectos, concentrada na suave salvação do mundo.

Abem da moral, o pai impedira-a de frequentar a Universidade; acabou por casar à revelia com um poeta brasonado e estróina e a responsabilidade arrastou-a pelo pescoço, obrigando-a a trabalhar e estudar ao mesmo tempo. O curso de enfermagem deu-lhe o conhecimento necessário sobre doses e substâncias. Apanhara na infância o vício dos policiais; criança ansiosa, aquele tipo de literatura dava-lhe a garantia de que o poder da razão acaba por vencer. Só aos trinta e tal anos, quando começou a entrar ao fim do dia de trabalho numa casa vazia, se lembrou de cumprir essa vocação adiada. Nunca lhe ocorreu escrever o romance autobiográfico por onde toda a gente se estreia, por respeito para com o marido, que depois de perder tudo ao jogo acabara num hospital psiquiátrico.

"É muito difícil escrever um bom romance policial, o que me levou a pensar que essa seria uma aprendizagem maravilhosa para uma pessoa decidida a ser um escritor sério", confessava. Mais tarde verificou que podia permanecer dentro da chamada fórmula, e mesmo assim dizer algumas verdades acerca dos homens, das mulheres e da sociedade. Ainda por cima, o carimbo policial rendia-lhe público, dinheiro e impunidade: ninguém buscava mensagens subversivas em livros intitulados *Nas Trevas do Coração* ou *A Noiva Assassinada*.

Interessava-lhe sobretudo, nos livros como na vida, explorar os labirintos da escolha individual. Aproximei-me dela à medida que a ouvia falar num tom frio, quase desumano, acerca das compulsões das pessoas, do bem e do mal, e do modo como escolhemos estas palavras. "De uma certa maneira sou muito conservadora", dizia ela, "no sentido em que fico preocupada com a mudança brusca de coisas que foram aperfeiçoadas e funcionaram durante muitos séculos. Por exemplo, não gosto que deem abaixo edifícios antigos, parece-me que, no geral, por mais justificações estéticas que arranjemos, tendemos a substituí-los por outros piores. Mas sou bastante radical em outros aspectos."

Era pródiga em ideias sonas de revolução: organizava uns chás em prol da "Alegria da Maternidade" onde falava de métodos de contraceção e explicava que a instrução e o trabalho exterior das mães desenvolvia extraordinariamente a inteligência dos filhos; criou uma espécie de associação informal de médicas e enfermeiras para valer aos concretos e quotidianos desesperos das mulheres. "Enfim," dizia, "divirto-me a tentar tornar o mundo um bocadinho menos enervante."

Os livros vendiam-se cada vez melhor, mas o sucesso nunca a impeliu à revelação da sua identidade: "Bem vê, Jenny, a fama é proporcional ao mistério. Virá um tempo em que as pessoas se esquecerão totalmente disto, apavoradas diante de uma morte sem redenção, e hão-de expor-se até ao osso por um ou dois metros de fama. E não se esqueça que um dos trunfos do meu querido Joseph Birth é a sua enxuta virilidade.

Ou pensa que o seu amigo Veleno se entusiasmaria tanto com os livros do Birth se soubesse que eram meus?" Ri-me. O Delfim elogiava tudo o que fosse aprovado pela elite, e Birth tinha uma certa voga, creio que por ser inglês, e acima de tudo porque a mistura entre a trama policial e citações de D.H. Lawrence e Virginia Woolf lhe conferiam um picante inédito. Na realidade, Veleno nunca devia ter lido sequer uma página, não me parecia possível que ele pudesse gostar de mistérios virulentamente feministas como os dela. "Ah," disse Josefa, "mas ninguém apreciaria esse feminismo, como você diz, se a mão que o assina fosse de mulher." Sorri: "A começar pelas próprias mulheres."

Contudo, nunca nos tornámos íntimas. Aliás, eu enchia a casa de amigos precisamente para afastar todas as hipóteses de intimidade. Sobretudo, para pulverizar a vossa intimidade. Ou antes, para que aquela festiva multidão de estranhos me oferecesse a ilusão de ser a tua mulher.

PARECIAM FEITOS UM PARA O OUTRO, tu e o Pedro. Um piano e a sua partitura. Tu gostarias de ser a música, mas eras forçado, pelo próprio excesso da tua paixão, a permanecer instrumento de ressonância dele. Creio que foi por amor de ti que o Pedro abafou o talento que tinha. Vários talentos, de resto; pintava o que queria, escrevia poderosamente, e tinha uma esplêndida voz de barítono. Mas nada disso se comparava, para ele, à perfeição compacta dos teus sentimentos. Ele queria amar-te com a obsessiva exactidão com que tu o amavas, e esse permanente hiato de desejos impossíveis adejava entre os dois como um sol privativo. Às vezes quase custava olhar. Ele pegava com a mão esquerda no cigarro que tu fumavas com a mão direita, e começava a fumá-lo. O Pedro nunca começava nada; limitava-se a pegar no que tu começavas para o acabar, lentamente.

Foi assim desde o primeiro dia. Tu estavas a jogar na roleta, em Monte Carlo, e não paravas de perder. Um jovem de cabelos negros curvou-se sobre o teu ombro e segredou-te um número, em português. Um número aziago entre todos, de resto: o do dia do naufrágio dos teus pais, no regresso do Brasil, onde o teu pai tinha uma plantação de café. Apostaste nesse número e ganhaste. Voltaste a apostar e a ganhar. No fim da noite, dividiste o prémio com o jovem português, que era o Pedro, ao mesmo tempo que lhe ordenavas que se desfizesse da rameira que trazia pendurada no braço. O teu anjo-da-guarda pediu-te decoro na linguagem mas obedeceu. Beijou a mão da mulher, segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido e seguiu-te. Mas na noite seguinte foste encontrá-lo na cama dela. O Pedro contou-te então que essa mulher já entrada nos anos, viúva de um negociante rico, era o único amparo que tinha na vida. Crescera num orfanato, de onde saíra para trabalhar como fiel de armazém nas empresas dela. Agora ela dava-lhe uma renda mensal para que a passeasse pelo mundo. Então tu ofereceste-te para substituir a viúva do comerciante.

Desde esse Verão de 1934, exactamente um ano antes do nosso encontro na Grécia, tu e o Pedro tornaram-se inseparáveis. Ou quase: de vez em quando ele esfumava-se entre os teus dedos. Montavas-lhe esperas em portas de pensões esconsas. A tua solitária viagem à Grécia surgiu como represália a uma dessas esperas bem sucedida. O Pedro saiu da pensão com uma rapariga, tu insultaste-o e partiste no dia seguinte. O meu amor por ti nasceu sobre a ferida oculta da tua raiva, António. Uma pequena traição foi ao encontro da maior fidelidade.

Nunca tive vontade de confidenciar a nossa história, nem sequer à Camila ou à Natália, porque mesmo elas teriam pena da mim. Prefери sempre que elas nos supusessem ligeiramente devassos, mas felizes. Vivíamos oficialmente em três quartos, e eu encarregava-me pessoalmente de desmanchar a suposta cama do Pedro, onde na realidade ninguém dormia. É verdade que fomos felizes, embora nunca tenhamos constituído

um triângulo amoroso convencional. Quis sobretudo que ninguém suspeitasse da minha castidade, que nos envolveria aos três no falso manto de um equívoco trágico.

Só depois de casada soube dos motivos que te conduziram até aos meus braços, em Meteora. O Pedro mencionou essa viagem durante uma discussão contigo. Estavam tão exaltados que não vos deve ter ocorrido que eu pudesse ouvir-vos, no quarto ao lado. Não fiquei magoada, nem sequer decepcionada; habituara-me já ao espectáculo da vossa dolorosa paixão, e preferia a quietação do meu amor sem esperança nem morte. Agradei a Deus a tortuosa destreza da sua escrita, que faz florir as feridas da forma mais improvável.

Só a vista do Tejo não mudou, com a vossa chegada a esta casa que dantes era minha. A única coisa que te pedi, António, quando começaste a querer transformar o meu jardim suavemente geométrico numa obra barroca e monumental, foi que nunca tapasses este pedaço de rio que se avista das varandas dos quartos, brilhando como uma estrada de diamantes para lá do casario recatado da Ajuda até às colinas da margem sul. E tu cumpreste.

Uma vez vi o Pedro no meio do jardim a esventrar, com a tesoura de podar, uma tela que prometera oferecer-me. Tu abanavas a cabeça, e dizias, com a voz embargada: "Desculpa. Não sei como pude pedir-te que destruisses uma obra tua. Sou um criminoso." Por fim ele pousou a tesoura, fez-te uma carícia no rosto e deu-te um beijo na testa. Tu empurraste-o, mandaste-o para o inferno, a ele e à sua ternura, fugiste pelo carreiro do lago. Ele correu atrás de ti, atirou-te ao chão, deitou-se sobre o teu corpo e beijou-te violenta e vagorosamente a boca.

Vocês nunca souberam que eu estava, imóvel e deslumbrada, na varanda. Vi tudo o que vocês não podiam ver: os movimentos da luz nos cabelos negros do Pedro, os reflexos do lago perseguindo os beijos sobre o teu corpo, um pardal debicando sobre a pintura das vossas roupas enrodilhadas.

Cheguei a pensar que tinhas tido ciúmes de mim. O Pedro disse-me que deixara a tela no alpendre, por esquecimento, durante a noite, e o gato a arranhara de forma irremediável. Mas nessa mesma noite, no quarto, tu juravas ao Pedro que nunca mais terias raiva das obras dele, e que te ias curar desse medonho egoísmo de falhado. "Mas se foste tu o autor daquela imagem, António. Não te lembras?

Foste tu quem imaginou Deus e o Diabo sentados sobre o xadrez das árvores do jardim. Foste tu quem imaginou o próprio jardim. Às vezes eu mesmo me sinto uma obra da tua imaginação, e tenho medo que um dia me faças desaparecer."

Dizias que as grandes árvores de folha persistente, prolongando-se sobre nós como a sombra dos dias, eram um insulto à precaridade humana: "Só as suportes disciplinadas, talhadas à medida da vida." Contratámos quatro jardineiros experientes para dar forma ao tabuleiro de xadrez em que tu querias ver transformado o jardim. As sebes de buxos e teixos tornaram-se reis, bispos, peões e cavalos de cinco metros de altura, e desse desvairado

trabalho de ordenação resultou uma atmosfera acolchoada onde os volumes parecem flutuar pelo espaço como alucinações. Amestrado, o jardim de que vocês sonhavam fazer uma obra de arte tornou-se incontrolável, um labirinto de ocultas vontades vegetais que mudava as vozes e acelerava os instintos de quem nele se demorasse.

Partilhavas com o Salazar que tanto detestavas uma essencial incapacidade de compreender a que ponto a imposição desinquieta a paz das coisas. Monologavas em definitivo, aduzindo razões como desenhos de uma clareza divina. Concluías: "Parece-me que isto é acessível a qualquer inteligência mediana", e só a inteligência de Veleno, em risco permanente de se tornar medianíssima, aplaudia, ofuscada. Por isso ele despertava em ti, desde o primeiro momento em que se conheceram, numa exposição de artistas amadores onde o Pedro tinha uns quadros, uma compaixão mais funda do que muitas cumplicidades. Por isso o defendeste, mais tarde, quando a fome de poder elevou a sua cobardia à categoria de denúncia grave.

Costumavas dizer que ser amigo de alguém é ter a coragem de conhecer o melhor e o pior dessa pessoa, e guardar esse pior, por mais peso que tenha, no silêncio do nosso coração. Na realidade, nunca ouvi uma definição de amizade mais precisa e poética. Vezes sem conta, a clarividência atravessava os teus monólogos num voo rasante. Quase sempre, porém, esse voo se despenhava na inultrapassável cordilheira da tua solidão. Todas as tentativas de acompanhamento te pareciam manobras perversas destinadas a abater-te.

Uma ocasião chegaste a abandonar a sala, a tremer de fúria, só porque a Josefa te alertou para as contradições de uma atitude política que tu próprio acabavas de reprovar. Dizias: "O naturalismo é feito de aceitação, e quando damos por nós estamos emparedados numa ditadura. Ser cosmopolita é a única forma de escapar a isso. Sou contra a natureza porque ela é de Direita: a seleção natural extermina os mais fracos." A Josefa lembrou-se de acrescentar que, paradoxalmente, foi a Direita quem se ergueu ao lado da Igreja para defender o direito à vida do mais defeituoso e inviável dos fetos, e tu estremeceste. Irritou-te que esta dedução lógica não tivesse partido de ti.

Aproveitando o teu momentâneo silêncio, a Josefa quis brilhar pelo atrevimento, como era aliás seu timbre, e disparou: "Concluo portanto que também serás contra a prática do sexo, que é a base da perpetuação da própria natureza. Vou passar a tratar-te por anjo António." Disseste: "Bom, já que não posso acabar os meus raciocínios, vou-me deitar", e subiste a escada sem te despedires de ninguém. Eu ri-me. A Camila, que nesta altura já tinha uns dezoito anos e era tão definitiva como tu, disse: "Ora, Jo, não lhe ligue. Os homens ficam sempre incomodados quando as mulheres falam de sexo e do direito ao seu corpo." O Pedro disse: "Pobre filha. Não podes entender nada." É assim que muitas vezes as conversas interessantes se arruinam.

A necessidade de afirmação da natureza humana possui, meu querido António, uma violência biológica capaz de arrasar instantaneamente o

belíssimo castelo de cartas da nossa imensa cultura. Num leve sopro, num tranquilo serão. Porque as palavras do Pedro exprimiam amor e culpa para com Camila. Mas ela sofreu muito com estas e muitas outras frases semelhantes, através das quais, querendo compensar a encenação de toda uma vida com uma carícia de ternura verdadeira, Pedro a enxotava do seu sangue. Os equívocos foram crescendo como ervas daninhas, imperceptíveis e persistentes, criando devastações irremediáveis.

Hoje tenho a certeza de que deveríamos ter contado a Camila o nosso segredo, tão pobremente encenado. Tenho a certeza de que os nossos amigos, pelo menos a Josefa e o Manuel Almada, percebiam a tua paixão pelo Pedro, e nos amavam mais, aos três, por isso mesmo. O amor dissolve em fumo qualquer escândalo, por mais estranho que ele surja aos nossos aparentes valores. O escândalo a que não se sobrevive é o da ausência de amor, e foi a este que não a poupámos. Ainda por cima, era mentira: o teu pai amava-te muito, Camila, e o António ficava paralisado de comoção diante de ti, porque amava apaixonadamente o teu pai. Era isto o que te devíamos ter dito, em vez de te contar que nasceras acidentalmente de um desejo de Verão e que o teu pai pedira à mulher do seu maior amigo que te criasse. As histórias terríveis que contamos às crianças para disfarçar a pobreza da nossa comédia. Escondemos o que somos, e assim mantemos a ilusão de dominar o mundo.

Nem os escombros de duas guerras mundiais num só século conseguiram abrir-nos os olhos para o risível valor dos nossos segredos, António. Nem sequer nos atrevemos a subscrever a verdade que o nascimento de Camila nos apontava. Não temos qualquer moral para criticar a moral da geração dela. Espezinhamos o ser a favor das aparências do poder, ela espezinha as aparências para encontrar o poder de ser. Uma peça de teatro substitui outra, e as mulheres sobem à boca de cena para repetir esse ancestral vício masculino da construção de heróis.

Para ser aceite no mundo dos homens, a Camila esquiteja-se como eles sempre se esquitejaram, separa o corpo do coração e os sentimentos do pensamento, constrói categorias abstractas como diques capazes de sustentar a lava ardente da vida. Dois esforços igualmente patéticos de inutilidade. Dois tempos girando em falso, ensurdecendo a voz absoluta do caos através da ruidosa cuscuvilhice da Razão, deusa contemporânea que encontra no poder do seu discurso a vingança do esquitejamento que a fez nascer.

A Natália costuma dizer que eu não tenho rugas porque tive a sorte de viver fora da História, com um fundo ressentimento contra a persistente história que a discrimina por ser mulata, e eu limito-me a beijá-la com um sorriso, para que ela continue a acreditar que tem uma avó de antigamente, uma espécie de Natal imóvel e portátil. E no fundo é verdade; a entrega foi a minha única forma de afirmação, não levo da vida o peso das armas oxidadas. Sempre soube que não valia a pena, que o tempo é demasiado curto para ser contrariado. Um dia a Natália resumiu-me assim, num dos seus trocadilhos lapidares: "A avó é tão engraçada. A estranheza do mundo serve-lhe sempre de cais de partida e nunca de kitsch de chegada."

Vantagens de crescer à beira da guerra, parece-me. Havia racionamentos, mesmo para pessoas como nós, ou antes, sobretudo para pessoas como nós, incapazes de sequer pensar em usar o nome ou o dinheiro para ter um bocadinho mais de açúcar ou de gasolina do que os outros. Nisso, tu e o Pedro eram exactamente como eu. Com a diferença de que vocês perdiam na roleta tudo o que tínhamos, e eu detestava o jogo. Mas detestava-o só porque todas as lutas em torno do dinheiro me causavam um tédio infinito. Além disso, o jogo levava-vos aos dois para longe de mim, e a separação dói muito aos que cedo se apercebem da enormidade do amor diante da estreiteza da vida.

De qualquer forma, quando hoje a Natália me inveja a silhueta e a pele, e quando a vejo chegar esbaforida da aeróbica, carregada de cremes reafirmantes e de iogurtes magros, pedindo-me desculpa de não poder provar o arroz de pato que fiz especialmente para ela, fico triste. Queria que a minha neta experimentasse o simples prazer de percorrer a pé essa cidade grande que ela se afadiga a acrescentar, no seu estirador de arquitecta, e que depois, ao voltar a casa, se sentasse no alpendre a saborear uma fatia do bolo de um ovo só, com muita farinha e muito mel a substituir o inacessível açúcar. E queria que ao menos ela me acreditasse quando lhe digo que, se levantasse os olhos das revistas que folheia com fúria, descobriria nos olhos dos homens a insubstituível beleza do seu corpo redondo e da sua pele cor de canela.

Mas a minha independente Natália, nascida para libertar as mulheres como eu do terrível jugo masculino, só descansará em paz quando alcançar a magreza de ossos das adolescentes olheirentas que agora fazem as vezes das estrelas de cinema nas revistas.

Entristece-me vê-la perder a beleza sem dar por ela, marchando inconscientemente nas fileiras da indústria de morte que domina o mundo. Já não se fazem Marilyn Monroes a partir de Normas Jeans com ancas, barriga e seios. E não sei se será sensato pôr as culpas todas nos homens, querida Natália, porque talvez faça falta à libertação total de que vocês andam a tratar essa capacidade de amar a celulite, as lágrimas, as rugas e as ancas largas de uma mulher que só os homens parecem, apesar das campanhas contrárias, teimosamente manter.

Danielle, a tua verdadeira avó, era gorda como a lua cheia quando o teu pai se encantou com ela. E foi a única verdadeira mulher da vida dele, embora muitas esvoaçassem à sua volta.

Danielle nada tinha de borboleta. Conheceu-o quando corria com duas crianças pela mão nos Restauradores, debaixo de uma trovoadá súbita, no Verão de 1941. Ele apareceu oferecendo-lhe um guarda-chuva e ela disse-lhe: "Se for da polícia, que um raio o fulmine aqui mesmo, mas, de qualquer forma, agradeço-lhe que me deixe o guarda-chuva." Lembro-me desta frase tal como Danielle me contou e vejo o corpo de Eduardo desfeito por um relâmpago, os olhos de Camila secando para sempre, transformando-se em fotografias. A desgraça inscrita com todas as letras no próprio instante de graça.

Troçarias de mim, António, já sei. Sempre que as coisas começam a associar-se dentro da minha cabeça como os tentáculos silenciosos de um cancro, sinto o teu riso trocista varrendo a casa. Nem imagino o que seria de mim sem a companhia das tuas gargalhadas pela noite fora neste casarão deserto. Danielle gostava de rir por tudo e por nada, desafiando o céu e os bons costumes, sacudindo a cabeça para trás. Terias sofrido muito menos se não te tivesses recusado a conhecê-la. O ciúme é o vírus do analfabetismo sentimental, creio até que esta máxima foi inventada por ti. Nem por um momento a Danielle te roubou o Pedro, passei meses entre as tuas lágrimas e o choro da Camila a repetir-te isto, e podia ter sido tão fácil. O Pedro precisava da alegria que faltava à tua negra paixão, a Danielle precisava de deixar testemunho, e sabia que Portugal era o único sítio de perpetuação segura. O Pedro era muito meigo e, sobretudo, muito bonito. Era a última oportunidade dela.

Danielle era uma judia francesa escapada ao nazismo, que arranjava vistos de entrada nos Estados Unidos para compatriotas seus - em particular, mulheres com crianças. Ela própria tencionava emigrar para a América, quando o trabalho estivesse concluído. Mas o trabalho nunca estava concluído. Em 1943 soube que os pais tinham sido enviados para um campo de concentração e tornou-se militante activa da Resistência. Foi nessa altura que veio entregar Camila ao pai, antes de ir para França. Lembro-me como se fosse hoje do momento em que ela entrou cá em casa, nesse dia 27 de Abril.

Salazar discursava na Emissora Nacional, e eu escutava-o, tomando notas, às escondidas: "Por mim, manifesto o receio, porventura injustificado, de três tendências na arrumação do mundo: a ambição do óptimo, ou seja, o domínio do irreal nas aspirações; o vinco da guerra nos hábitos de colectivização da vida; o primado do económico, isto é, a inteira subordinação das soluções às exigências da economia, o que poderá revolucionar o mundo sem encontrar o caminho da paz." Gostava de o ouvir, fascinava-me aquele talento de diplomata que nos arredava da guerra e parecia-me que havia uma lucidez profética nas suas análises sobre a evolução do mundo. Não me grites, António; assim que escrevo o nome de Salazar sinto que o ar se turva com a tua ira. Mais tarde odiei-o tanto como tu, sobretudo depois do que os carrascos dele fizeram a Camila. Mas o ódio cego não serve para nada.

Danielle chegou, com os olhos inchados de lágrimas e uma minúscula Camille berrando no seu colo; parecia que adivinhava que o colo da mãe ia desaparecer para sempre. Pus a menina nos meus braços e confiou-me todos os seus tesouros para que os desse à filha: um maço de fotografias da sua infância, uns brincos de pérolas, uma carta onde narrava a genealogia da família e um fio de ouro com a estrela de David.

No fim da guerra soube que ela morrera no campo de Dachau. Soube-o por Delfim Veleno, que lhe financiara o último ano de permanência em Portugal. A princípio não percebias, António, porque é que Pedro e eu insistíamos em que a nossa minúscula Camila, que não foi baptizada,

aprendesse a chamar padrinho a Veleno. Ou talvez tenhas desconfiado logo: conheceste-lhe muitas outras histórias de generosidade pela calada. Delfim Veleno esteve por detrás dos diversos empregos temporários que garantiram a sobrevivência ao António Botto, que tinha sido despedido do Posto Antropométrico do Governo Civil de Lisboa e estava cada vez mais doente. Delfim Veleno depositava cheques anónimos na conta da associação de medicina ginecológica da Josefa, talvez em memória da mãe que lhe morrerá no parto. E uma vez perdeu uma aposta de propósito para salvar a honra da mulher de um diplomata. Tratava-se de uma rapariga de complexão frágil, grandes olhos melancólicos, reservada nos modos e discreta no vestir. Quando lhe foi apresentado, querendo ser simpático, Delfim jurou, com a sua habitual veemência, que já a vira, de longe, numa casa de chá, em Sintra. O diplomata disse que era impossível, já que a sua mulher não ia a Sintra há anos. Veleno tornou a jurar, apostou dois mil escudos e começou a dar pormenores. Então olhou para a mulher do diplomata e viu que o pânico a empalidecia quase ao desmaio. Tirou dois mil escudos da carteira e deu-os ao embaixador: "Desculpe, tem toda a razão. Era definitivamente outra senhora. Não sei como pude confundir a incomparável beleza da sua esposa. Os meus perdões, minha senhora. Perdoe a um velho míope."

As pessoas são mais imprevisíveis para o bem do que para o mal, por isso nunca me canso de viver. Mesmo agora, sozinha nestes salões vazios. Na transparência da solidão, as múltiplas tonalidades da tua alma e das almas de todos os que aqui se cruzaram connosco observam-se com mais nitidez. E misturam-se aos corpos dos vivos que me visitam - o Manuel Almada, a Camila, a Natália. Se calhar é por isso que todos saem daqui apaziguados.

Nunca me confrontei com as desilusões porque sou um ser solitário. Afasto-me das pessoas e observo-as de longe; nunca consigo vê-las de muito perto, sem enquadramento. Enfrentando a imperfeição aprendi a perdoar. Olho para a raiz das acções, e concluo que também eu a podia ter cometido. A pior delas.

A DERRADEIRA LUZ DO DIA revela a veemência íntima das coisas. Sempre foi esta a minha hora. O ar parece feito de oiro, abro as janelas para que os reflexos vermelhos das nuvens acariciem os quartos desabitados. Mantém-se tudo como quando tu vivias, a escadaria de degraus atapetados a damasco iluminada por candeeiros em forma de tulipa, a biblioteca com a estante de leitura diante do teu cadeirão inglês, ao lado da janela, a sala de jantar com o grande lustre italiano cintilando sobre a imensa mesa Império, as paredes num labirinto de imagens. Bernardo Marques ofereceu-nos um friso pintado a aguarela, que circundava toda a sala. Com os anos, o papel do friso amareleceu, conferindo um tom nostálgico a essas figuras de início demasiado prazenteiras. O Bernardo gostava sobretudo de pintar paisagens, mas como tu não eras grande amante da natureza, julgou mais apropriado reproduzir na nossa sala a atmosfera das tertúlias de café.

Ainda hoje me rio sempre que me lembro do pavor estampado na cara da minha mãe, quando entrou pela primeira vez como visita nesta casa que fora dela, e deparou com os irmãos incestuosos de Max Beckmann - um óleo tão magnífico quanto brutal, que tu e o Pedro tinham comprado em Berlim quando Beckmann era ainda um desconhecido - no alto da escada: "Jenny, a menina enlouqueceu? Já nem ao menos a memória do seu pai respeita?" Tu apareceste, com o peito nu sob o roupão de seda azul que eu te dera como presente de casamento, envolveste os meus ombros no teu braço e disseste: "Bom dia, querida sogra. Vejo que estás a apreciar as mudanças desta sua casa. Ora venha ver a sala de jantar, que acabo de rebaptizar como museu vivo dos contrastes." Apobre ficou sem palavras. Quando se recompôs disse: "Original, sem dúvida", e nunca mais se referiu à memória, do meu pai ou de outra qualquer entidade. Quando mudámos o nome de Casa das Camélias para Casa do Xadrez, encolheu os ombros e disse: "Deviam chamar-lhe simplesmente Casino, era mais adequado."

Nem tu nem eu podíamos imaginar, no entanto, que cinquenta anos depois a nossa casa ainda chocasse alguém. A Camila moeu-me o juízo para tirar da frente da lareira a pele de leopardo de olhos luzentes que o meu pai caçara em África. Em pequenina chamava-lhe gatinho mau e adorava adormecer enroscada nele, a olhar para o crepitar das chamas; mas quando cresceu e aderiu à filosofia hippie passou a ter vergonha dele.

Quanto à minha doce Natália, martiriza-me com as suas teorias arquitectónicas: clama que a forma deve servir a função, e quer por força "desatransformar-me", como ela diz, a casa. Acha que eu devia mudar o meu quarto cá para baixo, para a sala de música, pintar a casa toda, vender ou armazenar os móveis e objectos que ela considera "inúteis", substituir as banheiras de pé alto por outras mais práticas, remodelar a cozinha, substituir uma das casas de banho do primeiro andar por outra cozinha, e alugar a parte de cima da casa. Sair do meu quarto, do teu quarto, querido António, que só depois da tua morte reconquistei? Só morta.

Se me tivessem deixado casar com o Pedro, talvez concordasse. Arranjaria dois quartos para nós cá em baixo; parecer-me-ia um bocadinho adúltero que ele continuasse a dormir na tua cama, sem ti, depois do casamento. Pára de rir, se fazes favor. Também não queria que ele dormisse comigo. Aliás, quando ele me pediu em casamento, eu respondi-lhe que só aceitava se continuássemos a viver como irmãos. "Claro, Jenny", disse ele, e depois confessou, num sorriso melancólico: "De qualquer maneira, minha querida, já nem temos idade para essas novidades. Não sei se a menina passou pela experiência física do amor, nem estou, evidentemente, a pedir-lhe essa confiança. Mas caso nunca lhe tenha ocorrido provar as iguarias da carne, seria um insulto à sua belíssima sensualidade ousar tomar eu agora esse privilégio. Contudo, gostaria que soubesse que sempre nutri por si um terno desejo, e que se não me sentisse seduzido por si não lhe pediria para ser minha mulher." Acariciei-lhe os cabelos brancos com o vagar com que os teus dedos antigamente lhe acariciavam os cabelos negros, e depois beijei-lhe os olhos, o rosto e os lábios com uma delicadeza que já era só minha e do Pedro. Estavas ali, desta vez eras tu quem olhava, comovido.

Eu e o Pedro aproximámo-nos muito durante os longos meses da Primavera de 1988 em que nos revezámos à tua cabeceira, tentando aliviar o indizível martírio desse cancro que te conduzia lenta e firmemente para a morte. O odor adocicado da tua doença pegava-se-nos ao corpo, entrelaçávamos os dedos encharcados na água salgada que nos corria dos olhos quando tu não estavas a ver. A certa altura já nem sabíamos se ainda nos estavas a ver, e essa dor lancinante fez com que o meu coração e o do Pedro se tornassem uma só massa negra de nervos em cinza.

Ficarias mais feliz sabendo que o Pedro e eu permanecíamos juntos, António, isto mesmo tentei fazer entender à minha mãe. Não me ouviu: do alto dos seus noventa anos, voltou a tratar-me como uma miúda ingénua e imprestável, chamando-me "velha gaga" e ameaçando tirar-me a casa. Afligia-a obviamente a oficialização do estatuto de herdeira de Camila - preferia deixar o nosso património a uns quaisquer parentes afastados, do que à família do Pedro. Ao longo dos anos, tornou-se cada vez mais desconfiada da vossa cândida amizade, António.

Só Camila e Natália me apoiaram, mas o seu apoio foi considerado suspeitíssimo: a filha e a neta do caçador de fortunas em que subitamente se tornara o teu Pedro eram parte interessada neste enlace. Camila exaltou-se e exigiu assinar o que fosse preciso para abdicar de todos os seus direitos de herança, mas nem isso convenceu a minha mãe. Assim se vingava do Museu dos Contrastes e da cegueira com que me empurrara para os lindos braços do delapidador da sua fortuna e da sua vaidade. E assim me condenou à última solidão, a única que não escolhi e com que não sei lidar.

Sempre gostei de estar sozinha numa casa cheia. O ruído longínquo das conversas aquecia-me mais do que as próprias conversas. Muitas vezes fugia para as escadas para me deixar tomar pelo perfume quente das vozes, assim diluídas embriagavam sem deixar ferida.

Aprendi a fazer amor sozinha a ver e ouvir, do lado de lá da parede,

como tu fazias amor com o Pedro. Fiz um buraco na parede, sim, mesmo ao lado do espelho do toucador, em frente à vossa cama. Os meus dedos imitavam no meu corpo o percurso dos dele sobre o teu corpo. Nunca percebera porque é que, no colégio, as freiras vinham certificar-se de que tínhamos as mãos do lado de fora do lençol antes de adormecermos.

Um dia a freira obrigou uma menina a dar-lhe a cheirar as mãos ocultas e a menina levou trinta reguadas e ficou um mês de castigo. Chorava todas as noites, duas camas depois da minha, mas nunca consegui que me contasse que mal havia nas suas mãos. Só com o vosso amor compreendi. Aprendi a sincronizar os meus desejos e êxtases com os vossos; aprendi até, a certa altura, a provocar-vos, a atrair-vos um para o outro quando tinha vontade de me entregar à divina inconsciência do prazer.

Fui-te sempre fiel, António, por muito que te custe ver agora confirmada essa suposição que tanto te enervava: "Porque é que não vai divertir-se com o Manuel Almada, Jennifer? Enerva-me vê-la encerrada neste casarão, como um fantasma. As pessoas devem ser livres. Gostava tanto que tivesse amantes, como as outras mulheres."

Respondi-te que não podia ser como as outras mulheres só para te agradar, lembra-te? E acrescentei que também não te pedia que fosses como os outros homens só para me agradares, e isso é que te pôs mesmo furioso. Agarraste-me, deste-me um beijo na boca como se me esbofeteasses: "É isto que quer? Está contente?" Não, não era isso o que eu queria, queria-te apenas como eras. Só a essa forma de querer eu podia chamar liberdade, e foi o que te disse. Mas tu pensaste que eu estava a ser cínica, e creio que a ideia de teres transformado uma jovem confiante numa cínica te fez sofrer bastante. Talvez agora, que todos os ruídos da vida abandonaram esta casa, o teu sereno coração de morto entenda que fui muito feliz aqui contigo.

Agarrar-te, António, ser-me-ia impossível. Creio que por isso mesmo me escolheste: porque eu era leve ao toque, escorregadia como um peixe. Só o meu dinheiro pesava, um peso muito conveniente, não era, meu querido? Não, não digo que te casaste comigo por dinheiro. Havia muitas outras meninas ricas prontas a levar-te ao altar. Claro que, sem a fortuna da minha mãe, não me terias sequer considerado, mas sem essa fortuna eu própria seria outra. No momento em que se isolam os motivos e os sentimentos de um ser humano para os analisar objectivamente gera-se uma injustiça fundamental. Aliás, é por causa dessa moda, a que chamam científica, de descascar as coisas para as ver de perto, que o mundo está como está. Cada pessoa é uma harmonia de solidão, decompô-la apenas pode fazer com que a sua música se torne inaudível.

Não consigo recordar o sabor de nenhum dos muitos beijos que me deram pelos recantos destes longos corredores, nem sequer o nome dos homens, as suas palavras esbraseadas. A memória torna-se-me grossa e aguçada como uma agulha de gramofone, repetindo até à loucura as mesmas notas. Lembro-me daquela ocasião única em que senti a terra molhada do jardim cedendo debaixo das minhas costas, a chuva vergastando-me o rosto e a cabeça de um estranho tentando afogar-se no

meu peito.

Foi durante uma das muitas festas que inventaste para comemorar o fim da guerra. Servia-se um jantar volante no jardim iluminado por uma centena de tochas, recitavam-se poemas de Lorca, Rimbaud e Sá-Carneiro, queimava-se na eira um ditador de palha, o champanhe corria a noite inteira, antes do nascer do sol lançava-se o fogo-de-artifício. Cada convidado era livre de, por sua vez, convidar quem lhe apetecesse.

Encontrei-me no meio do labirinto do teu Xadrez botânico a discutir política com um comunista espanhol que nunca mais vi nem soube quem era. Ainda mal tinha começado a expor perante uma assembleia de três ou quatro jornalistas os seus grandiosos planos de mudança do mundo quando o interrompi, numa atitude de desafio que a mim própria me espantou. "Já Mark Twain dizia que ensinar os outros a serem bons é uma excelente causa, que tem a vantagem de ser mais nobre e menos difícil do que tornarmo-nos bons a nós mesmos", disse-lhe.

Ficou embaçado e virou costas à sua audiência, seguindo-me num arrazoado enfurecido pelas trémulas sombras do jardim. De repente um séquito de nuvens cobriu as estrelas e a chuva desatou a cair em cordas, ensopando-me o vestido de tule branco, mas eu continuava a discutir, com um calor que nem eu própria entendia, já que normalmente achava que não valia a pena gastar energia mental a falar de política. Os meus argumentos pareciam agora engrossar à medida da chuva, disparava frases pomposas sobre a injustiça concreta em que desembocava o abstracto conceito de igualdade, até que ele tapou a minha boca com a sua língua, abraçou-me e fez-me deslizar com ele para o chão.

Creio que só não chegámos a consumir o acto porque o meu alheamento o desconcentrou. Devia ser contra os princípios dele possuir uma mulher que apenas se deixasse levar, sem cooperar. Mas a intensa atracção física que me empurrava para ele como um íman enquanto falávamos desfez-se logo que ele me tocou. Habituara-me demasiado à imaginação da pele e não conseguia ultrapassar a decepção da sua realidade. As carícias dele foram ficando cada vez mais leves, depois pudicas, depois desajeitadas, até que se levantou de um pulo como uma intriga, pediu desculpa e fugiu, pisando os canteiros de rosas, procurando o portão, sumindo-se na névoa de água que continuava a cair do céu.

Mas a mais forte recordação dessa noite é ainda a dos teus olhos inesperadamente fascinados por mim. Eu subia o caminho do lago, encharcada e aturdida, e tu viraste a cabeça e ficaste, como uma estátua inacabada, a olhar para mim. Esqueceste-te da pessoa que tinhas diante de ti e avançaste, flutuando, na minha direcção. Paraste a um metro de mim, e ficaste a derramar o lume lento do teu olhar sobre o meu corpo. Vi a nossa vida inteira, passada e futura, desfilando em espiral à nossa volta, como se o universo terminasse ali. Então disseste: "Tanta beleza dá vontade de morrer, Jennifer."

Nas noites quentes de Primavera, quando a chuva desaba de surpresa sobre a terra, corro para o jardim à tua procura. Sei que dizem que estou a

ficar louca. Pode ser que seja verdade, mas descobrem-no tarde de mais.

Há dias a Natália veio cá pedir-me que lhe emprestasse as nossas roupas de teatro, para uma festa de Carnaval do emprego dela. Disse-lhe que ficaria com todos os baús, está escrito no meu testamento. Porém, enquanto eu for viva não suporto separar-me delas. "Mas são só quinze dias, avó", argumentava. A Natália vive a correr mas não vê que quinze dias é imenso tempo. Em quinze dias o teu fato de cavaleiro da Távola Redonda regressaria com as formas e o cheiro de outro corpo, e já não me pertenceria.

Pedro era o Rei Artur, e Hamlet, e Romeu, e D. Pedro, o Cru. A Veleno entregávamos sempre o papel do escudeiro ou do intriguista, e teve um êxito retumbante como Cardeal Cerejeira, na peça O Sábio e o Seu Santo, escrita pelo Pedro e por ti. Mais tarde, no entanto, vi-o jurar a pés juntos que nunca concordara com essas "manifestações subversivas" e que quem encarnara o Cardeal fora o Manuel Almada. Acho que nunca perdoou ao Manuel as magnanimidades da riqueza.

"Não precisa dessas roupas para nada, avó", disse a Natália, e saiu zangada comigo. Como explicar-lhe que só preciso do que não serve para nada? Ela nunca compreenderia. Casou-se com um rapaz que lhe serve para tudo. Dividem a prestação da casa comum e dos automóveis individuais, ele cozinha e ela arruma a loiça na máquina de lavar, apoiam-se mutuamente em épocas de crise, gostam dos mesmos filmes, livros e discos, e sobretudo, garante ela, "cada um respeita o espaço do outro."

Se não fosse a Natália, e se não fosse heresia, teria dito "Ámen" quando ela veio, eufórica, debitar-me esta lista de vantagens e convidar-me para o casamento. Mas só me ocorreu perguntar-lhe se estava apaixonada por ele. Riu-se de mim. Fez-me uma festa na cara mas riu-se de mim, e explicou-me que hoje as mulheres já não são tão tontas que se casem por paixão. Disse-me que está estatisticamente provado que os casamentos por paixão acabam ao fim de poucos anos. Um amigo dela que é psicólogo confirmou-lhe estes dados, e assegurou-lhe que a base de uma relação bem sucedida reside na "comunidade de interesses e aspirações." O último sol do Verão entrava pela janela prolongando as sombras, incendiando brevemente a parada de fotografias sobre a mesa de camilha. "Claro que um bom entrosamento físico também é importante", continuava a Natália, "mas hoje já ninguém casa de olhos fechados, sem experiência. Neste ano e meio em que vivemos juntos, já percebemos que encaixamos bem. No fundo, o casamento é só um pró-forma. E uma festa. Não fica contente?" Uma aragem fez bater as portadas, agitou as árvores e assustou os pássaros, lá fora, que piamam desabaladamente. "Fico, fico muito contente por ti, Natália. E o Álvaro?"

A Natália tomara o negro hábito da paixão aos treze anos, e aos dezoito confirmara a maioria desse voto com o Álvaro, um rapaz baixo, de ombros curvados, que trabalhava numa galeria de arte, usava botas cardadas e rabo de cavalo. Quando ela me contou que este Adónis contemporâneo fazia os enlevos da própria mãe dela, ralhei-lhe muito. Mas a Natália respondeu-me como, naquela situação, eu lhe teria respondido: "O amor não é justo, Jenny. Para mim também não é." De qualquer forma, teve

a delicadeza de manter o romance afastado dos olhos de Camila. Acabei por aceitar sem culpa o papel de confidente de Natália, até porque creio que o utilitarismo acanhado do tal Álvaro, que falava da pintura como "um campo de produção de eficiências cromáticas", ou coisa parecida, teria tido um efeito devastador sobre o espírito rigoroso de Camila. A Natália, pelo contrário, ampliava-se por resistência. Dizia, exaltada: "Toda a arte é sentimento. Toda a ideia que passa por nós leva-nos o sangue."

Agora, cinco anos depois, franzia a testa com a ruga concisa da mãe: "O que é que tem o Álvaro?" "Não sei. Já te esqueceste dele?" Deve ter sido por vingança, quando penso nisso acho que foi, embora na altura não tenha reparado. Queria lembrar-lhe as noites que passei a limpar-lhe as lágrimas e a ouvi-la falar do Álvaro, por causa da condescendência com que ela me passara os dedos pelo rosto. Queria lembrar-lhe as vezes em que me confessara: "Preciso de sentimentos à antiga, Jenny, com maiúsculas, leis e provas de passagem!" Tinha saudades dessas noites em que ela me falava do amor dos homens numa linguagem que eu podia entender, sem entrosamentos nem estatísticas.

A Natália levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, irritada, dizendo que essa história acabara há muito tempo e que ela e o Álvaro eram só bons amigos, porque ela decidira que não tinha tempo a perder com losers. Pensei na minha mãe e no Delfim Veleno, que também adoravam palavras estrangeiras e não tinham tempo a perder com losers. Olhei para a Natália, com a cabeleira espessa fulgindo e os olhos brilhantes de determinação, e sentime triste. Disse-lhe que lhe ofereceria o vestido de noiva. "Não vale a pena. Acho um disparate fazer um vestido que só se pode usar uma vez. Já comprei um tailleur azul-claro, lindíssimo, que depois me dá para combinar noutras ocasiões." Disse-lhe que o branco talvez lhe ficasse melhor, e ela ofendeu-se: "Porquê? Por ser preta?" Sim, Natália, porque o branco presta homenagem à magnífica cor de café da tua pele, disse-lhe. Além de que, para mim, o branco será sempre a cor das noivas. Arrependeu-se e abraçou-me. Depois afirmou que lhe parecia uma hipocrisia vestir-se de virgem.

Pensei na Josefa Nascimento, aos cinquenta e dois anos, viúva e noiva pela segunda vez - agora de um advogado que aliás havia de morrer pouco tempo depois de um ataque de coração - belíssima como nunca fora, de vestido de renda branco, véu e charuto na mão, em 1954. A Camila levava as alianças tendo como pajem o Carlinhos de Sousa, a que na adolescência passaríamos a chamar Carlos Bonito, um rapazinho encantador que a seguia para todo o lado, e que era frequentemente castigado pela mãe por esvaziar às escondidas a caixa dos bombons de ginja para os oferecer à Camila. A Josefa passara a vida inteira a convencer as mulheres de que a pureza é um estado de espírito, mas a literalidade parece destinada a vencer sempre. Disse à Natália que, nesse caso, lhe ofereceria as alianças. Respondeu-me que os pombos é que usam anilhas.

Acabei por lhe dar o relógio de ouro que tu me deste como prenda de casamento, António. Enterneceu-se, e creio que gostou. Ainda tentei

persuadi-la a fazer o copo-de-água cá em casa, mas ela preferiu "um sítio moderno."

Não sei como te dizer, António, que aquilo a que a nossa Natália chama "sítio moderno" é uma gigantesca tenda branca toda aos folhos com pesados laçarotes amarelos pelos cantos. As cadeiras e as mesas também eram de pano branco com laçarotes amarelos. Até as rosas - imagina tu - eram brancas e amarelas. A Camila também ficou enjoada com o excesso de laços e de amarelo, mas disse-me que agora era assim que se usava. Só nestes momentos é que me apercebo de que estou velha. Passei o dia a recordar nostalgicamente os muitos casamentos que fizemos cá em casa, nas décadas de sessenta e setenta, quando o bar, só por si, já não dava para as despesas.

Para te afastar dos casinos onde as tuas mãos tremiam e o nosso amor se manchava, transformei a sala do piano num bar, de forma a criar uma tertúlia permanente que te agarrasse à casa e a mim. E, confesso, também de forma a fazer algum dinheiro, porque as nossas ceias e os vossos jogos estavam a conduzir-nos à ruína total. Naquele tempo, porém, o dinheiro era só uma frivolidade que, em caso de escassez, sairia naturalmente do bolso de qualquer amigo, mesmo que pouco íntimo. As pessoas prezavam acima de tudo o prazer do convívio e tratavam em conjunto dos pequenos luxos de hoje, em vez dos grandes lucros de amanhã invisíveis. A Josefa ofereceu-nos o primeiro carregamento de bebidas, o Manuel Almada o balcão e os bancos, e o Delfim Veleno só não pôs uma televisão no bar porque tu a recusaste: "Televisão fascista, nem pensar!" Veleno retorquiu-te, impante: "Tens é inveja porque a minha filha é uma estrela da radiotelevisão nacional!" A estrela, na época, ainda era apenas locutora - só depois da revolução conseguiu o seu programa de entrevistas Glória com Glória - e tu não conseguiste conter o riso. A verdade é que o bar conseguiu trazer-te de volta a casa, e as tuas gargalhadas passaram a refulgir nos cristais e espelhos pela noite fora, rios de luz correndo até hoje sobre a imobilidade do meu coração.

Uma ocasião, na nossa era casamenteira, apareceu cá em casa uma rapariga de sapatos de salto agulha cor-de-laranja, calças de ganga, uma camisola de algodão com a palavra Class bordada a lantejoulas e uma revista enrodilhada debaixo do sovaco. Abriu a revista e disse-me que queria um casamento igual àquele. Tratava-se do casamento da princesa Ana de Inglaterra com o capitão Mark Phillips. Disse-lhe que igual era difícil, mas no mesmo género podia arranjar-se, e ela ficou satisfeita. Tu e o Pedro fugiam da Casa quando organizávamos esses casamentos de dinheiro fresco, tirados das revistas. Punham um ar distante e superior, todo feito de humilhação.

Na manhã do seu tão lógico casamento, a Natália transpirava tanto que não a conseguíamos vestir. Eu ainda sugeri que se desmascasse tudo até ela se sentir bem. A Natália e a Camila escandalizaram-se: depois de gastar tanto dinheiro e de convidar duzentas pessoas, nem que a noiva saísse da boda para as urgências. Era tudo nervos, perfeitamente normal. Na manhã do nosso casamento, António, acordei radiosa de tranquilidade, ensaiando o sim que realizaria o meu sonho.

A meio da tarde, o secreto Álvaro que eu ainda não conhecia pessoalmente arrancou um dos laçarotes das cadeiras e pôs-se a dançar com ele, gritando que o casamento era a mais chique das formas de enforcamento. Puseram-no na rua, e a Natália perdeu instantaneamente a vontade de rir e de dançar.

Agora voltou a fumar. Vou-lhe ralhando, por dever de ofício, mas sem convicção. O cheiro do fumo dura mais, nas paredes da casa, do que o perfume dela, aliás sempre diferente. Deixo as beatas nos cinzeiros de umas vezes para as outras para lhe preservar a presença. Fazia o mesmo com os teus cigarros, António, proibia a Rosário de limpar os cinzeiros quando tu e o Pedro partiam.

NO VERÃO ALUGÁVAMOS uma casa em frente ao mar. Em Espinho ou na Figueira da Foz, por causa do casino. A guerra impedia-nos de afeiçoar países; tentávamos diluir no movimento das ondas a nossa nostalgia das viagens. Tu e o Pedro entravam em casa abraçados ao nascer do sol, comunicavam-me que tinham perdido gloriosamente mais um dos meus serviços de porcelana inglesa, e deitavam-se quando eu saía para a praia.

Ainda não se usava a pele bronzeada, mas também ainda não se tinha inventado o buraco do ozono nem o cancro de pele. Punha-me a ler romances até que os raios do sol me torrassem o sangue, e depois mergulhava de chofre nas ondas do mar gelado. Nadava ao sabor da corrente, cortando a espuma, até sentir os ossos cristalizados por dentro. Vestia um fato de banho cavado que alvoroçava os mansos costumes da praia. Queria fundir-me com o sol e o mar, se pudesse ficaria nua na areia. Só nesses pormenores invejei a geração da Camila. Vingava-me nela, aliás; foi a primeira menina a percorrer nua esses areais repletos de crianças embrulhadas como presentes velhos. Havia um banheiro que, a horas marcadas, agarrava nos embrulhinhos berrões e os mergulhava com desembaraço, indiferente aos uivos de terror das criaturas, enquanto as mães continuavam os seus crochets e os seus pacatos diálogos, recolhidas nas barracas de riscas azuis e brancas. Julgava-se que este método fortaleceria a saúde e a coragem das crianças. A maioria dos rebentos desta geração criada a banhos forçados recusou-se a aprender a nadar.

O mar acalmava Camila, criança nervosa, que só conhecia o êxtase ou o desespero. Fazia perguntas em catadupa: "Ô mãe Jenny, se a Terra é redonda e tem tanta água, como é que não entorna?" Mudava o riso em lágrimas em menos de um segundo. Passei anos a temer que este excesso de nascença lhe rasgasse a vida em pedaços. E rasgou, mas, sobretudo, secou-a por dentro de uma forma que ainda hoje me parece inimaginável. Tenho saudades das gargalhadas dela, em ondas contínuas como o mar, saudades da alegria que a inundava por tudo e por nada, uma colher e uma tampa de panela, uma ida ao café, um passeio às cavalitas do pai, um bocado de areia entre os dedos.

Para chorar desabaladamente bastava-lhe um erguer de voz entre as pessoas. Muitas discussões entre ti e o Pedro foram assim interrompidas, Antônio, pela força das lágrimas dela. Podia estar sentada na outra ponta da sala, imersa no seu mundo de brincados, que, logo que as vozes comessem a engrossar, fazia estremecer as paredes de raiva e desconsolo.

Quando voltou para casa, depois de passar um mês na prisão, aos dezoito anos, a fúria ardia ainda no fundo dos seus olhos cinzentos. Uma fúria escurecida, imóvel como um réptil, já sem um pinga de ingenuidade. O Veleno gaguejava que não podia fazer nada, Camila tinha sido apanhada em flagrante a distribuir panfletos subversivos, o tempo era de alvoroço, e era preciso que considerássemos que ele também tinha uma filha para criar.

Delfim Veleno acabara por casar, a instâncias políticas superiores, com a filha de um general da situação, com olhos de rola; desse casamento nascera uma menina a quem chamaram Glória, e que procurava a todo o custo cumprir o seu nome. Depois da prisão de Camila, nunca mais fui capaz de trocar duas palavras com Veleno. Lembrava-me sempre da sua cabeça redonda abanando com desembaraço: "Têm de compreender que eu não posso comprometer a minha carreira por causa das loucuras da vossa filha. Peçam-me tudo o que quiserem, menos isso. E a nossa polícia é branda, nada de mal lhe há-de acontecer. Até talvez lhe faça bem o susto, a juventude precisa de disciplina." Foi o Manuel Almada, que conseguiu sempre manter um pé no regime para ajudar os amigos, e as duas mãos na Oposição, escrevendo, delapidando a fortuna em edições clandestinas e assinando cheques à causa da liberdade, que acabou por fazer com que soltassem Camila.

Álvaro Cunhal fugira da prisão no princípio daquele ano de 1960 e a polícia compensava essa fuga com a caça massiva de oposicionistas. As inundações do Ribatejo, em Março, vieram complicar tudo, com o seu cortejo de mortos para abafar, a bem da soalheira tranquilidade de Portugal. Além de que o Progresso estava em marcha: inaugurara-se o Metropolitano em Lisboa e o Instituto Cultural Luso-Francês da Gulbenkian em Paris. E havia que ter um especial cuidado com os intelectuais, que eram capazes de comprometer os altos desígnios de uma Nação pelo gosto de fazer frases extravagantes. Quanto a Camila, andava fascinada com o novo estilo de Krustschev.

Nunca soube exactamente o que lhe fizeram nesse mês. Contou-me apenas que o Carlos Bonito a interrogara nas celas da António Maria Cardoso dias e noites a fio, até à inconsciência. Em pequenos passavam tardes inteiras, os dois, no jardim, a jogar à cabra-cega. Ao longe, ele parecia a encarnação nórdica do mito da beleza: louro, alto, ombros largos, anca estreita, um rosto desfocado de anjo. Mas sempre que me beijava a mão eu sentia uma espécie de aragem gelada que me incomodava. A sua perfeita mão rematada por delicadas unhas de um perfeito cor-de-rosa era mole e viscosa ao tacto. Os lábios desenhados a esquadro e pintados a aguarela eram frios como mármore tumulares; e os olhos tinham roubado o azul do céu para o esvaziar de luz. Era a real antecipação do homem-máquina, programado para erradicar todos os obstáculos à vitória da pura forma. Desde muito novo se vangloriava de dispensar livros, filmes, saberes e sentimentos. Primeiro, a Camila achou-lhe graça, depois teve pena dele. Caiu na armadilha da compreensão, em que, por generosidade e petulância, tantas vezes caem as pessoas inteligentes e sensíveis: pensou que sob a capa de aço daquela beleza convicta morava um magoado sentimento de inferioridade. Mas debaixo da beleza de Carlos morava apenas a vontade de vencer da beleza de Carlos.

Creio que Camila poderia ter sobrevivido intacta no que era se, ao longo daqueles dias de tortura, Carlos agisse como um ressentimento em vingança. Deitada no meu colo, de olhos no tecto, com uma voz branca que já não era

a dela, Camila disseme: "Acho que o pior de tudo, Jenny, era a calma com que ele acendia os cigarros, sorrindo e repetindo que nada tinha contra mim, que não era nada de pessoal, que se limitava a cumprir o seu trabalho." Pediu-me que não lhe perguntasse mais nada. A partir daí, parecia sonâmbula: tentávamos animá-la, arrastá-la para espetáculos ou passeios, mas ela só dizia três palavras: "Não faz sentido."

O Carlos Bonito era a prova de que a maldade humana existia como um monstro autónomo e incontrolável, em vez de, como até então Camila acreditara, ser uma consequência da miséria gerada pela concorrência capitalista. Deixou de ter fé, abandonou a acção militante. De resto, o próprio Partido lhe facilitou o abandono; um elemento caçado pela Pide era uma peça queimada, um perigo para a continuação da luta. Tu e o Pedro suspiraram de alívio: "Antes deprimida do que presa." Por mim, preferia francamente sabê-la em risco, eufórica, do que senti-la segura e infeliz. "Ela é nova demais para desistir de vez da sua natureza", dizias tu. "Até porque é uma apaixonada. Sai a mim, ouviste, Pedro?", rias-te, "A genética lá arranjou os seus meios tortuosos de repor a justiça contra a pobreza dos métodos de procriação, a tua filha é parecida comigo."

Sim, a filha de Pedro era parecida conosco, António, comigo e contigo, os veementes. E quando se apaixonou por Eduardo descobriu na veemência o rastilho de uma nova harmonia universal, mais contagiosa e fácil de alcançar do que a da incerta igualdade material.

À primeira vista, Camila disse: "Sobra-lhe corpo." Acompanhara-me, contrariada, a essa peça que se chamava O Sítio Onde o Tempo Acabou, escrita e encenada por um rapaz de vinte anos, altíssimo, que parecia embaraçado com a vertigem que provocava. No fim da peça, Camila ergueu-se de repente para o fotografar, e a câmara fotográfica corrigiu essa impressão inicial: a pose não o intimidava. Eduardo era o género de pessoa que não precisa de fazer caretas nem de dizer graças. Entregava à imagem um olhar estranhamente autêntico. Tratava-se de um rapaz sério. A seriedade notava-se-lhe na voz, funda e magoada como uma partitura antiga.

As palavras dele demoravam a fazer-se entender, porque era quase impossível separá-las da voz que as animava. E também porque ele preferia as palavras difíceis. Ou talvez apenas não tivesse ainda encontrado as outras, as palavras da revelação.

Creio que se apaixonaram um pelo outro nessa mesma noite. Fomos ao camarim, para felicitar uma sobrinha do Manuel Almada que entrava na peça, e Eduardo convidou-nos para cear com ele. Parecia o princípio de um romance clássico, com as personagens e os ambientes deslocados; se já ninguém usava chaperon, muito menos se imaginaria uma pessoa como Camila a precisar de um. Ainda lhe disse: "Vão vocês, que são novos." Mas Camila apertou-me a mão com os dedos suados e murmurou. "Não penses que te safas, Jenny. Obrigaste-me a vir, agora obrigo-te eu." Só quando se sentia muito aflita ou muito provocadora me tratava por tu.

Incomodava-a o alvoroço que lhe tomava o coração, queria fazer de

conta que nada se estava a passar. Eduardo lançava-se no discurso e perdia-se, de repente, a meio de uma frase. Não tinha medo de se perder; sabia que é esse o preço da inquietação. Nem sequer tinha medo de ser mal-entendido. Mas aprendera na infância a ser bem-educado e afável; por isso, passava o tempo a pedir desculpa de ter um raciocínio "demasiado abstracto." Definitivamente, Eduardo nunca teve conversas descritivas. Costumava dizer que não tinha paciência para as pessoas que só se entendem nesse registo. Podia tomar para si a frase de Rimbaud: "Acho que a desordem do meu espírito é sagrada."

O Sítio Onde o Tempo Acabou era a sua primeira exposição total: concepção, cenário, encenação e representação. "O tema deste espectáculo é a consciência. O sítio é o país, estilizado pela imobilidade. É um eu fragmentado à procura da sua memória." Camila escutava-o, os olhos cinzentos brilhando como prata, hipnotizada: "Sou muito niilista. São muitos os que estão à espera. O mundo está numa situação de desespero, e o teatro é um exorcismo dessas forças." O Pedro disse que ela procurava na arte a salvação que a política não lhe dera. Mas não era isso. Camila deixara de procurar a salvação. Estava apaixonada, a salvo da desilusão do mundo. E um ano depois, quando saía do mar, o Eduardo morreu fulminado por um relâmpago. Camila disse que este país atraía a morte e voou para Moçambique, como correspondente de um jornal, assim que a guerra começou. Corria apaixonadamente atrás da morte, e encontrou-a de novo em Xavier, o guerrilheiro da Frelimo que lhe deixou no ventre a vida de Natália.

AS PESSOAS QUE MORREM entranham-se nas paredes da casa e nas copas das árvores do jardim. A princípio pensei que me fariam companhia. Quando, na Primavera de 1988, tu morreste, António, e o Pedro partiu, os teus passos nervosos faziam estalar à noite as folhas caídas. Ficava na varanda em silêncio a sentir-te perto de mim. Depois entraste na casa, as tuas gargalhadas cortavam-me em tiras o manto sufocante da solidão indesejada. Onze meses depois morria o Pedro, não aguentou a existência no lar.

Ainda fui vê-lo uma vez. Pediu-me que não voltasse, as mãos tremiam-lhe e tinha vergonha do cheiro a urina e dos velhos que confirmavam a sua decadência. Jogava xadrez sozinho e fazia paciências. Quase fiquei feliz quando soube da sua morte, sobretudo porque comecei a ouvir-lhe a voz, debaixo da tua, pedindo-te que me poupasses. Há meses morreu a Rosário, que eu julgava imortal porque tinha assistido ao meu nascimento. Quando percebeu que a hora se aproximava, despediu-se e foi para a casa da família, na aldeia. Agora canta os seus velhos fados, a noite inteira, na cozinha. Mas as vossas vozes, que tanto me consolavam, já só ampliam a ausência de vida nesta casa. São solenes e vagas, falam da eternidade e não tocam nos pormenores do tempo de que é feita a vida.

No Verão almoçávamos no alpendre. Tu e o Pedro em roupão, acabados de acordar, folheando os jornais, bebiam café com leite e comiam ovos mexidos. Às vezes refilavam com o cheiro da sopa ou do guisado que eu e a Camila comíamos. À noite aparecia sempre alguém para o jantar, a Josefa ou o Manuel ou um vosso companheiro de Casino. Tu punhas sempre defeitos na comida, ou os ovos não estavam frescos, ou a vitela estava demasiado assada, ou então era o vinho, que não estava nunca na temperatura certa. Para o Pedro estava tudo bem, e mal chegava à mesa começava à procura dos ovos mais quentes ou do melhor pedaço de carne para te pôr no prato. É destes pormenores que tenho saudades, das brigas causadas por um copo mal lavado ou da pequena maledicência sobre os nossos amigos. É nestes pormenores que a memória se concentra, projectando uma luz tão intensa sobre esses dias mortos que às vezes temo que já não sejam lembranças, mas criações puras da minha solidão. Não sei o que almocei hoje, mas recordo com exactidão cada acontecimento e cada sonho desse tempo em que fui feliz.

Os projectos grandiosos do Delfim Veleno, por exemplo. No fim da Guerra meteu-se-lhe na cabeça lançar um jornal bilingue, português e inglês, chamado A Opinião IThe Opinion, onde se degladiariam para publicar, segundo ele, os mais ilustres cronistas do mundo. Andou num afã de contactos entre embaixadas, gráficas e industriais ricos. Conseguiu convencer um produtor de vinho do Porto a fazer uma publicação ligeiramente diferente, chamada A Opinião das Castas, onde a política internacional alternaria elegantemente com imagens da evolução vinícola

nacional, e apareceu eufórico, recrutando-nos a todos como colaboradores permanentes e graciosos deste marcante "projecto de expansão lusiada."

Três semanas depois, irrompia-nos pela casa ao meio-dia, ainda tu e o Pedro bocejavam, estremunhados, anunciando: "Bambini, tive uma ideia genial, magnífica, sublime. Aliás, outra coisa não seria de esperar, eu sei. Trata-se do Museu Contemporâneo dos Grandes Anónimos, feito de fotografias, telas ou documentos doados por heróis anónimos, ilustrando feitos do quotidiano da História universal ou nacional do nosso século. Já esbocei o projecto architectónico e tudo. Porque é claro que o melhor seria construir de raiz um edifício digno para o efeito. Vou falar com o Ministro. Apreciem." Apreciámos. Era uma espécie de Templo de Diana restaurado, com uma profusão de deuses musculosos e musas tocando lira no topo de cada coluna. "Se não puder ser assim, paciência. Usa-se um palácio já feito, e muda-se-lhe a frontaria. Tenho tudo estudado." Interdito, o Pedro perguntou: "Mas então, e o jornal?" Veleno encolheu os ombros, enfadado: "Ora lérias, meu amigo, lérias! Imagine que o vinhateiro queria as páginas ímpares todas para os anúncios das beberagens dele. Todas. To-di-nhas, pode lá conceber-se uma coisa assim? Disse-lhe que jamais um editorial de Delfim Velleno sairia escondido numa página par, e pu-lo com dono. Além do mais, o homem preparava-se para fazer uma pelintrice de vão-de-escada, sem meios nenhuns. Queria esfolar-me vivo, nem mais. Mas com o Delfim Velleno, nunca, e foi o que lhe disse. Águas passadas, enfim. De qualquer forma, um jornal é uma pessegada. Já os há, até demais."

Uns anos mais tarde, estive para fazer um filme "inédito, original, bellissimo" que se passaria integralmente no Portugal dos Pequenitos, com as crianças ilustrando a vida dos adultos, e as nossas filhas como estrelas principais. E, no meio de todos estes projectos, prosseguia a epopeia do seu interminável romance. Essa obra havia de "traçar o retrato definitivo da nossa geração" e eclipsar todas as palavras previamente escritas. Teve, ao longo dos anos, uma boa dúzia de títulos e outros tantos enredos, de acordo com as ofensas do momento. Em vão. Como tu uma vez disseste, António, "as atribuições da existência não permitiram que esse monumento literário saísse da brilhante prisão do cérebro que o engendrou."

Em 1954, quando crescia a agitação em torno de Goa, Veleno recebeu uma proposta de promoção a troco de denúncias. A oposição, embora a favor da manutenção de Goa, criticava a forma como o Governo conduzia o conflito, e o Partido Comunista distribuiu uma folha volante invectivando Salazar e clamando pela auto-determinação dos goeses. Salazar repetia incessantemente que Goa era "uma luz do Ocidente em terras orientais", e, nos nossos longos serões, Delfim era o primeiro a rir-se desta expressão: "É gralha, meus amigos, gralhíssima. Em vez de 'terras' devia estar 'trevas'. Para o nosso providencial Botas, o Oriente começa na fronteira com Espanha, e é um lugar muito escuro."

Nessas noites de tertúlia aparecia toda a espécie de gente e falava-se livremente de tudo. E a certa altura um major de infantaria, já um pouco bebido, começou a distribuir a folhinha do Partido Comunista, jurando que

estava para breve um golpe de Estado que acabaria com a fantochada fascista. Dois dias depois o homem foi preso por conspiração e Delfim, que era o único funcionário do regime do grupo, foi expulso por unanimidade das nossas tertúlias. Só tu o defendeste, António. Veleno pôs cores dramáticas no caso, "era ele ou eu", gania, "suspeitavam de mim, diziam que me relacionava com revoltosos, exigiam-me uma prova", e daí a meia-dúzia de meses ganhava uma medalha de mérito e uma promoçãozita. Nem o Pedro percebeu porque é que tu o desculparas, porque é que continuavas a recebê-lo, à revelia de todos, e, durante vários meses, quase deixou de te falar. Atravessámos noites em claro, o Pedro numa quietude inexorável diante dos teus rogos e beijos, abandonando-se aos teus violentos acessos de desejo com a indiferença de uma árvore ou de um pedaço de terra diante de um temporal, e eu, colada à parede do quarto ao lado, concentrando todas as minhas forças no Pedro, rezando para que a bola de gelo que se formara sobre o seu coração derretesse, e o seu corpo respondesse, em nome do meu, à tua paixão.

Não conseguia perdoar a Delfim, mas voltei a aceitá-lo. Podia vê-lo através da luz branca da tua amizade. Delfim tornara-se perigoso porque fizera da cobardia o seu método de ambição. Mas nunca trairia um amigo, e qual de nós, nesses dias de pavor, resistiria a entregar um desconhecido se julgasse que a sua própria vida dependia disso? Eram estes os teus argumentos, um pouco recamados com o pó de oiro de um afecto antigo, mas impregnados de uma compaixão fundamental. No auge da revolução de 1974, muita gente entregaria companheiros de uma vida inteira por muito menos. Hoje, na animação do paraíso democrático, já ninguém entrega ninguém; as pessoas sofisticaram-se, e aprenderam a vender-se a si próprias. Limitam-se a deitar para o esquecimento os que não têm com que lhes pagar. "Não posso ficar do teu lado. Tenho muito a perder, e nada a ganhar. Mas assumo o que te estou a dizer", disse Glória Veleno, quando Camila precisou do testemunho dela.

Glória assume sempre, assumir é aliás um dos seus verbos favoritos, e todos enaltecem a sua frontalidade. O pai dela, pelo menos, tinha pudor em assumir a sua cobiça, perdia tempo a inventar mentiras para não magoar deliberadamente alguém, e vivia num tempo em que o muito que se tinha a perder era a liberdade, e, às vezes, a própria vida. Havia qualquer coisa de generoso e solidário na megalomania dos projectos de Delfim Veleno. Precisava de fazer vibrar tudo à sua volta para se sentir feliz. Gastava semanas em missões diplomáticas de reconciliação, a sarar as feridas que os teus humores brutais abriam no nosso grupo de amigos.

A verdade é que, depois da prisão de Camila, afastámo-nos definitivamente de Veleno e a casa foi ficando cada vez mais vazia, porque já não havia quem se disponibilizasse a agir como pomba da paz dos teus amuos. A suavidade do Manuel Almada era tão intensa quanto estática; sentava-se a um canto a ver passar os litígios, ouvindo atentamente as acusações que lhe chegavam de cada trincheira, sem nunca tomar partido. A pouco e pouco, fui-me apercebendo de que até lhe agradava que as

peças fossem debandando da Casa; ficávamos mais dependentes da inabalável amizade dele.

À medida que estes acontecimentos se foram desenrolando, imperceptivelmente, ao longo dos anos, fui reavaliando os meus sentimentos por Delfim Veleno, e creio que hoje até já lhe perdoo a terrível demissão diante do que fizeram a Camila. Aliás, julgo que Delfim nem sequer supunha o que realmente se passava nas celas de interrogatório. Mas tu soubeste ser misericordioso mais cedo, António. Mantiveste-te cego, resolutamente ofuscado pelo clarão de uma memória comum, e ficaste ao lado de Delfim contra todas as opiniões. Dizias que as opiniões eram peças sobresselentes, que faziam as vezes dos princípios quando estes se esgotavam. Além disso, a graça de Camila reconciliara-te com a imagem de Danielle, e repetias vinte vezes ao dia a Pedro que, sem a ajuda de Delfim, talvez Danielle não tivesse podido levar até ao fim a gestação da filha. A gratidão funcionava como uma âncora, recordando-nos que o mar tinha um fundo como o mal teria um fim.

Camila e Natália procuram esta âncora, fixando-a na nostalgia dos seus trabalhos: fotografias, casas. Coisas que ficam. Na minha juventude as mudanças eram lentas e parcelares. Em cada morto crescia um enxame de vivos para embeber a saudade dos seus próximos. Tudo nos era próximo: opulência, miséria, paixão, desespero, infâmia, hombridade, desfilavam num cortejo vagaroso e circular diante de nós, e demorávamo-nos a dissecar cada uma das suas manifestações. Só muito mais tarde a televisão viria a nivelar tudo numa linguagem fluida que faria da violência o único esperanto.

Éramos mansos porque tínhamos memória; a violência invadia-nos como uma infracção às regras. Descobri-lhe o sexo e viciiei-me suavemente nela para escapar aos rituais da vida embalsamada das mulheres. Viver era lembrar continuamente, até à náusea, devolver visitas, celebrar nascidos e finados, escrever dezenas de postais num único fim-de-semana de passeio, amassar sonhos de Natal, pintar ovos na Páscoa, comemorar feridos, estropiados e todos os restantes herdeiros da demência humana. Com a aproximação do novo século, a vertigem de esquecer mascara-se de vertigem de lembrar. Mas é um Carnaval futurista, com os poderosos de hoje disfarçados de navegadores inter-galácticos, filosofando sobre as Descobertas do Futuro, ou com coristas a fazer de sereias e cómicos incarnando Camões.

Nunca gostei de comemorações, anestesiam o trabalho da inteligência. Mas agora tenho dificuldade em resistir-lhes. A melancolia toma conta da minha juventude e ergue-a, como uma bandeira esfarrapada, sobre os arranha-céus que cobrem de sombra e de ridículo o teu xadrez vegetal, António. As árvores que mandaste talhar como estátuas têm agora barbas hirsutas, cabelos desgrenhados, braços tortos que se confundem como se tentassem amparar-se umas às outras. Já só há um jardineiro, demasiado velho para podar árvores. Trata-me dos amores-perfeitos, das rosas e das hortênsias, e o resto do jardim converte-se em selva. As ervas tornam-se mais altas do que as flores, os buxos secam, as laranjas apodrecem no chão. E

esta selva fala. Quando o vento assobia por dentro do gigantesco novelo de folhas em que se transformou o Jardim do Xadrez, desprendem-se dele os ruídos e vozes de antigamente. O tinir dos talheres e dos cristais, a azáfama das raparigas na cozinha, orquestrada pelo timbre agudo da Rosário, uma interjeição de horror não identificada, as cantigas de embalar da Camila.

Sussurras-me que estou doida. Talvez tenhas razão. Mas não estou mais doida do que naquela noite em que, arrebatada pela tua indiferença, sonhei que contratava dois criados e entrava na sala de jantar deitada sobre uma salva de prata forrada de lírios, nua, com uma maçã na boca.

REPUGNAVA-ME VER-TE JOGAR. O suor começava a inundar-te a testa logo à primeira aposta. Puxavas do lenço que usavas como uma toalha de banho, esfregando vigorosamente o rosto.

O gesto era tão grosseiro quanto inútil: o suor crescia como um tumor, brilhante, incontrolável, escorria-te pelo pescoço, desfazia-te as mãos. Sugava-te a água toda dos olhos, que se tornavam de vidro, um boneco de celulóide apodrecendo com o calor. Nas salas de jogo, o Pedro era o senhor dos teus desejos, alinhando as fichas com dedos rigorosos de mestre, sorrindo para o croupier, enxotando delicadamente as caçadoras de prémios. Algumas eram homens tristes de o ser, que de tão tristes se aperfeiçoavam ao extremo da beleza feminina. Caminhavam sobre nuvens, como se compartilhassem o violento pacto de feminilidade da pequena sereia de Andersen e a cada passo sentissem mil facas dilacerando-lhes a carne escondida sobre o papel de lustro. Não sei como conseguiam a doçura de formas das mulheres ideais, nesse tempo em que a cirurgia plástica era assunto de ficção científica.

Hoje põem seios de silicone, pintam-se como máscaras de Carnaval e deambulam pelas ruas de madrugada, mortos-vivos acorrentados ao limbo. Nesses anos antigos pareciam nascidas da luz dos cristais e do oiro que corria sob o pano verde. Enganavam os homens com impecável competência, e no fim eles rojavam-se aos seus pés, renegando uma vida inteira de convicta virilidade pelo amor delas. "Não me envergonhes em público", diziam-lhes, empurrando-lhes as cabeças com a biqueira da sandália de verniz, "não quero que me vejam com homens maricas."

Lembro-me particularmente de uma Eleonor que, depois de enxotar calmamente um toureiro lacrimojante, se pôs a desabafar comigo. Enrolando no polegar direito os louros caracóis que lhe emolduravam o transparente azul dos olhos, confessou-me a sua má sina com os homens: apresentavam-se-lhe firmes e escorreitos, capazes de enfrentar três exércitos a um só braço, para a proteger com o outro, mas, um par de dias volvidos, passavam a bebés-chorões, e queriam que ela os embalasse. "É um defeito qualquer que eu tenho, amoleço-os. Deve ser compensação de não poder ter filhos. Sou estéril, não calcula a dor que isto é. Mais uma razão para querer um homem a sério, que me faça sentir mulher como as outras, em vez de me pedir que seja mãe dele, a senhora não acha?"

A sua história infeliz começava com um pai violento e um casamento precipitado e cheio de equívocos. Depois, a solidão atraía-a ao jogo e o jogo aos homens errados. Acabou a noite a dar-me receitas caseiras para aclarar a pele e maquilhar os olhos "de uma forma mais espiritual."

Repugnava-me ver-te jogar, perseguia-te por esses salões rutilantes para te ver desfigurado, para tentar amar-te com moderação. Cheguei a desprezar-te, deixei de me suportar a mim mesma porque os meus sentimentos por ti eram, simplesmente, os meus sentimentos. O amor não

tem portas que possamos abrir e fechar, nem passagens secretas para um sótão onde possamos fazer férias dele. Toma conta de tudo em nós, envolve-nos como um lençol de tédio, sedoso, infindo. Ninguém fala deste tédio sublime, tão contrário à acção e à eficácia, imóvel inimigo do progresso do mundo. Só no trono do sonho, iluminado e funesto, o amor interessa. Prolongada, a vida torna-se demasiado curta e o amor ganha o ritmo da chuva que bate leve, levemente.

Habituamo-nos a tratar os amores como electrodomésticos: quando se escangalham, vamos ao supermercado comprar um novo, igualzinho ao que o outro era. Consertar? Não compensa: o arranjo sai caro, além de que nunca se sabe muito bem onde procurar a peça que falta. Substituímos a eternidade pela repetição, e o mundo começou a tornar-se monótono como uma lição de solfejo. Tememos a maior das vertigens, que é a da duração. Mas no fim de cada sucesso há um cemitério como o de Julieta e Romeu, apenas com a diferença da aura, que é afinal tudo. As pessoas morrem cada vez mais velhas e cansadas de correr, e os seus cadáveres tensos soçobram de ridículo sob a terra das suas efémeras conquistas.

Tomei consciência de que ia morrer no dia em que pela primeira vez me olhei no espelho e me reconheci. Soube da minha morte antes mesmo de saber exprimir-me correctamente. Hoje as crianças já sabem fazer contas e manipular computadores antes de saber quem são e de onde vieram. Ensinam-nas a andar cada vez mais cedo e já não passam pela fase de gatinhar. Quando eu era criança havia sempre muita gente a morrer lentamente, passando o tranquilo testemunho da sua morte aos descendentes. Os mortos eram jovens e vagarosos, projectavam-se sobre os vivos como anjos-da-guarda, abrandavam-lhes ganâncias e invejas, ridicularizavam-lhes as urgências da vida. Os homens morriam mais cedo que as mulheres, e com menor glória de reminiscências, que é a única glória que verdadeiramente existe. Havia mais por onde lembrar as mulheres porque elas estavam à margem da luta dos homens pelas coisas da Terra. Eles gastavam o tempo a aumentar dinheiros e prédios que ficavam depois, na sua quietude eterna, a rir-se da precaridade dos que os tinham engrandecido. Quando uma mulher morria, levava com ela a mão para as compotas e a maneira de amar. Não deixava nada que a apoucasse.

Tu dizias: "A razão é do género feminino e o sentimento é do género macho." Querias provocar-me, e fazias bem, porque as tuas provocações tinham o condão de me tornar instantaneamente lapidar: "Será. A sensatez não brilha nem ressoa, mas os tesouros do espírito têm a suprema vantagem de serem à prova de roubo."

Encontrava um consolo infantil nestes duelos aforísticos contigo, que nos aproximavam e nos aqueciam como um vício secretamente partilhado no meio da multidão. O Pedro enternecia-se de ciúmes; as frases definitivas chocavam-no tanto quanto o deslumbravam. A certa altura, a Josefa Nascimento passou a andar com um caderninho para apontar estes diálogos, e às vezes atiçava-nos: "Hoje não têm nenhuma opinião fulminante para abrilhantar os criminosos do senhor Joseph Birth?" Tu caías

logo: "Recuso-me ao miserabilismo de ter opiniões, prefiro viver de emoção e pensamento."

Amava-te ferozmente nesses serões de conversas loucas, taxativas, fundamentais, sobre o sentido da História e as raízes da identidade. "O esplendor de Portugal fez-se da teimosia de dobrar o mundo até o fazer coincidir com os sonhos", dizias. "Ou de ampliar os pesadelos à dimensão romântica de uma memória de bolso", acrescentava eu. O Manuel Almada contemporizava: "A verdade é que Portugal resistiu, em casulos sucessivos, a todas as decadências, pela paixão da paciência, que sabe sempre rir-se das paixões maiores." E lembro-me de uma ocasião o Bernardo Marques, que às vezes aparecia lá em casa com o Manuel Almada, dizer que o português inventou uma alma de azulejo, pintada e lascada.

Nessa época corriam boatos terríveis sobre a Josefa; dizia-se que só ainda não fora presa como comunista porque era amante de um ministro. Ela encolhia os ombros diante da infâmia, mas o seu bom humor tornava-se puro sarcasmo: "Azulejos lascados, e de que maneira! Os portugueses são demasiado sábios para caírem em confrontos irredimíveis. Boatam para não bater, conspiram para não apunhalar, desdizem-se para melhor se dizerem. Em Portugal, ser vítima de um boato compensa mais do que ser vítima de um crime. Esta evidência remonta a D. Sebastião: se os marroquinos o tivessem empacotado de volta à Pátria, nunca teria ascendido ao estrelato. A vítima de um crime é sempre suspeita, pelo menos, de falta de capacidade de defesa - senão mesmo de convivência com o criminoso."

O Manuel Almada argumentava que a mesquinhez lusitana se devia ao facto de estarmos fora dos percursos da História: "É uma vantagem e uma infelicidade. Uma vantagem porque, por onde a História passa, deixa um rasto de sangue. Uma desvantagem porque, por onde a História passa, deixa um rasto de criatividade." A Josefa respondia: "Ora. A História tem as costas largas, e a gente quando não tem mais para onde atirar as culpas atira-as para as costas dela, porque cabe lá tudo." Recordo-me dos gritos da Josefa, uma vez, uma vez, furiosa com o próprio Manuel Almada, só porque ele teimava em acalmar-lhe a raiva contra os "machos frustrados que não suportavam ver uma mulher destacar-se." Nessa altura, até a mim me surpreendeste: "Assim é que é, Josefa", disseste, muito sério. "Tenho orgulho em ouvir-te. Vejo em cada submisso acatador de ordens um ditador de cabeça para baixo, à espera que um vento da História o ponha em posição de trocar o ódio calado por trovoadas de sangue."

Desprezar-te, António, era desprezar-me, e a lava incandescente desse desprezo podia enegrecer o amor mas não o queimava, porque o amor é, por natureza, incombustível. Uma vez a Natália perguntou-me: "Como era a sua relação com o avô António, avó?" Ri-me, e respondi-lhe: "Graças a Deus, minha querida, o António e eu nunca tivemos aquilo a que se chama uma relação. Aliás, quando nos casámos, a palavra nem existia." A Natália ficou a olhar para mim, assarapantada. Estranha tudo o que não parta do individualismo bem ordenado, tem pena, e ainda bem; enquanto se entretiver a lastimar-me não se debruçará sobre o seu próprio coração, de

que voluntariamente se tornou estranha. Talvez viva melhor assim; o Álvaro que lhe revelou o amor não me parece sequer capaz de suportar o peso permanente desse dom. A velocidade que domina o mundo não admite fugas à sua lei: as pessoas acasalam-se como quem une capitais para comprar por atacado sapatos de melhor qualidade que lhes permitam ganhar mais depressa as suas corridas individuais. Tu soubeste sempre honrar o nosso compromisso, aceitar o rigor absoluto da minha alma na tua. E isso que, mesmo assim contado, parecerá modernamente tão pouco, porque não é nada moderno, enche ainda de luz a minha vida, e permanecerá nas sombras do céu, para lá da banalidade da minha morte.

À FRENTE DA NOSSA CASA há agora um restaurante. O marido da dona senta-se todos os dias à porta. Arruma o carro, tira do porta-bagagens um banquinho, uma caixa de pincéis, tintas, um cavalete e põe-se a pintar as pessoas que almoçam junto da janela de vidro. É alto, esguio, muito novo - vinte e cinco, vinte e sete anos, no máximo. Dei por eles uma manhã em que ela gritava "Desaparece, desaparece de vez!", antes de lhe atirar as tintas sobre o quadro quase pronto. Ele pôs a tela de lado e recomeçou.

Depois, por acaso, vi a história na televisão, num noticiário de almoço. Ela queixava-se de assédio sexual do jovem pintor, que na legenda ostentava afinal o inglório título de ex-marido. Ele respondia que não podia tornar-se seu ex-marido porque a continuava a amar. A doçura com que pronunciou a palavra "amar" engasgou a entrevistadora, que ficou sem perguntas e passou para o comentário de um advogado em estúdio. O advogado explicou que à luz da Constituição democrática não se pode proibir ninguém de pintar na rua, em espaço público, desde que não impeça a passagem, "é um direito essencial dos cidadãos." A dona do restaurante protestava, diante da impassibilidade do pintor, contra aquilo a que chamava "invasão do meu espaço psicológico", e ameaçava-o com tribunais e hospitais psiquiátricos.

Mas o jovem pintor mantém-se ali, dia após dia, fixando delicadamente todos os pormenores do restaurante com aqueles olhos grandes, de pestanas longas, que apareceram em grande plano na televisão. À princípio, esperava que ela fechasse o restaurante, pela meia-noite, para lhe oferecer as pinturas do dia. Ela rasgava tudo e ia-se embora. Agora, ele acaba antes do fecho; enrola as telas devagarinho, mete-se no carro e fica no escuro à espera de a ver sair. Só depois arranca em sentido contrário. Ela fuma muito, tem um passo irritado, talvez por causa dos saltos excessivamente altos ou das saias travadas, é baixa e parece ter perto de cinquenta anos, um rosto desmoronado.

Às vezes as pessoas que saem do restaurante querem comprar-lhe um quadro, mas ele abana a cabeça, repete que as telas não estão à venda. O motivo é sempre o mesmo, mas não há duas telas iguais; o pintor capta a luz particular de cada hora, a chuva, o sol da Primavera nos cabelos das mulheres, as folhas castanhas do Verão, as festas e as horas vazias do restaurante.

Um dia levei a Camila a ver o espectáculo de perto e ela disse: "Como pintura, não é nada interessante. Neo-realismo naif. Até o pai fazia melhor." Fiquei demasiado triste para lhe responder. Tudo o que lhe podia dizer era que no tempo do pai a pintura era justamente aquilo que aniquilava a fugaz noção de interessante. Ainda bem que não lhe disse, porque nem sequer era verdade. Poupei-me a mais uma inútil peleja sobre "o meu tempo"; cometem-se sempre injustiças quando se fala assim, sobretudo contra as nossas memórias. No meu tempo já a pintura morria, em Portugal notava-se

menos porque nunca chegámos a ser um país a cores. Não me parece grave, provavelmente já tudo foi pintado, houve uma época para Vermeers e Rembrandts e Gauguins e Picassos e agora celebramos os seus rituais funerários através de cópias, colagens, citações que os choram, nos esgares de uma saudade às vezes insultuosa, porque a ausência é um lugar de destroços.

A morte vende-se mais e melhor do que a vida, a televisão fez a demonstração e as artes plásticas recolhem, no princípio da última década do século vinte, o preço exorbitante do seu estertor. Surgem todos os dias escritores, jornalistas, crianças e técnicos de computadores decretando a morte da literatura, explicando que já não há tempo, que os ecrãs substituirão as páginas a poder de síntese e variedade. Também não seria grave, apenas não vislumbro sintomas dessa morte: o cinema alimenta-se dos livros, os sonhos e as ideias continuam a resistir no sossego dos livros à hegemonia das turbas, diz-me a Camila que mesmo em lugares onde a fome é senhora das almas, como Moçambique, os livros são adorados e disputados. Mas são também baratos, os escritores insistem em dizer que ninguém dá valor ao trabalho da escrita, comparam o dinheiro, as bolsas, os subsídios que o Estado dá aos artistas plásticos, o valor astronómico que as obras deles atingem, e julgam-se à beira da morte. "Peças, avó. Hoje ninguém fala de uma obra, o conceito de tela ou de escultura está ultrapassado, foi desconstruído pela recuperação dos materiais pobres, hoje diz-se 'uma peça'", explica-me Natália.

Seja: estamos reduzidos ao luto por peças, por isso a arte pobre enriquece tanto. Aliás a História da Arte testemunha que o lucro vem como homenagem de viuvez. É provável que as fotografias e o cinema e os computadores estejam a tomar em definitivo o lugar da pintura e da escultura. É provável que a grande pintura, como a grande música, tenha desistido de resistir a este mundo. No lugar dos artistas surgem especialistas em comunicação visual, vestidos por especialistas em atitudes de moda, que enchem os museus de pratos estilizados, latas de sopa e televisões empilhadas.

É provável que só o jovem pintor de telas neo-naives resista ainda, em frente ao restaurante. Mas não é grave, porque não é a pintura o que lhe interessa.

Desisti de contar os dias e as noites. Creio que existi sempre fora da sucessão das estações e dos anos, para escapar ao desamparo, ao desperdício espesso que envolve a vida.

Acordei hoje com o metal corroído da voz da Josefa repetindo-me: "Vai-te já embora? Não me digas que tens um jantar, minha querida." A doença despira-a do barroco cerimonial diplomático em que afogava a sua natureza extremista. Entubada, imóvel, sem dentes para sorrir ou travar as palavras, desistia do seu destino de sedutora e aliviava as mágoas despejando-as, blocos de lama congelada sobre o desapareço dos que mais amava. Só nessa altura compreendi a que ponto aquela mulher tão livre dependia de meia dúzia de amizades profundas, obsessivas.

"Eu nunca te disse que tinha um jantar, Jenny. Conte-te sempre tudo. Dizia-te: vou jantar com o Zé, ou com os Mouras, ou com as meninas da Associação, ou assim. Parva que eu fui. Porque tu, sempre à defesa: Tenho um jantar. Tenho um lanche. Amanhã não posso, tenho uma coisa combinada. Realmente, Jenny, espanta-me que tenhas tempo para me vir ver. Queres ter a certeza de que estou mesmo a finir-me, deve ser isso. A chata da Josefa não volta a perturbar a tua vida mundana, podes estar descansada." Descobri assim, tardiamente, uma capacidade de mágoa, torrencial e silenciosa, feita de milhares de pequenos choques eléctricos que conduzem as pessoas aos carris da correcta letargia social. Não adiantava dizer à Josefa que era mentira, que eu nunca a trocara por mundanidade nenhuma, que o meu laconismo era apenas sinal de respeito e humildade, nunca me ocorrerá que as minhas idas e vindas - tão poucas, tão fúteis - pudessem interessá-la. Não adiantava porque, descerradas as cortinas das explicações, o ardor dela continuaria a brilhar, intacto, contra a palidez da minha fleuma. Não adiantava porque realmente a Josefa só existiu nos palcos secundários da minha vida, comédia ligeira para ocasional distração do drama central que eras tu, António. Agarrei na mão magra, condenada, da Josefa, e soube que no lugar dela, na descompostura que a morte nos oferece como prémio prévio, para que nos desembracemos da nossa mortalidade sobre as costas dos que nos sobrevivem, eu te declararia culpado.

Abandonaste-me quando me puseste nos braços uma criança sem mãe. Não têm conta as noites que passei a embalá-la inutilmente, de um lado para o outro do quarto descomunal, forrado a frio e a espelhos, para onde tu me mudaste, para não a ouvires chorar. Quando eu era pequena, passava em bicos dos pés à porta daquele quarto desabitado, para não acordar os fantasmas que de certeza lá moravam. Não tive coragem de opor o meu terror às tuas ordens; convenci-me de que eras tu a grande vítima e de que só as tuas lágrimas queimavam.

Nunca aprendera a tratar de uma criança. Podia tê-la entregue às criadas, mas preferi guardá-la como trofeu pessoal. Não foi por causa da generosidade ampla de um suposto instinto maternal que as pessoas - a começar por ti - acham que traduz o melhor da mulher. Foi para te fazer ciúmes.

Para te demonstrar que o Pedro não era teu e que eu estava ligada a ele. E para que admirasses a elegância e a facilidade com que eu educava uma rapariguinha. Mas tu nem notaste: começaste a amar a Camila pelos encantos conjuntos dela e do Pedro, e eu tornei-me um adereço frívolo.

Tive ciúmes dela, mas já não podia voltar atrás; precisava da Camila como do ar que respirava, apaixonara-me por ela ao longo da dura travessia dos primeiros meses, no quarto dos fantasmas. Sentia-me filha dela, porque a Camila tinha-me dado forças para enfrentar os espíritos ameaçadores do quarto dos espelhos. Camila gostava de mim sobre todas as coisas e seres, o que constituía uma novidade embriagante. Nunca ocupara esse lugar no coração de ninguém. Ela deu-me segurança, disciplina, alegria, realidade.

Educou-me; apenas tive que me deixar guiar pelas exigências dela. Não me deixei comover pelas pregas do seu corpito gordo, nem pelas covinhas do seu sorriso. Aquela criança nunca me pareceu vulnerável; quando a aceitei, senti que me estava a submeter a ela, e poucos dias depois, quando nos exilaste às duas naquele quarto longínquo, António, senti que me entregavas nas mãos dela, como um pai entrega uma filha a um marido.

Danielle prometeu escrever mas o destino não lhe permitiu cumprir essa promessa. Pedro dizia que ela não gostava de escrever, e tu exultavas, António: comentavas a debilidade da memória das mulheres, que se esquecem de amantes e filhos como de um par de luvas sobre um banco de jardim. Pensava que sabia esquecer, sim, que a grande conquista da idade seria apesar de tudo essa, a irrelevância do mal, mas depois de assistir aos últimos dias da Josefa perdi essa presunção. Quando a Danielle trouxe a Camila, perguntei-lhe: "Como é que conseguiu seduzir o Pedro?" Não sei como consegui perguntar-lhe isto, assim, de repente. Havia nela qualquer coisa que apelava imediatamente à confiança; talvez fosse a sombra da sua tragédia eminente e a alegria instantânea que emanava dela. Riu-se, tomou-me as mãos, e sussurrou: "Mas eu nunca o seduzi, ma chérie. Limitei-me a agarrá-lo, como os homens sempre têm feito com as mulheres. Se isso resulta com eles, porque não há-de resultar connosco? É curioso: agarrei-o, e agora solto-o, com uma filha nos braços. Deus sabe que eu não queria ser tão exemplar. Nunca imaginei que a História se deixasse inverter com um rigor tão sarcástico. C'est la vie."

Sempre te amei pelo prazer que me dava ver-te viver. A ideia de cercar os movimentos de alguém, de criar uma órbita fixa de atracção, horrorizava-me. Nisso sempre fomos muito diferentes, tu e eu. Ambos éramos passionais, mas para mim a paixão tinha que ser o êxtase da liberdade. Talvez seja mais sincera se disser que, no fundo, não acreditava que se pudesse prender alguém. Continuo a não acreditar. Trata-se sempre de uma vã humilhação. O teu controlo permanente sobre as idas e vindas do Pedro não impediu o nascimento de Camila; creio que até o precipitou. Só através de muitas dezenas de infidelidades insignificantes o Pedro conseguiu permanecer fielmente ao teu lado, a vida inteira. Quanto mais o sufocavas com vigilâncias, choros e recriminações, mais ele procurava outros corpos que lhe permitissem voltar, são e salvo, para ti. O espectáculo íntimo da vossa vida desenrolou-se em exclusivo diante de mim.

Compreendo agora que nenhum amigo chegou a ter para mim verdadeira realidade; nem a Josefa, por isso a ferir sem sequer reparar. Habituei-me de tal forma a ser espectadora que qualquer esforço de comunhão se me afigurava supérfluo. Desculpava-me diante da Josefa com almoços e lanches quase sempre inexistentes para não ter que sair do meu lugar na primeira fila. Por outro lado, ela tinha demasiados amigos e conhecidos, esforçava-se imenso por manter um máximo de relações sociais em simultâneo lume brando, e eu evitava encarar essa ansiedade de sobrevivência que a diminuía bastante aos meus olhos. Às vezes pensava que Josefa detestava Veleno porque reconhecia nele algumas das suas

maiores fragilidades.

As únicas coisas que esqueço são as que dão ordem e continuidade à vida. Esqueço-me cada vez mais de comer, de dormir. Às vezes esqueço-me de tomar banho e de me vestir; há dias fui à pastelaria da esquina em camisa-de-noite, robe e chinelos. Se não fosse o riso das pessoas não teria dado por isso. Senti o frio a cortar-me as pernas quando saí, mas não me passou pela cabeça proteger-me. Pelo contrário: concentrei-me em enfrentar corajosamente a violência da natureza. Nem olhei para os pés. A vida é uma infundável coleção de testemunhas: precisamos que nos observem, na vitória como no fracasso, precisamos que nos prestem atenção. Sempre tive medo de ficar presa ao olhar dos outros, de ter que contar com o testemunho de alguém. Creio que não suportaria a decepção que me conduziria a um mundo excessivamente real, semelhante aos documentários da televisão. Eu sou do tempo da palavra. Aprendi a fazer com que as palavras deslizassem sobre o meu corpo, lentamente, como pétalas caindo no Outono. Mas agora sinto-as em ninhos sujos, separadas de mim, furando-me a cabeça e saindo-me da boca como se ninguém as tivesse dito, e nascessem e morressem sozinhas. A Natália ralhou comigo, da última vez que me veio ver - ontem? há um mês? não sei. Ralhou comigo porque parece que eu lhe disse: "Vais-te já embora? Não me digas que tens um jantar. A chata da Jenny está sempre a perturbar a tua vida mundana, não é, minha querida?"

ESTOU DEITADA NA REIVA, a comer pão com açúcar, às escondidas da minha mãe. Ela diz que se eu continuar a comer açúcar os meus dentes vão cair, e fico gorda, e não encontro nenhum marido. Mas apetece-me mais ficar toda a vida assim, deitada na relva, sentindo o peso do meu corpo moldar a terra molhada, do que arranjar um marido que morra na guerra, como o meu pai.

Além disso tenho umas unhas muito bonitas, e as unhas também interessam os homens. Sempre que o namorado vem vê-la ao portão, a Dorcas vai ao toucador da minha mãe roubar um bocadinho de verniz vermelho, e pinta as unhas com muito cuidado, puxando a pele do dedo para cima e deixando a meia-lua branca muito bem desenhada. Hoje obriguei-a a pintar também as minhas, caso contrário iria contar tudo à mamã. A Rosário abana a cabeça, e diz que os homens que se deixarem levar por estas garras vermelhas hão-de ser diabos, e nunca homens de bem. Mas a Rosário nunca há-de casar; é coxa, por causa de uma sova que o pai lhe deu. Tenho oito anos, a cama do quarto dos fantasmas está cheia de maçãs, amadurecendo no escuro para a compota, as minhas tranças muito macias cheiram à mistura de ovos frescos e limão que a Rosário usa para me lavar o cabelo.

O rosto turvo da minha mãe visita-me agora a intervalos cada vez mais regulares, prometendo-me a morte por excessiva lucidez. Recupero momentos de uma memória de infância que desconhecia. Tenho outra vez oito anos, deito-me sobre a relva mas ela não cede ao meu peso de menina com aquela docilidade que recordo, a terra é dura, o seu cheiro violento, doem-me os ossos, o sol rasga-me os olhos, sufoca-me o peito. E tu ris-te de mim, António; beijas a boca da minha mãe e riem-se de mim os dois. Não posso dar-me ao luxo de chorar; quanto mais choro, mais eco fazem as vossas gargalhadas.

A Camila contratou uma espia para viver comigo; uma espia que me roubava louças e toalhas, e me assaltava a despensa. Ralhava-me, quando me encontrava a beber o meu próprio whisky. Comia-me as compotas, envenenava-me a canja, espreitava-me os cadernos, dizia mal de mim. Apanhei-a a conspirar com as vizinhas e despedia. Despedia, antes que a Camila me mandasse internar como louca por causa das intrigas dela. A Camila tem vergonha de mim; encontrou-me na pastelaria da esquina e despiu o casaco que me deitou pela cabeça.

Como se eu não fosse mil vezes mais bonita do que ela. Sobretudo agora. Quando era hippie, ainda punha umas saias de renda, rodadas, decentes, ou uns veludos de cores profundas, e muitas flores. Anda com umas minisaias de fibra sintética, os joelhos bicudos espetados como pés de pato sobre as tenebrosas botas da tropa que usa em todas as ocasiões, e tem vergonha de mim. Põe-me de castigo, fecha-me as bebidas, como se eu voltasse a ser filha dela. Maço-a; pergunta-me mil vezes as mesmas banalidades, e só me fala de doenças, achaques e calamidades alheias. Desde que lhe disse que

faria melhor em fazer qualquer coisa de criativo, porque fotografias qualquer criança pode fazer, é tudo uma questão de máquinas de qualidade, deixou de conversar comigo. Vem visitar-me como se cumprisse uma penitência, e ainda por cima bebe-me os licores que me proíbe.

Até os livros se zangaram comigo; abro-os e as palavras escondem-se de mim, desfazem-se num rio de tinta negra que me lembra que estou sozinha, que afinal não há ninguém, que talvez nunca tenha havido ninguém a quem entregar todo o meu amor. Custa-me cada vez mais escrever. Não tenho nada para fazer excepto pensar. E o pensamento começa a mastigar a casa de chocolate da minha vida. E debaixo das tábuas de chocolate dessa casa há uma pilha de mortos em decomposição, irreconhecíveis, que estendem os braços para me agarrar, e sugam-me a voz muito devagar.

De qualquer forma, não vale a pena falar. As palavras afastam-nos da verdade, empurram-nos para a realidade para que não possamos tomar conta da verdade das coisas. "Acenda a televisão, vó. Porque é que não vê televisão?", pergunta a Natália, e eu respondo-lhe que não há nada para ver nessa caixa de hipnotizadores. "Mas não pode passar o dia todo a olhar para as unhas, avó!" Claro que posso: são flexíveis, brilhantes, rosadas como eram nos meus tempos de menina, quando não as sabia pintar. E hoje já ninguém sabe pintar as unhas; nem as manicures, profissionais especializadas, sabem desenhar o traço da meia-lua. "Não há tempo para essas minhoquices, avó."

Não há tempo, pois não, Natália; vamos todos morrer, mas ninguém tem tempo para fazer nada bem feito, do princípio ao fim. O amor, por exemplo. Não tinhas tempo para ele, casaste-te com um homem de que não gostas para não perderes tempo a ser feliz. As casas que desenhavas também não têm tempo: são de vidro e alumínio, durarão uma ou duas décadas, ficarão ferrugentas, far-se-ão explodir para substituir por outras mais modernas e mais baratas. A única coisa de pedra e madeira velha de que tu gostas sou eu. Conspiras contra mim como a tua mãe, roubas-me bolos e bordados à richelieu, mas enches-me de beijos, nunca te zangas comigo.

Gosto do teu riso em espiral, dos teus olhos sempre voltados para a alegria das coisas. Lembram-me a minha vida. Refilas comigo por imaginar o mundo à minha maneira, desdenhando as realidades, mas fazes o mesmo, querida Natália.

Engendras pessoas ideais de contornos reais. Alimentas o amor que o Manuel Almada teve por mim. Prolongas-me. Como eu, receias a intimidade, o que acalma os homens e perturba as mulheres. Dizes: "Meu Deus, perco tanto tempo para que as pessoas gostem de mim que, depois, me sobra muito pouco para fazer as coisas importantes." Herdaste o meu princípio das importâncias, mesmo que ainda não o saibas completamente. Também eu estou a deixar de saber. Por isso me faz tanto mal que venhas, por isso fico tão mal quando te vais embora.

Sim, tenho a certeza de que estou a ficar louca outra vez. E sei que, desta vez, não recuperarei. Começo a ouvir vozes, e não consigo concentrar-me. O pânico toma conta de mim. Sinto o corpo invadido por um sangue grosso, que não se escoia. Corto a pele, e ele não sai. Deve ser isto a morte, o

desaparecimento dos sonhos. Quase não te oiço, António; oiço estilhaços de frases, estranhos que ameaçam fechar-me na cave de um lar, com um monte de velhas permanentemente urinadas, oiço estampidos, uma broca assobiando o dia inteiro dentro da minha cabeça. Não me lembro da tua cara, meu amor, chego à rua e em todos os homens te reconheço, o que deve querer dizer que te estou a esquecer irremediavelmente. Mas desejo-te cada vez com mais violência, acordo a meio da noite com a sensação do teu hálito, os teus dedos percorrendo-me o interior do corpo, magoando-me, levando-me para o céu.

Parte II

O ÁLBUM DE CAMILA

"On ne bâtit un bonheur que sur un fondement de désespoir. Je crois que je vais pouvoir me mettre à construire."

MARGUERITE YOURCENAR

DANIELLE VERÃO DE 1941

A minha mãe sorri e os seus olhos são dois riscos de luz, há um excesso de sol que a torna demasiado física, quase evanescente. Por trás dela, as sombras das árvores da Avenida da Liberdade, um homem avançando apressado de pasta na mão, dois miúdos tremidos, uma bola no ar, a mancha do Elevador da Glória. O vestido dela é claro, saia rodada, sem mangas. Tem os braços gordos muito abertos, como se fosse abraçar alguém. Ou como se dançasse, sozinha, no meio da rua. Usa o colar de pérolas e os brincos que me deixou em herança. Nesta fotografia eu ainda não existia. Ou talvez tivesse acabado de nascer dentro dela.

Gosto de pensar que sou eu, no fundo dela, quem a faz sorrir assim. É estranho, porque não gosto de sorrisos. Sorriram-me demasiado, durante os interrogatórios. Primeiro sorriam-me com promessas: bons empregos, exposições, viagens para fotografar o mundo inteiro. Depois irritaram-se e começaram a sorrir-me com ameaças: que iam prender o meu pai, o To Zé, a Jenny, ou que teriam de ser maus para mim. Eu respondia aos sorrisos deles com gargalhadas, menos para os insultar do que para me proteger da ideia desse mal que eles podiam fazer. Depois, continuei a rir-me para não ouvir os gritos que vinham das outras celas, repetia para mim mesma que era mentira, que eram eles quem gritava do outro lado para me aterrorizar.

Disseram-me que a Glória Veleno tinha contado tudo, que sabiam que eu era uma comunista mas estavam dispostos a perdoar-me. Bastava que eu colaborasse, erros de juventude toda a gente tem. Que dissesse uns nomes e assinasse uns papéis. Eu sabia que a Glória não tinha contado nada. Nessa época, eu tinha certezas absolutas. O heroísmo era apenas uma consequência natural dessas certezas. Nem era preciso arranjar coragem: os olhos negros da minha melhor amiga jamais se deixariam turvar pela traição. Tratava-se, antes de mais, de uma questão de estética. As fotografias provavam-me que a verdade se podia fixar para sempre. Depois o acto de fotografar tornou-se-me uma obsessão, quando a verdade deixou de existir para além da imobilidade das imagens.

A Glória era o meu exacto retrato, talvez por isso a tenha fotografado tão pouco. Tinha os mesmos sentimentos que eu num coração igual ao meu, e ao mesmo tempo tinha muitas coisas que eu não conseguia atingir. Era rápida. Era bonita. Tinha o dom da palavra. A Jenny disse-me uma vez: "Tens a paixão da amizade como eu tenho a paixão do amor, minha filha. Não sei o que é mais trágico." Eu devia ter uns dezoito anos e passava a vida a consolar a Glória, que se apaixonava perdidamente por homens insensíveis. "Jura-me que, se eu morrer, e tu por acaso fores ao meu funeral, não o deixas entrar no cemitério. Não o quero lá. Jura-me." Eu jurava, beijava-lhe as lágrimas e mostrava-me ofendida. Por acaso? Se eu por acaso fosse ao funeral dela? Só se já estivesse morta não ficaria com ela até ao fim dos fins.

Mas a Glória consolava-se depressa. Ou talvez fosse propriamente inconsolável. Tapava um desgosto com outro, os homens sucediam-se na sua vida como pazadas de terra sobre um poço sem fundo. Ela repetia: "Não sei o que seria de mim sem ti. Nada é demasiado grave enquanto tu existires." E eu reforçava aquela certeza da amizade inabalável. O amor parecia-me então um sentimento infantil, caprichoso, leve como o vento do sul. Gostava que a Glória se apaixonasse para confirmar que eu era a única paixão permanente da sua vida. E divertíamos-nos muito, as duas. Íamos sozinhas aos jogos de hóquei em patins. Ou ficávamos no quarto dela, aos pulos sobre a cama, a ouvir os relatos pela telefonia.

Uma vez ela acabou um namoro porque o rapaz não queria que ela andasse com uma maltrapilha como eu. Muitos chamavam desleixo àquilo a que eu chamava simplicidade: perder tempo a pintar os olhos, ou as unhas, ou a ripar o cabelo, afigurava-se-me uma horrível cedência à opressão patriarcal. Acabara de ler *Le Deuxième Sexe*, e estava decidida a fazer com que nunca mais ninguém me dissesse que as minhas ideias eram "curiosas" ou "femininas". Vestia-me de preto, cinzento, ou castanho, usava sapatos rasos, de atacadores. Até a Josefa, a amiga da Jenny que me emprestara o livro, achava que eu exagerava. Mas, na realidade, eu adorava o olhar surpreendido das pessoas, quando passeava de mão dada com a Glória; ela, muito ruiva, escultural, de saltos altos e vestidos cor-de-rosa, os olhos negros sombreados a verde, eu, magra, morena, escorrida, frugal, escura. O dia e a noite, comentava Jenny.

Engraçado: não consigo pensar "mãe Jenny", ou, simplesmente "mãe", diante desta fotografia de Danielle, a minha mãe original.

Ela é, neste álbum pessoal, a única imagem que não foi criada por mim. Este riso dela persegue-me desde a infância com o seu silêncio. Nunca ouvi a voz da minha mãe, creio que foi por isso que escolhi ser fotógrafa. Tudo o que ela alguma vez me disse está neste rectângulo de luz, Lisboa é uma mancha de sombras de onde a minha mãe sobressai numa gargalhada exterior ao tempo. O riso dela guiou-me através da alucinação dos dias de tortura. Houve horas em que a felicidade dos olhos negros de Glória desapareceu, por essas noites em que me mantiveram de pé, sem dormir, e só a minha mãe me acariciava. Deixei de perceber o que eles diziam, tinha a certeza de que falavam alemão e estávamos no meio de um campo de concentração coberto de gelo, e não valia a pena tentar dizer nada. O Carlos Bonito girava à minha volta com uma lâmpada que me encadeava, eu olhava para o chão e ele batia-me, a voz era cada vez mais suave, transportava-me ao tempo suspenso da nossa infância comum, e eu desatava a rir porque reparava que os pés dele estavam a alastrar e a cobrirem-se de escamas, parecia um crocodilo a esforçar-se penosamente por andar como os homens, e as patas superiores começaram a tactear-me, a revistar-me o corpo todo, por fora e por dentro, na sofreguidão de me roubar qualquer coisa que não conseguia apanhar. O Carlos Bonito não tinha nenhuma verdade, por isso não existia.

Descobri mais tarde que aqueles dias de tortura tinham sido muito úteis

para aferir a minha percepção de fotógrafa. Deixei de me fascinar por transparências, sobreposições, pela imediata beleza que comove a frio. Deixei também de acreditar no Partido, que sacudia os que se deixavam apanhar à primeira manifestação, no auge da juventude. De qualquer forma, julgo que me atirei para a linha da frente do perigo por desilusão. Os homens do Partido paternalizavam as camaradas, queriam-nas castas e devotadas na retaguarda das actividades masculinas, capazes de cozinhar e remendar calças na sombra doméstica da clandestinidade. A Glória dizia-me: "Estarei sempre ao teu lado, mas não me peças para prescindir da maquilhagem por amor à política, que eu não acredito nisso. Cheira-me a Salazar de esturro, o que é que tu queres." Afinal, o Partido não era a Resistência, e eu não podia redimir a morte de Danielle. Podia apenas amá-la, e Jenny dizia que só esse poder prevenia contra o esquecimento.

Ninguém me disse que o meu pai nunca amara essa judia redonda que viera doar a Lisboa as suas últimas gargalhadas. Mas eu sabia. Tudo o que sei de Danielle foi Jenny que me contou. O meu pai limitava-se a encolher os ombros, e a dizer, com um curto embaraço, que tudo tinha acontecido muito depressa, e há muito tempo. Esta fotografia dela foi tirada por ele, e é contra a indiferença dele que ela reluz. Foi um instantâneo, percebe-se pela ligeira tremura que ficou na imagem, pelo descentramento da figura, pelo tosco corte das pernas, quase no tornozelo. E pelo riso dela, quase de olhos fechados, feliz para além dele, apesar dele.

EDUARDO OUTONO DE 1962

"Agora vou morrer e nunca mais te vais esquecer de mim." Deitou-se sobre uma cama de folhas secas, pôs os braços dobrados ao lado da cabeça, como as crianças fazem para dormir, virou o pescoço para o lado esquerdo e fechou os olhos. Disparei nesse instante. Foi a única fotografia em que pude guardar o Eduardo morto, tirada meio ano antes da sua morte. A luz coada pelas folhagens das árvores dos jardins de Monserrate molda-lhe o rosto em manchas de cera macia. Parece que acabou de respirar no segundo anterior, e que olha já, dum lugar mais alto, aquele corpo sereno que era o seu, estranhando-lhe a serenidade. Não teve direito a contemplações póstumas, esse corpo estreito de rapaz que me revelou o amor. Desapareceu da face da terra, desfez-se em cinza negra sobre a areia, sorvido por um relâmpago, diante dos meus olhos.

Era o primeiro dia quente de Primavera, às cinco horas o Eduardo passou pelo jornal para me raptar: "Anda daí, que o sol está a chamar-nos." Na realidade, o sol apenas se pressentia, saturando de calor a névoa em que se mudara o céu, e eu estava cheia de trabalho. Amanhã, pedi-lhe. "Amanhã não sabemos se ainda por cá andamos", respondeu ele. Andava eufórico. A princípio pensei que eram os ensaios da peça nova, uma adaptação de As Ondas de Virgínia Woolf, passada no meio de uma guerra indefinida, onde brincavam quatro crianças perdidas - duas brancas e duas negras - que iam crescendo insensivelmente, numa conversa infinita e sem lógica aparente. Mas depois percebi que as esperanças de que a peça alguma vez pudesse ser representada eram quase nulas. Não havia dinheiro, e muito provavelmente, por mais indeterminada que fosse a guerra e por mais metafórica que fosse a linguagem, a peça não seria autorizada. No entanto, todos os dias ensaiavam disciplinadamente, horas a fio. Eduardo fazia de conta que aqueles ensaios eram espectáculos de verdade. Sabia que teria que sair do país em breve, estava quase a ser chamado para a guerra real, em África.

La desertar. Tinha longas contendas com a mãe a esse respeito. Viúva, sem mais ninguém no mundo para além desse único filho que amava desveladamente, a mãe de Eduardo repetia que preferia mil vezes vê-lo como herói morto do que como desertor vivo: "Tenho vergonha de ter dado à luz um homem incapaz de defender a nossa Pátria com a vida, se preciso for. Desonras-me. Se pudesse, ia eu mesma lutar pelo que é nosso. Ofendes Deus, a Nação Portuguesa e a memória do teu pai." Eduardo respondia com o primeiro dos mandamentos da Igreja: "Não matarás", o que punha a senhora quase em estado de choque. Quando aquele relâmpago o fulminou, ela já não me aceitava lá em casa nem me falava. Gostara de mim, nos primeiros tempos. Julgo que tomava o ascetismo do meu trajar por bom recato. Às vezes sugeria-me, com um sorriso magnânimo, que tirasse maior

partido da minha beleza: "Tem uns olhos tão bonitos, não seria pecado puxar um bocadinho por eles. Já experimentou usar rimmel? E não me leve a mal, mas se usasse umas cores mais alegres, e subisse os saltos dos sapatos, ficaria encantadora." Eu sorria, mordendo os lábios para não me rir, mas o Eduardo não deixava passar nada: "Ela não quer ser encantadora, mãe. Tem outros objectivos na vida. É por isso mesmo que eu gosto dela." A pouco e pouco, a mãe de Eduardo passou a comentar que, desde que se apaixonara por mim, o filho andava mais azedo. Até à manhã em que entrou no quarto dele e nos encontrou a dormir, abraçados e nus. Desde então, o Eduardo ficava, dia sim, dia não, em minha casa. Tinha remorsos de abandonar pura e simplesmente a mãe, que, aliás, iniciou um ciclo de doenças contínuas.

A Jenny fingia não perceber que o Eduardo ficava a noite inteira no meu quarto, e cumprimentava-o ao pequeno-almoço como se ele tivesse acabado de chegar. O meu pai e o tio To Zé não davam por nada; deitavam-se sempre muito tarde, a maior parte das vezes saíam para o Casino às onze da noite e só voltavam ao romper da manhã. Era evidente que viviam encandeados um pelo outro, mas nessa época eu ainda não queria pensar no significado desse fascínio. Precisava de uma ideia de pai, por ténue que fosse. Todavia, quando me apaixonei pelo Eduardo sentime muito próxima da energia trituratora que circulava em torno do meu pai e do To Zé. Adoravam o Eduardo porque ele conseguira que eu voltasse a rir, e agradeciam-lhe o feito de me ter reconciliado com a expressão física dos afectos.

No regresso da prisão, eu não suportava que me tocassem, nem sequer uma festa nos cabelos. Eduardo, que nunca estivera preso, entendeu esse terror nos meus olhos desde o primeiro minuto. Um dia em que passeávamos os dois à beira do rio, olhou para mim, a meio de uma conversa sobre máquinas fotográficas, e disse: "Estou completamente apaixonado por ti. Não me consigo concentrar em mais nada. Gostaria que, pelo menos, me desses a tua mão." Foi minha a iniciativa da primeira carícia, lenta, deslumbrada, sobre os dedos dele. Depois nunca mais conseguimos estar perto um do outro sem nos tocarmos. A Glória troçava de mim, com uma ternura maculada pela decepção: "O amor, afinal, infecta mais do que a amizade, hem? E parece que nem a confraria das monjas de Beauvoir escapa, não é verdade?"

A verdade é que não há nada tão cruel como um amor-perfeito. Passamos vidas inteiras a arranjar suspeitos, a confrontar testemunhas. Toda a gente sabe que ele aconteceu, mas ninguém o viu. Ninguém sabe descrever-lhe o rosto. Ataca sobretudo em horas ou pessoas de plena distração, à revelia dessa confortável invenção humana a que chamamos razão. E ataca com escândalo. Perturba a serena ordem deste mundo, que é a de as pessoas se atropelarem diariamente a alta velocidade, por mais um automóvel, uma assoalhada ou uma promoção. À luz do meu amor por Eduardo, os amores de Glória surgiram-me tão tristes como a sua enorme colecção de vestidos sedutores.

A paixão agita a economia do mundo; é a única falência de sucesso.

Quanto mais perde, mais ganha. "Não te posso dar nada", dizíamos nós um ao outro, depois de termos já dado tudo. Ladrão nenhum pode roubar-nos a dor de não podermos incarnar, fora do tempo e do espaço, nessa outra metade de nós. Os estudiosos abrem chavetas e arrumam este milagre intratável como uma gripe do coração, violenta e passageira, na margem oposta do amor, pacato, laborioso, edificante, claro, "em permanente construção." Com o Eduardo eu não precisava de construir nada. Iria com ele para a guerra ou para o exílio, largando tudo o que me era querido sem o mínimo esforço. O seu corpo cintilante saía das ondas, eu preparava-me para pegar na câmara para o fixar uma vez mais quando o relâmpago se abateu sobre ele e me desmoronou o mundo. Não me lembro do que se passou depois. Retive apenas a acusação da mãe dele, os olhos secos com que sacudiu as minhas mãos que procuravam a carne da sua carne: "A culpa foi sua. Deus levou-o para o Inferno e a culpa foi sua."

Tenho saudades do calor do meu coração. Julgava-o um dom, uma graça inesgotável, nada me dava tanto prazer como partilhar esse fogo, glória nenhuma se compara à sensação inebriante de ressuscitar os outros. Agora, em África, acordo ao primeiro sol com o corpo a ferver e o coração transbordante de gelo. Mal abro os olhos o cortejo de túmulos começa a desfilar, as pedras erguem-se devagar, uma após outra, numa cerimónia de boas-vindas. Procuro em cada sepultura que assim se abre a sombra de um cadáver, mas, mal me aproximo, a pedra volta a fechar, assinando-se apenas com uma lâmina de ar frio. A víscera que aquecia o mundo transformou-se num cemitério saturado, onde os mortos vão crescendo numa massa única, alimentando-se da terra em vez de se dissolverem nela.

Vim para África em busca de espaço para enterrar esta morte que me sufoca com o seu peso, mas temo que seja demasiado tarde; a música da dor é tão repetitiva que, ao fim de algum tempo, todos os seres concretos que nos torturaram se misturam até formar um pequeno céu de desespero que nos envolve como uma redoma.

XAVIER, PRAIA DE XAI-XAI NOVEMBRO DE 1964

Quando olhámos os dois para esta fotografia, não gostei dela. A cabeça de Xavier sobrepõe-se a um barco de pesca formando uma espécie de estranho chapéu. E a luz do dia corta sombras abruptas demais. Mas Xavier olhou para mim e disse: "Tu sabe coisa demais, menina. Tem que aprender a des-saber, para não ofender a vida. Essa fotografia tem a cara de um homem feliz. Não é coisa fácil de meter numa fotografia." Na noite que se seguiu a esta fotografia dormimos juntos pela primeira vez. O hotelzito ficava sobre a areia, havia duas palmeiras que quase entravam pela minúscula varanda do quarto, e depois o mar. Xavier viera visitar um primo casadoiro, para o ajudar na construção da casa. Já não lhe restava muita família. Os seus dois filhos tinham morrido de cólera. A mulher ficara com a mãe na aldeia, Feitor Praça, no interior.

Ao fim de três meses em Lourenço Marques eu sentia-me sufocada, cercada por todos os lados por mulheres ressentidas, que se entretinham a organizar recepções patéticas, onde brincavam às hierarquias militares com total seriedade. A mulher do capitão prestava homenagem à mulher do tenente-coronel, a do brigadeiro à do general, e havia códigos de indumentária e linguagem rigorosamente seguidos, sob a aparência mansa das confidências sobre os filhos, as doenças, as dietas, o tédio.

Eu viera para Moçambique como repórter da epopeia nacional. Devia mostrar a Portugal continental o gesto largo dos nossos soldados, na sua missão civilizadora.

E parecia que não havia forma de passar para lá das visitas oficiais a quartéis imaculados, nos arredores da cidade, onde pelotões garbosos exibiam as suas proezas circenses. Meia dúzia de soldados negros enfeitavam essas tropas alvas, cantando a plenos pulmões o hino da "Nação Valente iiiiiimortal!" Eu telefonava todos os dias ao chefe de redacção, pedindo-lhe que, por amor de Deus, me arranjasse guias de marcha para o interior do país. Ele ria-se e respondia-me que não me cansasse, que aproveitasse o sol e as praias, porque se eu fizesse a reportagem que queria só lhe ia arranjar problemas e, de qualquer maneira, essas fotografias nunca poderiam ser publicadas.

Finalmente consegui seguir com uma companhia para o sul. Anunciavam-se complicações no distrito de Xai-Xai. Andei no mato com os soldados durante uns dias. Organizavam batidas diárias de vários quilómetros, diziam que para prevenir emboscadas. Na realidade, sempre que pressentiam o cheiro de uma aldeia indígena, retrocediam com prudência. "Há que exercitar o físico e manter a paz", repetia o oficial. Comecei a desconfiar de que me tinham levado até ali só para me cansar e me tirar da cabeça aquela ideia mirabolante de combates sanguinários. Ao fim de uma semana, consideraram que a zona estava pacificada e decidiram

ir desconstrair uns dias para a praia de Xai-Xai. Foi então que conheci o homem que viria a ser o pai da minha filha.

Xavier participara no ataque da Frelimo ao quartel de Mueda, que despoletara o início da luta armada, em retaliação ao massacre ocorrido há quatro anos. A princípio fugia-me, tomando-me por mulher de algum soldado português. Até que avançou para mim, furioso, interrompendo a escavação a que se dedicava, porque ouvira o barulho da minha máquina a disparar sobre ele. "Dá-me o rolo, senhora. Se a senhora não me dá esse rolo Xavier vai ter que roubar, e Xavier não é homem ladrão de mulher." Aconteceu tudo muito depressa.

Em África, o tempo é como o espaço: tão grande que não se repara nele. O sol cai de repente e surge no auge do céu sem qualquer esforço de subida. A intensidade substitui as horas como a verdade substitui a sedução. Xavier acreditou em mim desde o primeiro instante. Olhei-o nos olhos, disse-lhe: "Mas eu não lhe quero fazer mal. Esta fotografia é só para mim." E ele acreditou. Aproximou os seus olhos dos meus, a uma distância inferior à das conveniências do tempo e do espaço, e perguntou, com um sorriso espantado: "Então para que é que serve essa máquina, senhora? Os teus olhos são desmemoriados, estão doentes?" Respondi: "Não. As fotografias são a única prova de que existo." Tornou a rir-se, e disse que eu tinha a doença da Europa, a doença que se propagava pelos livros da Europa. "E a doença do pensamento, senhora. Se tu não fosses tão branca, curava-te." Dei por mim a explicar-lhe que não era branca, mas judia, que a minha mãe morrera às mãos dos mais brancos dos brancos, e que eu viera para África para me salvar dessa brancura. "Salvar não sei, senhora. Salvar só o feiticeiro da minha aldeia é que pode. Ou o Partido, se os deuses deixarem. Mas é preciso enterrar a vaidade do sofrimento primeiro. É preciso enterrar a vaidade do pensamento, também, que é a que custa mais a sair."

Mesmo assim, só depois de dormir comigo me falou da Frente de Libertação de Moçambique, de Eduardo Mondlane e do Massacre de Mueda. Não me deixou ir com ele para o interior, onde os combates da guerrilha se intensificavam: era perigoso e proibido. Prometeu procurar-me, dentro de um mês, em Lourenço Marques. "Eu encontro-te. Escrever? Para quê? As palavras não põem o meu corpo no teu. Eu chego, pronto."

O que eu senti pelo Xavier talvez não se possa chamar paixão. Quando nos afastámos, nem sequer sentia aquela faca de frio que, ao cair da noite, abre caminho sobre a consciência dos amantes. Enquanto acreditava na vida de Xavier, os meus dias podiam começar e acabar sem ele. Nunca foi assim com Eduardo; era-me impossível pensar que um dia inteiro da minha vida se escoasse na sua ausência. Com Xavier, deixei pura e simplesmente de pensar. Concentrei-me em escutar o sangue do meu corpo até que a sua voz fosse mais poderosa do que o silêncio dos mortos que o secavam. Foi assim que gerei Natália. A minha filha de África, mais do que de Xavier. Desta forma ele a desejaria: herdeira da imensidão mais do que da história trágica de um homem. Para o Xavier, a tragédia era apenas uma prova da veemência da vida. "Pr'a quê tanta palavra curta, menina", dizia ele.

"Amor, paixão, sexo, afecto... É tudo só sentimento, pr'a quê tapar essa luz do céu com tanta nuvem de papel, diz?"

Xavier apagou a culpa e o remorso do meu corpo oferecendo-me a inocência de um prazer anterior ao pecado original da melancolia. A sua pele negra e lisa envolveu-me como a primeira noite do mundo, dedicando-se a absorver todas as rugas da minha memória, entregando-se à ressurreição dos meus sentidos.

Regressei à capital poucos dias depois da partida de Xavier, com as tropas portuguesas. Quatro baixas, pelo caminho: um dos jipes tropeçou numa mina. Vomitei ao longo de todo o caminho. Quando cheguei a Lourenço Marques, soube que estava grávida. Dois meses depois, Xavier não tinha voltado. Regressei a Xai-Xai com esta fotografia na mão. É a única fotografia que guardo dele. A primeira, a que ele não quis, saiu completamente queimada. Os rolos de Xai-Xai, aliás, revelaram-se quase totalmente desperdiçados, cobertos de riscos, manchas, tremuras sem explicação. Segui de Xai-Xai para o interior, corri a aldeia de Feitor Praça com a fotografia na mão, mas toda a gente fugia de identificar quem quer que fosse. Por fim, consegui que uma mulher de olhos altivos me confirmasse que ele tinha sido preso pelos soldados. Contou-me que a cabeça de Xavier Sandramo aparecera, uns dias mais tarde, espetada numa árvore, à frente da escola de Feitor Praça.

CONDECORAÇÕES, TERREIRO DO PAÇO LISBOA,
10 DE JUNHO DE 1966

"A Pátria honrai que a Pátria vos contempla." Com estas palavras termina o discurso do reitor da Universidade de Moçambique diante de mais de quatro mil soldados em parada. Depois, Américo Tomás inicia a distribuição das condecorações. A um cabo que conseguiu ignorar o sangue que jorrava de um dos seus olhos, vazado por uma rajada de metralhadora, e a maioria dos seus camaradas mortos, continuando a disparar sobre os atacantes, até à vitória final. A um camponês de meia-idade e rosto resignado, pai de um maqueiro que continuou a assistir feridos e a fazer fogo sobre o inimigo até se transformar num lago de sangue.

E quando um menino de dois anos, ao colo da viúva sua mãe desfeita em lágrimas, recebe a condecoração do pai que já não tem, dois finos sulcos de água descem pelo rosto de Salazar. "Fotografa agora! É o Salazar a chorar, não vê?" Vejo o movimento da luz nas lágrimas e foco a mentira que nasce dessa ampliação da verdade. Vejo e foco e sinto o dedo paralisado sobre esse instante em que o enquadramento da eternidade se decide. "Dispara, atraso de vida. Deixa-te de porras. Se não disparares eu conto a história na mesma, faço chorar as pedras com o furo das lágrimas do Botas e lixo-te, digo que tu não consegues fazer o boneco." A imagem desenha-se, com singular perfeição, diante da minha máquina. Será capa, uma multidão de capas, mesmo, a imprensa estrangeira não desperdiçará esta "catcha." Fama, prémios, consagração, ganharei tudo isso com um só zoom sobre o rosto comovente do velho ditador. Mas como é que eu posso assinar a comoção de um ditador? Como é que eu posso consentir em esconder com as lágrimas dele as lágrimas que já não podem chorar os rapazes que ele mandou morrer?

"Dispara, estúpida", repete a Glória, e eu começo a pensar, por entre o tumulto de ideias terrivelmente sérias que me assalta, esta coisa absolutamente frívola, perfeitamente marginal: é engraçado como a boa educação da Glória está presa por fios frágeis, cenário de cartão. E este pensamento marginal sobrepõe-se de forma obsessiva a todos os outros pensamentos, a voz de Glória torna-se ensurdecadora, esdrúxula, fere-me os tímpanos, o dedo treme-me e a fotografia faz-se sem que eu dê por isso, com irrepreensível nitidez.

Na câmara escura, sou caçada pela autenticidade da emoção nos olhos do velho solitário. Mas o autêntico não é necessariamente verdadeiro. A verdade reside nos olhos sorridentes da minha filha negra. Um repórter, diria Glória, tem por missão relatar o que vê, sem nunca se arvorar em guardião da verdade. O chefe-de-redacção recorda-nos de manhã à noite que ninguém nos paga para pensar: "O jornalismo não é uma escola de filosofia, grandes artolas, é uma escola de vida. E se as meninas gostam de

rodriguiños e belas-artes, o melhor é voltarem para casa e porem-se a bordar à janela!" Depois ri-se com gosto e acrescenta: "O que vos vale é que eu tenho uma paciência infinita para as mulheres, e olhem que não há muitos como eu!" Um repórter quer-se humilde, permeável às evidências que tocam o homem normal, mediano. O repórter existe para dar consistência narrativa à vida desse homem simples, honrado, que acata as leis dos que governam e trabalha para o bem dos seus. A verdade é abstracta, não se vê. E um repórter é um concreto servidor da realidade. Na realidade, Salazar chorou no dia 10 de Junho de 1966, e só eu fiz a fotografia dessa realidade. Mas como impor esse pormenor real à muito mais ampla realidade das fotografias inexistentes dos mortos portugueses e africanos?

Esta é uma das minhas mais belas fotografias. Não se trata de Salazar, trata-se da imagem de uma solidão magoada. A beleza de um instantâneo íntimo, portanto intemporal, portanto suspenso acima de todos os julgamentos éticos. Um símbolo em aberto. É o tipo de imagem que pode sobreviver ao seu contexto, diria Glória, e surgir, por exemplo, trinta anos mais tarde, estampada em camisolas, para consumo de adolescentes. O poder da solidão, a solidão do poder. Não interessa de onde ele vem; o lastro concreto dos mortos que lhe servem de escada apaga-se diante da imortalidade do bronze. Hitler, Estaline, Fidel, Evita, Salazar, tornam-se apenas símbolos e propagam-se.

Fui ter com Glória, disse-lhe: "Azar. Saiu completamente queimada." Foi a primeira vez que lhe menti.

ROMEU E JULIETA DE MAURICE BÉJART
COLISEU, LISBOA,
6 DE JUNHO DE 1968

Desta vez, esquecime dos meus princípios. Fotografei com paixão, cor, libertinagem, impudência. Fiz grandes planos de rostos desmantelados no público, aplausos e lágrimas. Usei exposições intermináveis. Usei tudo aquilo que normalmente considero "truques baixos", e as máquinas que habitualmente me servem para fugir à vida devolveram-me imagens de dança onde se inscreve a verdade do sonho da minha vida.

Este retrato de Maurice Béjart, à boca de cena, no fim do espectáculo, a pedir um minuto de silêncio pelo assassinio de Robert Kennedy "vítima da violência e do fascismo", nunca foi publicado. Supliquei ao director que o publicasse, mesmo sem texto, sem legendas, sem contexto, como se tivesse aterrado por engano no meio de outra notícia qualquer, enfim, como um simples retrato de um homem que afronta a escuridão de um mundo afogado em notícias de inacção. O director riu-se, e disse: "Nunca mais mudas! Nem o medo pela tua filha te faz mudar!" Medo pela minha filha? Ilegítima, mulata, tendo por pai um morto oficialmente incógnito. A coragem toda não seria suficiente para a aliviar de um destino assim. Vê-la crescer só me acelerava a raiva e a coragem. Ensinei-a a transformar a tristeza em alegria soberba ainda no Jardim Escola, quando os meninos lhe gritavam "preta!" e as educadoras a pretendiam consolar com doces e murmúrios de "coitadinha!"

Por isso este espectáculo de Maurice Béjart com o Ballet du XX^{ème} Siècle, num Coliseu esgotado de gente sequiosa de liberdade, foi para mim mais importante do que a chegada dos homens à lua, um ano mais tarde. A noite de Béjart marcou-nos como uma espécie de versão resumida da festa do Maio de 68 em França. Não era fácil sair do país nessa altura, pelo menos para os que, como eu, tinham já ficha negra na polícia. Inventávamos revoluções de bolso em conversas de café ou em noites clandestinas.

Éramos levianos por militância, sobretudo as raparigas. Para acabar de vez com o fúnebre baptismo erótico dos rapazes da nossa geração, que ainda se processava em casas de passe, deitávamo-nos com eles ao fim dessas longas madrugadas em que mudávamos o mundo. Lembro-me de pensar, às vezes, a meio do acto: "Se é isto a liberdade, porque é que me sinto tão triste e contrariada? Porque é que não recuso este hábito de que não gosto? Este corpo flácido e sem beleza?" Mas a voz doutrinal da minha consciência reprimia de imediato estas inclinações individualistas, recordando-me que os feios também têm direito aos prazeres da Terra e que eu não podia ceder aos paradigmas burgueses da comparação, e muito menos aos parâmetros estéticos que tinham estado na origem dos horrores nazis.

Dormia com homens que não queria, e nem sequer era paga por isso. A escolha não ficava bem a uma rapariga livre, até porque as raparigas

verdadeiramente livres, como eu - já mãe solteira e tudo - eram raras, e os rapazes de espírito avançado não suportavam a ideia de pagar a uma desgraçada qualquer para que os satisfizesse. Para ser saudável, a satisfação devia ser acompanhada de algum afecto. Éramos suficientemente modernos, no entanto, para saber que o sexo é um instinto animal e democrático, tão próprio de homens como de mulheres; e da própria natureza instintiva do acto se deduzia que não havia razão para, entre companheiros, estabelecer uma hierarquia de preferências ou exclusividades. Recalcávamos todos os assomos de posse e ciúme, fazendo um esforço mental para considerar todos os corpos equivalentes.

A imaginação do tempo descrever-nos-ia, mais tarde, como a geração da luxúria e do sexo em grupo. Nada mais distante, afinal, da repetida monotonia dessas cópulas melancólicas, silenciosas e pudicas. Ao fim da noite, cada rapaz pegava na mão de uma rapariga e levava-a para um quarto distante da sala de reunião. Ou para o seu quarto, na casa dos pais, onde entravam pela calada, de sapatos na mão. Ela saíria da mesma forma, antes do romper da alvorada. Não se diziam palavras, porque se respeitava a dignidade da mulher. Não se trocavam palavras de amor, porque se prezava a inteligência racional. Não se arrancavam roupas em fúria, nem se usava lingerie específica, pelas mesmas razões. Acima de tudo, era preciso distinguir o saudável exercício da sexualidade das perversas práticas de alienação à volúpia típicas da sociedade patriarcal e capitalista. A mais feliz memória que guardo dessa época é a da ocasional cumplicidade entre raparigas, em algumas noites de segredos, risinhos e confidências. Vingávamo-nos deles, sem repararmos, cotejando-lhes as prestações para afastar a desolação desses encontros baços. Eles nem sequer nos comentavam entre eles: respeitavam-nos ou, melhor dito, esqueciam-nos.

Portugal parecia-me cada vez mais uma casa esconsa, sem livros nem música nem outra cor que a das andorinhas nos beirais, chilreando ensurdecedoramente, boiando no vazio do céu. A luz de Lisboa, as sapatilhas e os calções brancos dos turistas de Verão só acentuavam essa saudade de um mundo inacessível. Por isso mesmo a noite única de Maurice Béjart no Coliseu ficou

gravada em mim como um raro momento de civilização, arte, Europa. Por isso mesmo ousei, sem sequer pensar, nos dois rolos inteiros que fiz, todas as técnicas e liberdades de fotografar. Pela primeira vez, senti que a fotografia podia ser uma marca de diferença, a assinatura de um olhar, e não apenas um método de garantia póstuma da realidade.

No epílogo de Romeu e Julieta, uma voz clamava: "Façam amor, não façam guerra!" E depois, no palco já deserto, continuavam a ouvir-se vozes atrojando notícias sobrepostas das guerras do mundo. Às duas horas dessa madrugada Béjart estava já na fronteira, e as representações seguintes do espectáculo estavam canceladas. A nota oficiosa de Salazar explicava que "foram dirigidas à juventude exortações derrotistas, e tomadas atitudes de especulação política inteiramente estranhas ao próprio espectáculo. Perante a luta que temos de manter em defesa da integridade nacional, não pode

consentir-se que uma companhia estrangeira aproveite, abusivamente, um palco português para contrariar objectivos nacionais."

Nesse Verão de 1968 fui presa por nudismo, com mais cinco amigos, numa praia deserta para os lados de Sesimbra. Já se usavam biquínis, mas a grande moda do ano eram os fatos de banho sem lados. Jenny costumava dizer, olhando para as revistas de moda com um ar desanimado: "Qualquer dia os costureiros ficam no desemprego." Quando eu voltei para casa, depois de o meu pai pagar a fiança e de três dias de castigo na prisão de Caxias, Jenny sorriu, abraçou-me, beijou-me e serviu-me uma limonada com um bolo de chocolate acabado de fazer. Antes de ir buscar Natália, ainda voltou a sorrir e disse: "Agora que a pele se tornou um tecido, as pessoas já não têm como se despir. Que tristeza. É o fim do erotismo." Jenny nunca se amparava no senso comum para criticar as atitudes ou aparências das pessoas. Preferia pulverizá-las através da ironia. Dizia-me, por exemplo: "Com essas camisas à Nehru, já não te distingo dos teus namorados. Espero que tu consigas!" Eu respondia-lhe, com a mais didáctica das inocências, que aquela roupa traduzia uma negação dos impulsos hostis.

Ao fim da noite de Romeu ejulieta, dei por mim com um homem que mal conhecia pendurado nos ombros, perorando sobre "o espectáculo, religião do capitalismo", e invectivando-me por me deixar deslumbrar tanto com uma história afinal tão lamechas e proto-burguesa como a dos namorados de Verona. Larguei-o à porta do eléctrico. Em desespero de instinto sexual reprimido, chamou-me "burguesinha atiçadora." Segui sozinha pelos néons da Baixa, sentindo-me pela primeira vez uma mulher livre.

GLÓRIA VELENO
NA REDACÇÃO DO JORNAL 1970

Sempre encontrei em Glória muitos pormenores irritantes. Mas interpunha a esses pormenores uma resistência deliberada, que me aproximava dela de uma forma quase religiosa. Repetia, afinal, possivelmente contra o meu pai, a relação do To Zé com o pai dela. Troçavam de mim quando eu a procurava justificar para além de todas as possibilidades reais de justificação. No caso dos abaixo-assinados, por exemplo: em privado, tecia discursos inflamados sobre a tirania, erguia os braços contra a passividade das pessoas na defesa dos mais elementares direitos humanos. Quando o papelinho aterrava debaixo dos seus olhos, solicitando-lhe o acto público de uma assinatura, punha-se a questionar-lhe as vírgulas e adia. Em ocasiões de insistência premente, lá assinava, mas com o apelido da mãe: Gomes. "Então", acrescentava, perante o olhar surpreso dos que assim a viam assinar: "Já é tempo das mulheres se libertarem do jugo patriarcal." Se alguém lhe perguntasse porque é que não utilizava o nome da mãe para assinar os artigos, retorquia com desenvoltura: "Ora. Porque não soa. Um nome artístico é um nome artístico, não tem nada a ver com as crenças profundas das pessoas. São registos completamente diferentes." Glória era perita na separação dos registos.

Lembro-me que, quando se tratou do abaixo-assinado a favor das Três Marias, a Armanda, que era a vivaz alma do nosso arquivo, já farta das esquivas de Glória, puxou de uma caneta e disse: "Muito bem. A tua homenagem materna comove-me, mas como, na verdade, ninguém vai perceber quem é esta Glória Gomes, vou pôr aqui um asterisco a remeter para o teu nome artístico, lá em baixo." Glória ficou branca, ainda hoje não sei se de raiva, se de terror. Nunca aprofundava as reacções de Glória; preferia fotografá-la, vê-la viver e guardá-la em imagens de luz que me faziam falta. Mas dessa vez ela disse uma frase que infelizmente já não esqueci: "A excessiva exibição não me parece um método adequado para se chegar a lado nenhum." Fez-se um silêncio enorme em seu redor, Glória começou a gaguejar desculpas, podia perder o emprego, e de que adiantava, que ajuda é que podia dar o nome de uma simples jornalista. Armanda riscou o nome dela do papel, e toda a gente lhe virou costas, deixando-a a falar sozinha na redacção. Tive nojo e pena de mim e dela ao mesmo tempo.

Em geral, as mulheres não gostavam de Glória. Apoucavam-lhe os saltos dos sapatos, a exiguidade das roupas, as camadas de maquilhagem, até o ruivo natural dos cabelos. Toleravam a minha dedicação por ela como um vício de infância. Eu repetia que Glória ganhava muito com um convívio mais demorado, que se tratava de uma alma veemente à qual as ambiguidades do mundo tocavam e confundiam. Não me entendiam, o que só confirmava a minha necessidade dela. Onde as outras viam uma

sedutora desenfreada, eu encontrava uma presença dissonante que refulgia entre a massa parda dos nossos ideais eternamente acoados. Concordeava com ela mais vezes do que era capaz de admitir, em relação a assuntos como o da libertação das mulheres ou, genericamente, da prevalência arbitrária dos afectos sobre as lógicas políticas.

Ao contrário do que se julgava, a vida amorosa de Glória era tão coerente quanto mal-sucedida. Os homens assustavam-se com aquela montra de sensualidade exuberante, num tempo em que as raparigas aderiam ao unisexo, abandonavam os soutiens e ocultavam as formas em túnicas largas. E assustavam-se ainda mais com a evidente vontade de vencer que lhe cintilava nos olhos, tão diferente da feminilidade dócil das suas companheiras de utopia, dispostas a prescindir de si mesmas para seguir as masculinas vozes de liderança que as conduziriam até aos amanhã que cantam. Glória apaixonava-se muito por pessoas mas nunca conseguia apaixonar-se até ao fim por uma ideia. Chegava a meio e começava a desmembrá-la, depois perdia-se, não conseguia encaixar as peças e desistia. Era impaciente. Tinha tendência para se enamorar por homens ligados ao Poder, o que me parecia coerente com a sua atracção genética pelo sucesso, mas era muito mal visto por quase todos os nossos companheiros de jornal, que só aceitavam o sucesso da esquerda.

No princípio de Fevereiro de 1974 fui despedida, e Glória disse-me: "Desculpa, mas tenho que pensar primeiro em mim. Isto é uma selva. Não posso fazer nada." Acrescentou que nada abalaria a nossa amizade, que um emprego era só um emprego, e ofereceu-se para me emprestar dinheiro. Fui despedida por me recusar a saltar o muro da casa de uma actriz conhecida e a fotografar os seus encontros clandestinos com um grande empresário, casado e respeitável. A Primavera marcelista arejara as páginas dos jornais e o abrandamento da Censura parecia desmotivar os leitores. O director começou a mostrar-se nervoso e a falar de audiências, marketing, targets, e a dividir a sociedade portuguesa, que até aí julgávamos simplesmente repartida entre opressores e oprimidos, em classes a, b, c, d, segundo indicadores científicos de capacidade económica e de consumo. "O que o leitor pede é espectáculo, evasão." E a grande evasão, o sonho dos sonhos, era a devassa da vida privada dos ricos e poderosos. "Dou-te capa", dizia ele. "É assim que se derruba o regime, minando-o por dentro", dizia ele. "Trata-se de mostrar os podres de uma sociedade de fachada, não percebes?" Eu só abanava a cabeça. Não, não percebia. Respondia-lhe que a política se ataca com actos políticos, e que o jornalista não podia agir como um padeiro da moral alheia, fosse de quem fosse. Acabou por me dizer que um profissional responsável não podia recusar um trabalho que lhe era distribuído pelo chefe, e que se eu insistisse na minha insubordinação teria que me despedir.

Glória assistiu em silêncio a toda esta conversa. Deixara a reportagem para apresentar um programa de decoração na televisão e o director achara por bem fazer reverter a sua notoriedade a favor do jornal, oferecendo-lhe uma crónica semanal com fotografia intitulada Os Dias de Glória. Um nome pode escrever um destino, Delfim Veleno bem o sabia. "Não tens nada a

dizer?", perguntei-lhe, quando o director voltou costas e bateu com a porta, furioso. Pousou em mim os seus grandes olhos negros e disse: "Gosto muito de ti, Camila. Sabes isso." Perguntei-lhe se estava disposta a testemunhar a meu favor, e ela disse: "Eu não posso ser metida em coisas dessas. E acho que não adianta nada. O mundo é assim." Peguei nas minhas máquinas fotográficas e saí. Nunca mais lhe disse nada.

Ela esforçou-se durante uns meses. Mandou-me um ramo de flores, escreveu-me três cartas que rasguei sem ler. Disseram-me que ainda dedicou duas crónicas "a uma amiga do coração" que se via logo que era eu, e ri-me: bom título para uma fotonovela de Corin Tellado. Soube que logo após a revolução Glória Veleno se inscreveu num partido de extrema esquerda. Vi-a depois algumas vezes, ao longe, em manifestações, de socas, saias compridas, cravos no cabelo, gritando que "O Povo Unido Jamais Será Vencido." Apoiou a exoneração dos que lhe haviam ensinado tudo sobre televisão e passou a afastar-se suavemente de todos aqueles que, pela persistência da memória, fossem susceptíveis de lhe transmitir aquilo a que chamava "anti-corpos."

No fim da década de setenta começou a assumir. Dava entrevistas para "assumir com frontalidade" o seu passado revolucionário. Hoje, por exemplo, diz, numa revista de televisão: "Assumo serenamente a minha maturidade." Casou-se, divorciou-se, ficou amiga do ex-marido, dos ex-patrões, mesmo dos ex-amigos, ainda que à revelia deles. É assessora de imagem de um Ministro, que foi sensível à pertinência das críticas das suas famosas crónicas Mundo de Glória. Apresenta um programa semanal de entrevistas na televisão - Glória com Glória - e assume que fez uma plástica ao nariz e ao pescoço "porque o progresso da Ciência e da Tecnologia serve para isso mesmo: para nos aperfeiçoarmos. E a perfeição é o meu objectivo." Não teve filhos, mas todos os Natais se faz fotografar para as capas das revistas com órfãos roliços, de olhos tristes, que se vão tornando, de ano para ano, cada vez mais bebés, de forma a acompanharem a sua renovada juventude.

Guardei esta fotografia da Glória antiga, embonecada e radiosa, na redacção onde ambas trabalhámos tantos anos, porque não quero viver sem mágoa. A minha filha Natália compreende mal que eu possa guardar ainda um amor retrospectivo por uma pessoa de tão feias entranhas. Acusa-me: "Deixas-te cair no bárbaro ardil da beleza exterior, é o que é." Não é verdade. A beleza, venha ela de onde vier, de dentro ou de fora, congela a vida, e por isso não me interessa. Aparece demasiado depressa, completamente pronta. Julgo que o que em Glória me deslumbrava era a baça cintilação que essa fealdade interior exercia sobre a sua beleza exterior, arredondando-a, conferindo-lhe um travo maligno de obscura inocência. Aquilo que nos toma viúvos é o mal.

Desde que os psicólogos inventaram o luto, a vida ganhou outro ritmo, muita velocidade, mais acção. Vejo cada vez mais gente a dirigir-se sobriamente para o cinema no minuto seguinte ao do desmoronar dos sentimentos, bebendo doses de violência colorida, sessão após sessão, até que a dor se esfacele como o papel de uma pastilha elástica esquecida no bolso.

Os que se demoram no luto para lá dos prazos previstos pelos tratados de saúde mental tornam-se incómodos, cansativos como crianças, nunca se sabe o que se lhes há-de dizer.

Quando o Eduardo morreu, senti que me abriam o peito e me chupavam o sangue do coração, e as pessoas diziam: "Faz-te crescer." Quando a minha melhor amiga me traiu, levando com ela o hábito de confiar que eu trazia da infância, as pessoas diziam "Faz-te crescer." Quando fiquei sem trabalho e sem amigos, e, ensurdecida pelo silêncio, telefonava a alguém, as pessoas do lado de lá da linha diziam: "Faz-te crescer." Hoje sei que estou crescida: não tenho fé nem alegria nem confiança em nada do mundo. Só na melancolia destas imagens onde a dor volta sempre a arder como no primeiro momento sinto o meu coração em sangue e saboreio o desmantelado gosto da vida.

MIRADOURO DE São PEDRO DE ALCÂNTARA
25 DE ABRIL DE 1974

Não são de felicidade as lágrimas que inundam o rosto de Armanda, aqui sentada no meio de um banco de jardim com um cravo vermelho pendendo do casaco de malha branco. As mulheres que de ambos os lados a abraçam são desconhecidas que pararam ali um segundo, para dar descanso às pernas que corriam em tropel do Largo do Rato para o Camões, e depois para o Chiado, e depois para o Rossio, querendo estar em todas as partes da alegria daquela revolução ao mesmo tempo. Traziam sacos carregados de leite, laranjas e cravos para distribuir pelas tropas exaustas, e emocionaram-se com as lágrimas que lentamente afogavam aquele rosto. "Então amiga, este já não é dia de choros, vá! Tem o seu homem no Ultramar, será? Mas olhe que num instantinho ele volta, que agora o povo é quem mais ordena! O meu filho também está para Angola, mas já disseram na rádio que a guerra acabou. Anime-se, moça!"

Eu tinha saído disparada de casa a meio da manhã, com a câmara ao pescoço, Natália pela mão e Jenny aos gritos, perseguindo-me até ao portão, chamando-me louca, irresponsável, tentando impedir-me de ir com a menina para o perigo da cidade sitiada. Beijei-a, abracei-a, prometi-lhe manter-me à margem da confusão e corri para a Baixa. A minha filha jogou ao berlinde e à macaca, por entre as pernas dos adultos, nos passeios superlotados, com outras crianças. Ofereceram-lhe dentadas de bolos e metades de chocolates. Almoçámos sanduíches e maçãs, sentadas na borda da fonte do Rossio. E ao princípio da tarde, no Camões, vejo a Armanda a correr para mim, esgotada, de braços abertos, desfeita em lágrimas. Procurava-me desde manhã, telefonara lá para casa, corraera a Baixa inteira vezes sem conta. O João Paulo, aparentemente tão sólido, tão instalado na domesticidade, tão empenhado nos seus alunos, tão exímio a arrumar a casa, saltara para o espaço exterior. Abandonara-a na véspera à noite. E trocara-a, como num fado vadio, pela maior amiga dela.

Ninguém duvidava de que o grande amor da vida do João Paulo tinha sido exactamente a São, e que ele acabara por casar com a Armanda porque ela era a réplica realista dessa paixão irreal. Armanda e São partilhavam um quarto alugado, nesses tempos da Faculdade, e era impossível rondar uma delas sem tropeçar na outra. E enquanto João Paulo cercava São que nem olhava para ele, Armanda parecia transformar-se de dia para dia numa fotocópia de São em versão enfática. Andava, vestia, sorria e cheirava como a amiga, sempre de olhos postos em João Paulo, que nem dava pela sua existência. Trivial. No fim do curso a São arranjou um emprego no Porto, e seis meses depois João Paulo casava-se com Armanda. Agora, seis anos depois, a São voltara e parece que desta vez se dedicara a olhar com atenção para João Paulo. Armanda jurava ter sido completamente colhida de

surpresa: nunca, até à noite anterior, suspeitara de nenhuma inclinação, um fraquinho só que fosse, do seu João Paulo pela São de quem copiara o perfume.

No seu nítido recorte, esta fotografia prova-me que todas as imagens, as mais sinceras delas, podem ser uma fraude. A água dos olhos de Armanda brilha como um rio acabado de escapar às comportas; o cravo, as mulheres que a abraçam sorrindo, o sol nos cabelos, as crianças, nada revela o drama trivial que este instantâneo do 25 de Abril esconde.

No entanto, depois de contada a história desta fotografia, ela permanece, para mim, um símbolo quase premonitório. O divórcio tornar-se-ia, nos anos que se seguiram, uma pequena tragédia quotidiana. As reportagens da época explicavam essa avalanche de separações como uma consequência penosa, mas natural, da liberdade. Afinal, parecia haver uma multidão de casais entaipados um no outro por dever, medo, hábito ou resignação aos quais a torrente da revolução, com as suas canções sobre a gaivota que voava, voava, dava um alento libertador.

Pode ser que tenham existido casos assim, de heróis camilianos escapados à condenação de um matrimónio forçado, mas nunca os encontrei. O que aconteceu a muita gente da minha geração foi infinitamente mais cândido e banal: apaixonaram-se pela política, e deixaram que os partidos lhes dividissem o coração. O homem entregava-se ao comunismo, a mulher ao socialismo, ou à social-democracia (que ainda eram coisas diferentes). Ou vice-versa. E começavam a gritar um com o outro. Assim assistimos à expansão do divórcio entre as elites ilustradas do país. Dez anos depois, quando se tornou claro que a democracia também não garantia paz, pão, saúde, habitação, e que a felicidade terrena continuava a espelhar-se nas caras dos mesmos ricos de antigamente, a religião começou a substituir a política, e o divórcio expandiu-se como um direito popular. Desta feita a vanguarda separatista era formada por um exército de mulheres. Fartas de trabalhar cada vez mais em casa e nas fábricas, a troco de menos segurança e menos dinheiro, elas procuraram repouso na transcendência. Várias colegas minhas largaram o lar, confiando os filhos aos seus extremosos maridos, para ingressarem nas comunidades espirituais do guru Marajaji, na margem sul.

Nos olhos alagados de Armanda leio hoje o desespero dessa esperança que mudou definitivamente a paisagem dos afectos nos últimos vinte anos. Entretanto, também a fotografia se divorciou dentro de si mesma: fugiu do real para o íntimo. Hoje, ninguém parece interessado em testemunhar nada, a reportagem fotográfica tornou-se um trabalho menor, entendida como uma espécie de redundância ingénua da realidade. Mas a realidade não existe. É isso o que Armanda me diz no silêncio deste retrato de euforia. As fotografias de moda, ou de arte, com os seus estudados contrastes e a sua encenação estética construída ao milímetro, isso é que é para mim a realidade. Vejo-as nas paredes das galerias, tão filhas do seu tempo, tão seguras do seu recital de referências, e fujo delas, porque as convenções da beleza fixam as oscilações do olhar.

Dantes preferia o preto e branco, porque a cor me parecia demasiado manipulável. E porque o mundo era a preto e branco. Agora é a realidade que me aparece a preto e branco, a realidade destes dias em que a beleza se tornou obrigatória e se rege pelas regras mínimas da lisura completa dos corpos e da frugal esquadria das sombras sobre os acessórios da ausência. Num futuro próximo, poderemos escolher por catálogo a nossa cara, e as caras dos ídolos mortos cairão no domínio público, a bem da ideia ingênua de reconstituir o sucesso através de um rosto. Talvez a vulgarização da beleza acabe por a fazer regressar, em saturação, à subjectividade que inventou a arte. Quanto mais intensa é a fonte de luz, menos suportável é olhá-la e mais sombra provoca, até que apenas um lado seja visível. O século vinte é uma era de penumbra. Por isso é tão difícil fotografá-lo, e por isso trabalho tanto. Jenny costumava dizer que o meu trabalho me destrói, mas é exactamente o contrário: trabalho para não ser destrutiva.

O meu trabalho é muito parecido com o amor, e o amor, que tanto quisemos democratizar, foge das melhores intenções. O amor é um polvo capitalista; quanto mais apertado pela concorrência, mais cresce. Quando já não houver espaço para uma expansão na vertical, ele há-de estender-se horizontalmente, em variações de gama e criações de subprodutos, por sobre todas as disformidades do mundo - e o que é o feio, senão uma verdade diferente daquela para que fomos codificados? Por isso me repugna tanto a disciplina da beleza, por isso me interessam cada vez mais os corpos destroçados. Uma vez um crítico escreveu sobre mim: "Esta fotografia não é apenas boa, mas maldosamente boa." Os meus amigos deram-me os parabéns. Eu sentime muito só. O crítico considerava, como é hoje muito comum, que todas as imagens arredadas dos cânones da beleza são irónicas, e que a ironia é uma prova superior de inteligência, e a inteligência é o ramo iluminado da maldade. Para mim, tratava-se apenas de retratos de amor. Como este, de Armanda. Devastada e grávida. Sem sequer saber.

JENNY, PEDRO E ANTÓNIO JOSÉ
JARDIM DA CASADO XADREZ,
SETEMBRO DE 1976

As fotografias da década de setenta envelheceram muito depressa. Havia um excesso de actualidade nas pessoas e nos acontecimentos que deixava cair uma cinza de efemeridade sobre as imagens. Este retrato escapou a essa voragem. É como se o meu pai, o tio To Zé e a mãe Jenny vivessem tranquilamente numa outra dimensão. Encontrei-o quando remexia um caixote de fotografias, depois da morte de Jenny.

Os olhos dela ordenavam-me, de dentro do retrato: "Continua a nossa história." Era uma ordem estranha porque Jenny nunca impôs nada a ninguém. Comecei então a reunir papéis dispersos, cadernos quase sempre interrompidos ao fim das primeiras linhas ou provas fotográficas comentadas. Assim fui construindo este álbum, a partir de uma mão-cheia de imagens. A isto se resume uma vida. Pelo menos a minha. Só depois soube da existência do diário de Jenny. Nesse caderno, despedia-se da claridade da vida. Como se pressentisse os dois anos de tenebrosa demência que a separavam ainda da eternidade do Paraíso. Jenny nunca duvidou da existência desse lugar. Por isso se adequou tão bem à imitação da felicidade.

O céu desfazia-se em água sobre a cidade nessa manhã de Novembro em que a encontrámos morta, no chão da sala, dobrada sobre um prato de papa de bebé cheio de moscas. Nos últimos anos, Jenny recusava-se a comer sólidos, dizia que era imoral trincar coisas para sobreviver. A palavra "imoral" era completamente nova na boca dela. A verdade é que perdera os dentes, a sua magnífica feira de dentes imaculados, e recusava-se a substituí-los. "Próteses! Vocês resolvem tudo com próteses! Mas eu sou do tempo em que as pessoas eram inteiras até ao fim, e assim hei-de morrer. Inteira, intacta", dizia. Às vezes acrescentava, com um ar filosófico: "Se Deus me levou os dentes, isso quer dizer alguma coisa. Quer dizer que os dentes são supérfluos, que tenho que aprender a comer coisas mansas, sem esforço, como as crianças."

A morte do marido roubara-lhe a vontade de ser bela. Ela considerava a beleza uma consequência natural do acto de amar e desprezava profundamente todas as diligências conscientes daquilo a que chamava "a ostentação feminina."

Fazia troça das mulheres que se maquilhavam "como as duquesas tontas do século dezoito, que tinham inveja das rameiras", e a cirurgia estética parecia-lhe, excepto em casos de acidentes graves, uma afronta à grandeza humana. Dizia que a arte se tornara abstracta à medida que os homens e as mulheres se confundiam, numa mesma linha de montagem de seres geométricos, de rostos e corpos idênticos. Via Michael Jackson na televisão e

suspirava: "Até os negros, depois de séculos de combate pela dignidade da sua cor, se metem no detergente para ficarem iguais ao resto. Venham cá dizer-me que estou velha. Agora que inventaram a saúde para as pessoas poderem durar, já ninguém quer ser velho. E depois chamam-me louca." Estava louca, sim, mas não tão louca que alguma vez se esquecesse de tomar os remédios para a tensão, ou as vitaminas. Declarava-se determinada a viver a velhice até ao fim, para poder afrontar o mundo anti-rugas e divertir-se a blasfemar. Ouvia vozes, mantinha longas conversas com os espíritos do tio António José e do meu pai.

Mas, a pouco e pouco, essas vozes foram desaparecendo, e Jenny entrou em pânico. Deixou de se vestir, corria pela casa em camisa de noite, aos gritos, desgrenhada. Uma vez encontrei-a com os olhos alucinados, e os braços, os seios e o sexo arranhados. Mudei-me lá para casa durante uns meses e ela acalmou. Consegui que voltasse a vestir-se e conversar normalmente. Recusava-se apenas a sair da sua dieta de papas e bananas esmagadas com laranja.

Por fim, alimentava intrigas com ternuras botânicas, como se criasse canteiros de correntes de ar; precisava delas para sobreviver - para escapar à loucura através do poder, para escapar ao poder através da harmonia dos contrários. Ao fim do primeiro mês vi-a a despejar, às escondidas, nos brincos-de-princesa do jardim, o copo com o comprimido diluído. Estava explicada a permanente resplandescência das flores em contraste com a crescente palidez dela. Ralhei-lhe e ela eriçou-se contra mim como um gato selvagem. Deve ter visto passar-me sobre os olhos a ideia de um hospital psiquiátrico, porque amansou poucos minutos depois, com a mesma rapidez com que tinha insultado. Afivelou um sorriso imaterial e passou a chamar-me "querida", até me convencer da sua sanidade mental. Não fiquei convencida, mas fiz de conta que estava tudo bem.

A verdade é que já não aguentava viver naquela casa, com aquela sombra da Jenny que me criara. Por outro lado, nunca teria coragem de a tirar dali. Pregava continuamente contra "as executivas", como eu, chamando-lhes "criadas de servir promovidas à miséria do ser"; pressentia a derrocada acelerada daquele mundo da sábia inutilidade que era o seu. Acabei por voltar para minha casa, embora a fosse visitar todos os dias, ou dia sim, dia não, alternando com a Natália.

Parece que fez de propósito: morreu na minha ausência. Fui cinco dias em reportagem a Praga, no fim do Outono de 1993. Nesses cinco dias, por uma daquelas coincidências tão frequentes quanto irracionais, a Natália separou-se do marido, o Manuel Almada teve uma gripe e a Jenny aproveitou para morrer, atando-nos com um inabalável cordão de culpa.

Recebi o diário secreto de Jenny das mãos da Natália: "Toma, mãe. Isto pertence-te. Foi escrito para ti. Mas não julgues mal a avó Jenny. Ela teve uma vida boa. E, sobretudo, não te zangues com o teu pai. Ele fez o melhor que pôde." A minha filha teme sempre pelo excesso dos meus julgamentos, como eu temo pelo excesso de tolerância dela. Temor estúpido, o meu; a vida da geração dela é incompatível com o grau de exigência ética a que eu

me habituei. Para dizer a verdade, esse grau de exigência existiu sempre muito mais no mito de nós do que na realidade. Mas agora o mito diluiu-se diante das coleantes lycras da moda. Com a democracia, deixou mesmo de ser possível (ou, como eles dizem, "viável") privilegiar o ser diante de qualquer investida do ter. Todas as ambições têm o seu "contexto", e as atitudes são cromos descartáveis, em cores ácidas ou suaves, consoante as estações. Cada um é responsável de tanta coisa íntima e global ao mesmo tempo - as florestas, o sucesso, a fome em África, a depressão, a construção europeia, a poluição, a emancipação dos povos, a juventude eterna-que ninguém pode já sentir uma lágrima de responsabilidade por nada.

Mas quando li o diário de Jenny compreendi que o meu pai não tinha sido o sedutor invertebrado que, com grande tristeza, o julgava. Passei a vida inteira a mantê-lo delicadamente à distância, para não ter de enfrentar aquilo que me parecia ser a sua falta de amor por mim, e, antes de mim, pela minha mãe, e, antes da minha mãe, por qualquer ser humano. A sua veemência parecia-me uma afectação de salão, e a sua dedicação extrema ao António uma subserviente cobardia. Querida Natália, o diário de Jenny perturbou-me muito porque me obrigou a ver, pela primeira vez, para além da confortável protecção das imagens feitas, das descrições científicas da personalidade. Pela mão dela, o teu avô Pedro tornou-se finalmente o meu pai. E só a mim mesma posso julgar severamente, por não ter sabido avançar para além da letra visível das palavras, até à voz surdamente uníssona daqueles três corações. Apesar disso, consolo-me na definição do meu retrato, à luz de Jenny. Tratarei de não me fustigar demasiado com recriminações póstumas, para não oxidar essa espécie de heroísmo minimal próprio da filha que ela tanto mereceu.

Sim, a princípio zanguei-me com o segredo e a resignação de Jenny. Para dizer a verdade, zanguei-me sobretudo com a minha ingenuidade: para não ver o romance do meu pai com outro homem, habituara-me a imaginar a Jenny como musa estereofónica, amante dos dois amigos. Por isso, a minha reacção inicial foi de revolta contra o meu pai, contra os seus enigmas e omissões. Tive pena da Jenny, mas afinal a Jenny nunca deixa que se tenha pena dela. Esse diário revela-me sobretudo que Jenny era implacável: quando decidia que alguém era perfeito, nada a podia desiludir.

NATÁLIA, ATELIER DE ARQUITECTURA
JULHO DE 1992

Custa-me muito olhar para esta fotografia da minha filha mulher. Tenho álbuns e álbuns dela em bebé e menina; na adolescência, passei a fotografá-la menos e, sobretudo, a esquecer-me de organizar as fotografias. Muitas vezes, aliás, nem cheguei a revelar os rolos. É normal que os pais dediquem maior atenção às fases iniciais do crescimento dos seus filhos. Guardo uma memória nítida dos primeiros sorrisos dela, e de frases, brincadeiras, medos. Aos três anos de idade a Natália quase só falava de "fantávimas", uns fantasmas de carne e osso, com todos os terríveis poderes da vida. A palavra adequava-se com rigor à relação de fascínio e terror que ela mantinha com os diversos espécimes do género que lhe iam aparecendo nos livros. Abria uma página, ousava fixá-los, e depois, devagarinho, começava a recuar até que de um salto fechava o livro e desatava a chorar. Cinco minutos depois fugia do convívio com as pessoas e voltava a abrir, noutra página, o mesmo livro, que de novo lhe eriçava as pontas dos dedos e o fundo dos olhos.

Quando já todas as palavras parecem ter sido ditas, a atenção a estas experiências iniciáticas é de uma grande utilidade para quem tenha a ousada pretensão de buscar um sentido, qualquer que seja. Tretas. A verdade é que não gosto que Natália tenha crescido. É mais bonita do que eu, mais inteligente e, sobretudo, mais feliz. E insultuosamente jovem. É isso que eu não gosto de ver.

Durante a infância dela eu acreditava no instinto maternal. Uma rapariga nova com uma criança encantadora nos braços tem logo um certo impacto. Pode não dizer grande coisa nem ter talentos especiais, porque a coragem de ser mãe confere-lhe uma moldura de luz que de imediato a distingue. Adorava escandalizar as senhoras piedosas que me perguntavam: "Que linda menina! Adoptou-a?" Respondia, pregando-lhes um sorriso vitorioso: "Não, não. Fui eu mesma que a fiz, com um guerrilheiro da Frelimo." O meu pai repreendia-me, alegando que estas gabarolices só serviam para traumatizar a criança. "E de traumas percebes tu, não é?," retorquia-lhe eu de imediato.

Ele abanava a cabeça, encolhia os ombros, suspirava e calava-se. A minha imensa razão fortalecia-se.

Jenny dizia que eu levava ao ponto trágico o sentido de humor da família. A Natália acha, pura e simplesmente, que eu não tenho sentido de humor: "Devia ser proibido, na tua luta de emancipação das mulheres. Fizeram um lindo serviço, a queimar soutiens com as crianças ao colo. Construíram uma Virgem Maria ainda mais escolar do que a antiga, com horror aos homens e uma seriedade de fazer bocejar os mortos. Só nos arranjam mais trabalhos, e espantaram-nos a caça." Eu sei que ela se refere aos homens como caça para me irritar. E para me acirrar a inveja. Mas finjo

que não percebo, e explico-lhe pela vigésima vez que nunca queimámos soutiens, apenas queimámos vassouras, flores de laranjeira, aventais, enfim, e que se tratou meramente de um acto alegórico. Não compreende. Não acha graça. E depois eu é que não tenho humor. Dói-me que ela nem sequer perceba que foram esses "extremismos" de "mulheres estridentes", como ela diz, que lhe deram todos os direitos que lhe parecem agora tão naturais. Ela desenha cidades neste estirador com vista para o Tejo. Leu nuns livros americanos que as mulheres como ela se chamam "pós-feministas." Uma amiga dela dizia há dias: "ser feminista tem uma conotação histórica que não é interessante, pode ser um pouco contraproducente." Natália riu-se e disse que essa conversa é que não era nada interessante. Mas talvez acabasse por concordar com a amiga se eu não estivesse ali.

Pensei que a doença e a morte da Jenny me aproximassem da minha filha. A cumplicidade que havia entre as duas causava-me um ciúme violento que levei muitos anos a admitir. O ciúme foi um dos grandes tabus da minha geração, nisso Natália tem razão. No entanto, nem a moderação que a idade me trouxe é capaz de criar um armistício entre nós; Natália delicia-se a esfuracar as minhas contradições, a contrastar as minhas frases. Ensinei-a a ter mais respeito por ela própria do que por qualquer autoridade e agora sofre as consequências dessa educação libertária. Jenny bem me avisou. Parece que não consegui transmitir-lhes nada, que nada pude acrescentar à consciência da minha mãe nem da minha filha. É como se nunca me tivessem pertencido. Natália, que viveu nove meses dentro de mim, sozinha dentro de mim, unicamente do meu amor, ainda parece pertencer-me menos do que Jenny, que apenas me herdou.

Tentei ser, mais do que mãe, a maior amiga da minha filha, mas ela nunca me confiou uma que fosse das suas lágrimas. "Não se pode chorar no ombro de quem não chora", disse-me ela. "Mas a Jenny nunca chorou", disse-lhe eu. A minha filha riu-se e disse-me que eu só era capaz de acreditar em lágrimas de vidro, como as das fotografias. Eu nunca teria sido capaz de magoar dessa maneira a minha mãe, mas para a Natália eu não sou exactamente uma mãe; sou só uma mulher mais velha que quer à força saber-lhe os segredos.

E a morte da Jenny parece abrir ainda mais esse abismo que nos separa.

Gostava de me alegrar com o sucesso dela, mas não consigo. Os filhos servem também para isso, para nos consolarmos do que não fomos. Pelo menos é isso que se pensa enquanto eles são pequenos, era assim que eu pensava quando passava noites em claro ao lado do berço dela. Estremeci de raiva e desespero naquele dia em que ela me apareceu ao pequeno-almoço, elegantíssima, no meu vestido vermelho. Pensava homenagear-me, ou mostrar-se digna do meu apreço, mas isso vejo-o agora. Naquele momento, só me apercebi de que era uma bela mulher de dezassete anos na qual a minha roupa brilhava mais do que em mim. "Gostas?", disse-me ela, reluzindo de vaidade. "Não. Não gosto que vistas as minhas coisas sem me pedires", respondi. Ficou espantada, mas não perdeu a capacidade de resposta. Nunca a perde: "Bom. Não sabia que te tinhas convertido à

propriedade privada." Depois desatou a sermonear-me sobre a minha irresponsabilidade. Na altura eu abandonara o trabalho regular nos jornais e trabalhava em regime defree-lance. Queria ser dona do meu tempo e escolher o meu trabalho, aperfeiçoar a minha arte, o que fazia com que a minha vida financeira não fosse propriamente fácil. Brilhando no meu vestido de veludo vermelho, Natália arengava-me sobre a necessidade de ter um emprego que me permitisse uma reforma, enquanto mexia o café e mordiscava a meia torrada que lhe permitia não engordar.

Uns meses mais tarde levei o Álvaro lá a casa para jantar. O Álvaro era relações públicas numa galeria onde eu tinha feito uma exposição. Tinha menos treze anos do que eu e mostrava-se fascinado pelo meu trabalho. Encontrávamo-nos cada vez com mais frequência, e passávamos horas esquecidas à conversa. Parecia-me que já não era só o trabalho o que nos unia. A Natália resolveu apresentar-se para esse jantar com a minha blusa de renda branca e as minhas calças de cabedal. O Álvaro só teve olhos e palavras para ela. Quando ele saiu, proibia terminantemente de voltar a usar as minhas coisas. Nunca mais telefonei ao Álvaro, que aliás também nunca mais me telefonou. Muitos anos mais tarde, o diário de Jenny veio confirmar-me esse romance secreto da minha filha. Estranhei vê-lo aparecer no casamento dela. A Natália nunca me falou dele, nunca o trouxe cá a casa. Mas sei que é a paixão pelo Álvaro a causa do seu divórcio. Se bem que os divórcios não precisam de causa nenhuma: são actos de pacata insurreição, como os casamentos.

Nunca tive pena de não me ter casado. Poupei-me às histórias tristes das minhas amigas, em que quase se ouve o tecido das relações humanas a esgarçar-se devagarinho, ao longo do tempo. Tornei-me uma especialista em homens impossíveis.

E a minha filha Natália segue-me os passos, até porque os homens impossíveis crescem na proporção contrária às possibilidades do mundo. Ambas somos herdeiras de uma ausência que está para além do nosso controlo ou da nossa compreensão. A sombra de Danielle, a sombra de Xavier, atravessam-se entre nós e o mundo, secam-nos a atmosfera como uma silenciosa e constante tempestade de areia. Pensei que as imagens me poderiam curar, que poderia colar os instantâneos do mundo sobre o sangue do meu coração e fazê-lo parar. Pensei que o amor podia ser domesticado e o lado negro do instinto maternal racionalizado. Pensei demais. Tudo está escrito nos espaços brancos que ficam entre uma palavra e a seguinte. O resto não importa.

AUTO-RETRATO
MARÇO DE 1994

Gosto muito desta mulher que olha para mim com serenidade, com uma câmara fotográfica na mão. Sou eu. Tenho cinquenta e dois anos. É na curvatura dos dedos que primeiro se nota a passagem do tempo. Quando estudava fotografia, o professor puxava-me os ossos da mão até os sentir estalar, dizia-me que os meus dedos eram demasiado rígidos para acompanhar a fluidez do mundo: "Descontrai-te. Entrega-te. Aceita." Para apanhar a rapidez do instante que passa é necessário prescindir completamente da brusquidão. Deixarmo-nos levar pela lentidão interior da velocidade. Com a idade, os dedos vão ficando descarnados e sinuosos. Mais próximos do tempo. As manchas escorrem-me sobre a pele das mãos, alastram. Quando as pessoas me fazem mal ponho-me a olhar para essas ilhas castanhas que me conduzem para a terra dos meus mortos. Já ninguém me consegue fazer mal, mais uns aninhos e talvez nem possam fazer-me moosa.

Este é o meu único auto-retrato. Decidi fazê-lo à noite, quando cheguei a casa depois da inauguração da minha exposição sobre Moçambique. Precisei de esperar trinta anos para poder montar esta exposição, trinta anos até encontrar o espaço ideal e a atmosfera apaziguada que estas imagens exigiam. Pensei também que o pesado manto dos anos me resguardaria do dióxido de carbono da visibilidade. Mas as pessoas que me vinham beijar de copo na mão diziam: "Nestas fotografias, há mais forma do que fundo." Diziam: "Vê-se que ainda não estavas à vontade com a câmara." Diziam: "Como documento, são fotografias interessantes."

Pedi ao meu primeiro editor fotográfico que apresentasse a exposição. Julgava que ninguém como ele poderia explicar a força, o sofrimento e a qualidade daquelas fotografias. Observara de dentro a minha iniciação, discutira comigo ângulos e focagens, eu chamava-lhe Pigmalião, ele ria-se e negava: "Fui apenas o modesto descobridor de um grande talento." Trinta anos depois, nesta minha primeira grande exposição pública, o meu Mestre não falou de talento. Em bom rigor, nem sequer mencionou o meu talento. Fez uma longa e flamejante dissertação sobre o génio de Werner Bischof, que fotografara as vítimas da fome na Índia, nos anos cinquenta. Nas duas últimas linhas do seu discurso, referiu-se à "vitalidade documental" das minhas fotografias, que se inseririam "na mesma linha de preocupações estéticas e cívicas de Bischof." E foi tudo. Os visitantes aplaudiram o fulgor e a erudição do discurso e dois minutos depois comentavam em surdina: "Quase nem falou das fotografias da Camila. Significativo."

Chorei de bruços na cama como uma adolescente durante mais de uma hora. Chorei da raiva de só eu saber que aquelas fotografias de Moçambique eram realmente boas. O melhor que eu alguma vez fizera. Muito melhores

do que os retratos de corpos desmornados que me tinham valido o equivocado título de "maldosamente boa." Muito melhores do que toda a propaganda estética e anti-estética com que encadeamos a circular decadência da luz em torno de cada vida. Muito melhores, e, sobretudo, incomparáveis. Minhas. Tinha cinquenta e dois anos e estava sozinha. Tão sozinha como no dia em que nasci, mas muito menos só. Tinha um corpo, um trabalho. Uma história com o seu jubiloso manto de mortos. Decidi então fazer este auto-retrato, memória do instante em que realmente comecei a gostar de mim.

Na minha juventude revolucionária, o verbo "gostar" era proscrito. Entendia-se que gostar de alguma coisa era sintoma de incapacidade de análise objectiva, racional e inteligente. O gostar era próprio de mentes alienadas, confusas quanto às categorias estruturais das coisas, que se compraziam numa abordagem primária, emocional, dos problemas. Essa alienação podia ser inconsciente e involuntária - era o caso das massas operárias e camponesas, conduzidas à preguiça do pensamento através da imposição do analfabetismo -ou consciente e intencional, por parte da burguesia dominante, que desta forma se recusava a admitir democraticamente o progresso na arte. Nunca dizíamos que gostávamos ou não gostávamos de um filme, um livro, uma tela ou uma pessoa: tratávamos sempre de os explicar e apreender, tendo em conta o seu ponto de partida, os meios utilizados e os fins atingidos. E as declarações de amor eram substituídas por verificações de facto: "Sinto-me muito bem ao pé de ti", "Fazemos uma boa equipa." A paixão era apenas mais uma infeliz prova da injustiça do mundo, uma fatalidade que só atacaria cérebros mal ginasticados. Caí na fraqueza da paixão, mas nunca cheguei a cair no pecado mortal de me apaixonar por mim. Tinha boas defesas. Quando as defesas ideológicas começaram a soçobrar, servi-me da máquina fotográfica para me manter inexpugnável. Agora precisava de voltar essa máquina contra mim.

Gosto desta mulher de olhos cinzentos cercados por olheiras roxas, cavadas. Gosto das sobranceiras ralas desta mulher, das rugas que lhe reduzem a cor dos olhos a um traço de luz. Gosto das suas faces cavadas, do queixo demasiado agudo, os ossos quase à transparência da pele. Gosto desta boca lisa, sem cor nem volume. Gosto das dobras deste pescoço como de um mapa esborcinado depois de muitas viagens. Esta mulher imprimiu-se inteira na sua vida e sabe que vai morrer. Ninguém pode já fazer-lhe mal, ninguém pode sequer já fazer moça sobre o seu corpo excessivamente leve.

Parte III

AS CARTAS DE NATÁLIA

"Não sei fingir que amo pouco quando em mim ama tudo."

VERGÍLIO FERREIRA

LISBOA, 21 DE MAIO DE 1984

Querida Jenny,

Agora choro sozinha, no meu quarto, ponho a música alta para que a avó não saiba que herdei de si mais do que esse fantástico dom da alegria que acende todos os sítios por onde passamos.

Claro que a Jenny sabe que esse dom tem um preço e eu sei que, se pudesse, pagava a dobrar, sofria por mim a solidão e a melancolia que cabem aos buscadores de eternidade como nós. Mas não pode, o seu colo quente já não chega para me proteger do mundo, por isso escondo de si estas lágrimas que a haviam de pôr triste.

Se calhar nem lhe vou dar esta carta, como a Jenny tenho pouco jeito para as grandes declarações de amor.

Descobri cedo nas fotografias da minha mãe que a felicidade é uma colecção de instantes suspensos sobre o tempo que só depois de amarelecidos pela ausência se revelam. Nessas fotografias aprendi a não temer o amor e a nostalgia dele, e tornei-me, sem que ela se apercebesse, uma outra espécie de caçadora da luz. No movimento preciso dos dedos longos dela sobre as máquinas de fugir à vida descobri o erotismo como pressentimento de ferida, trabalho incessante de recordação. Trago no meu sangue que é dela esta calada paixão pelos amores mortos, esta determinação de só depois entender o essencial, de amar as distâncias como única proximidade do céu.

Apaixonei-me toda, desvairadamente, comecei a encher de fumo e lágrimas o meu antigo quarto de menina, por isso me sinto tão perto de si, dessa adolescência imóvel que é a sua, doença violenta e mansa, incurável ferida do sangue que se alimenta de uma música sépia a que, por discricção, damos o nome de dor.

Sei que a avó Jenny viveu o amor como um grande encantamento com o mundo e com os outros. Lembro-me perfeitamente das suas palavras quando, aos treze anos, me apaixonei por um indiferente que me fazia verter lágrimas de raiva: "Minha querida, o amor nunca é uma dependência, é uma abundância e parece que nós continuamos a viver o amor por carência.

Metemos no amor tudo o que não sabemos onde meter." Sim, já sei: metemos no amor a solidão, a afirmação pessoal. A mãe prega diariamente contra as mulheres que precisam de um homem para se afirmarem. E calcule a ironia, Jenny, roubei-lhe o homem de que ela tanto precisava agora para se afirmar. Não foi por mal. Não foi de propósito. Mas isso não diminui o meu crime.

A princípio, confesso, movia-me uma certa maldade, a que hoje prefiro chamar malícia. Quando o Álvaro foi jantar lá a casa, apeteceu-me brincar

às mulheres fatais, para que a minha mãe visse que eu já não era uma criança. E também para a castigar por tentar seduzir um homem escandalosamente novo para ela. Pode chamar-me preconceituosa, Jenny, mas a experiência prova que, nestes casos, a idade joga sempre contra as mulheres. O Álvaro só a faria sofrer. Ria-se, vá lá: o meu delito virou-se contra mim, o Álvaro só me faz sofrer. Antes assim. Ela nem precisa de saber.

Entretanto, a ideia de que realmente fui capaz de seduzir um homem que achava graça à minha mãe serve-me de consolação. Critico-a muito, sim, e é verdade que quase tudo nela me irrita, mas tenho sobretudo um medo pânico de não lhe conseguir chegar aos calcanhares. A Camila resistiu à prisão e à tortura, e eu tremo só de pensar em dar sangue. A Camila pode comer o que quiser sem engordar, e eu não suporto a terna condescendência com que ela me explica que tenho muita sorte em ser mulata, porque escaparei sempre à maldição da celulite. Ainda por cima é mentira. A Camila tem um dom artístico e eu receio não ter sequer suficiente capacidade de obsessão para descobrir uma eventual centelha de talento. Foi o desespero que conduziu a minha mãe à fotografia. Uma vez disse-lhe, em tom de desafio, que a fotografia é um inventário de mortos. Uma arte lúgubre. Ela riu-se: "Por isso é que eu gosto dela." Hoje, parece-me que até o desespero é difícil. Pelo menos é difícil seguir até ao fim um desespero inteiro.

Nunca pensei que pudesse gostar realmente de um homem com rabo de cavalo e botas alentejanas. Quando lhe apareci na galeria, uma semana depois do tal jantar, tinha um só objectivo: conquistá-lo para de seguida o desprezar. Queria acabar com a excitação juvenil com que a mãe ultimamente se punha a fazer ginástica de manhã e a experimentar vestidos ao espelho. Chegou mesmo ao ponto de declarar que lhe apetecia ter outro filho e de suspirar com saudades de um corpo de bebé. Acabei por ir jantar com o Álvaro.

Depois fomos beber um copo ao Frágil, onde encontrei a minha amiga Leonor com um grupo da Faculdade. Comemoravam a próxima exposição do Nuno, que tinha sido combinada ali mesmo, dez minutos antes da nossa chegada, para daí a quinze dias. O Nuno defende que, para construir uma carreira, é preciso estar no lugar certo à hora certa. A hora certa situar-se-á algures entre a uma e as seis da manhã, no Frágil ou nas Noites Longas. Já tem acontecido estarmos a fazer uma directa em casa de alguém, para acabar um trabalho de grupo, e o Nuno sair a meio da noite, depois de pôr gel no cabelo e compor o laço, declarando: "Continuem por mim, se fazem favor, que eu tenho que ir para o emprego." E o emprego, como se provou nessa noite, é o Frágil. Há meses que o Nuno boiava entre copos e luzes com dois ou três esboços debaixo do braço numa pastinha discreta, e uma teoria bem orquestrada. Naquela madrugada, o dono de uma excelente galeria de novos valores lamuriava-se de uma qualquer desconexão de datas que lhe inviabilizara a próxima revelação de um novo génio da pintura espanhola. Nuno atacou imediatamente com o seu projecto Viril Idade. O galerista gostou do conceito. Tratava-se de uma instalação onde os ready-made se

articulariam com pinturas, colagens e gravações sonoras, desconstruindo de forma irônica, através de uma sobreposição de registos, os mitos e modos da masculinidade. A vernissage aprazou-se logo para daí a duas semanas.

O artista não deu parte de fraco, mas ficou aterrado. Percebia-se pelo nervosismo com que fazia e desfazia o laço. E que toda a sua obra se concentrava naqueles esboços. Pôs-se a fumar vertiginosamente e a filosofar: "A minha forma não manipula um estilo, mas estilos. O pós-moderno não é um rebelde; o seu pai era-o, mas ele não pode dar-se a esse luxo: é a sua carreira que está em jogo." A Clara mostrava-se visivelmente deslumbrada, o que fez com que a Graça contra-atacasse de imediato, sublinhando que é justamente de contestação e rebeldia que se trata nos maiores artistas da nossa geração, que ousam incorporar a obsolescência nas suas obras como denúncia da velocidade alienante do tempo presente. A Leonor, que assistia divertida a esta guerra erótica, mencionou um livro fantástico de Paul Virilio que falava exactamente sobre isso. Mas Nuno já não ouvia nada. Deixava o olhar derrapar sobre as raparigas que dançavam e anunciava, num timbre sufocado, que tinha que ir apanhar ar, ganhar inspiração. Seguimo-lo então para as Noites Longas.

O Álvaro quase não falava. Creio que é esse, aliás, o segredo do seu sucesso junto das mulheres. Tem uma extraordinária capacidade de atenção aparente; prende os olhos na vítima e pontua-lhe as frases com uma sequência cadenciada de "hum-hum." Sem dar por isso, tinha-lhe contado a minha vida toda, e não sabia nada dele. Assim que entrámos no pátio das Noites Longas, uma loura gigantone veio pendurar-se-lhe no pescoço e deu-lhe um beijo na boca. Álvaro riu-se, fez-lhe uma festa no cabelo e continuou a andar. Puxei-o para o salão de baile, onde fluuava a música dolente de um tango, e dancei com ele até ao nascer do sol. Quando saímos atrás do cheiro do pão quente já não me apetecia deixá-lo. E desde então tem sido um inferno, Jenny.

Talvez o Álvaro pertença ainda à geração da minha mãe, que foi delapidando um a um os "grandes sentimentos." Tinham medo de perder a cabeça e se deixar possuir pelas pieguices do demónio da Estupidez. Ou que o inflexível deus da Razão e da Justiça os castigasse por falta de comparência à luta de classes.

Fugiram dos caminhos da felicidade que lhes trazia temíveis ecos de respeitabilidade.

Ele faz amor comigo como se no meu corpo encontrasse a derradeira salvação. Entrega-se-me para logo a seguir se escoar como areia entre os meus dedos. Num dia mandame flores, no outro diz-me que não quer compromissos. Faz troça dos meus sonhos, diz que já não há mais nada que arquitectura e que eu faria melhor em me dedicar à decoração de interiores ou à moda, que ao menos dão trabalho à indústria têxtil. Habitou-se a acreditar que tudo é relativo e que não podemos julgar o que quer que seja.

Às vezes penso: talvez seja, também ele, um produto deste regime de indiferença e regurgitação a que chamamos pós-modernidade, que parece aderir como uma luva ao longo hábito de languidez cultivado em Portugal.

Às vezes penso: ele pratica a paixão como método de alheamento, porque considera que, observada ao microscópio, a natureza humana é repulsiva. Desculpas, dirá a Jenny. Pensamentos torcidos até ao esgar, eu sei. O mínimo que se pode dizer do meu amor é que ele não ganharia propriamente o Grande Prémio de Espessura Humana. Eu mereceria melhor, se o amor fosse coisa que se merecesse.

Não imagina como me aliviou escrever-lhe esta carta, Jenny. Aclarou-me o espírito. Afinal de contas, esta história podia ser muito mais trágica: não esqueçamos que o Álvaro esteve para ser o pai desse meu irmão que eu impedi de nascer.

Um beijo da sua

Natália

QUINTADE SÃO GABRIEL,
5 DE JANEIRO DE 1990

Querida Jenny,

Como é que se mantém uma colecção de amigos polida e lustrosa uma vida inteira? Pensava que o nosso tempo íntimo ganharia sempre ao tempo real - até porque, a bem dizer, o tempo real já não existe. Só uma ausência precipitada. Às vezes tenho medo de chegar aos trinta anos sem ter visto a minha imagem, uma vez que fosse, reflectida no rio breve dos meus vinte anos.

Mas parece não haver alternativa: se parar de correr, nunca serei livre. Preciso de trabalhar muito, de mostrar tudo o que valho agora, ou ninguém dará nada por mim. Logo que se entra para a Universidade percebe-se que a vida não perdurará a quem não se esfolar. Bem sei que no seu tempo não era assim. Nem sequer no tempo da minha mãe. Mas tente compreender. Os anos de estudo são violentos, mas nada que se compare ao que nos espera no fim. No princípio dessa década de oitenta que morreu há cinco dias, tínhamos tempo para noites infindas de conversa. Agora esfalfamo-nos a pensar que aos trinta e cinco anos vamos ter tempo outra vez.

Não é o dinheiro nem sequer o sucesso o que nos faz correr assim, acredite. Bom. Pelo menos não é só isso. Escolhi arquitectura porque me parecia o único modelo de arte onde a ideia de responsabilidade social podia ainda sobreviver sem troça. Uma arte onde o grande imperativo da liberdade se podia ainda exercer com um propósito altruísta, escapando à frívola fantasia combinatória destes anos de contínua reinvenção individual. Mas também a arquitectura ajoelha diante do deus da ostentação. Fiel à sua época, este deus veste os trajos do despojamento. Mas é um despojamento caríssimo, onnipotente, sem exterior. A vanguarda aninhou-se no sistema e absorve agora rapidamente todos os prenúncios de acção alternativa. A verdade é que o dinheiro foi dominando tudo: sem ele, não se arranja um espaço para viver, nem os livros, filmes e viagens de que necessitamos para mudar o mundo. A revolução hoje, é essa. É triste, mas não há outra.

Dir-me-á que nos falta a generosidade que, no seu tempo, ampliava as casas e transformava uma côdea num banquete. Sim, parece-me que o tempo dos milagres acabou. O maná não cai do céu, ou, pelo menos, deixou de ser gratuito. Aprendi consigo que a adversidade esconde sempre um qualquer sintoma de alegria, e ponho-me a meditar que talvez esta escassez de recursos se deva ao simpático fenómeno do prolongamento da vida. Duramos mais tempo sobre a Terra e isso permite uma partilha de experiências que nos enriquece o coração mas nos delapida os espólios. É possível que também as casas tenham começado a envelhecer de outra

maneira; encarquilham-se, tornam-se tão diminutas quanto inacessíveis. Já não há ruínas disponíveis, só prédios remodelados.

Por isso fiquei tão entusiasmada quando a Leonor me telefonou, convidando-me para uma festa de aniversário "das antigas" na quinta da família dela, no Douro. Os anos da Leonor são a quatro de Janeiro, e ela costumava fazer uma festa grandiosa, normalmente com um tema e toda a gente mascarada. Desta vez decidi reunir o grupo da Faculdade. Só os mais próximos, e sem máscaras. Aqui estamos. Eu e a Leonor, a Graça, o Quicas, a Clara, o Nuno e a mulher, a Angela e o marido. Comecei logo por torcer o nariz a estes apêndices desconhecidos: afinal, em vez de um reencontro de cúmplices, estávamos perante uma apresentação de casais debutantes. Soprei logo ao ouvido da Leonor que, se soubesse que isto era assim, também eu tinha trazido o Rui. "Não seas pateta", disseme ela, "a Rita e o Fred já fazem parte do grupo. São impecáveis, vais ver. Tu é que não os conheces."

O tempo parecia homenagear o nosso reencontro. Céu sem nuvens, o azul quase branco da infância arrancando uma luz dourada ao castanho da terra. Fomos almoçar à Régua, alheiras a sério e morcelas de sangue e broa, tudo regado com um vinho vermelho que nos espevitou a memória. Lembrámo-nos de peripécias divertidas já completamente soterradas. Tirámos fotografias nas poses ridículas que usávamos em estudantes. Deitámo-nos ao fim da madrugada. Eu ainda sugeri que resistíssemos mais uma hora, para assistirmos ao nascer do sol nas montanhas, mas ninguém pareceu ter alento para tanto. Ri-me: "Estamos uns velhos, é o que é." Mas não é isso. Jogámos cartas a noite inteira. E, às tantas, começámos a jogar a dinheiro. Não se aflija, Jenny querida, não vou herdar o vício dos meus extremosos avós: a ganância foi só um pretexto de animação, porque parece que já não conseguimos brincar aos vencedores e vencidos, trocar impropérios e rir às gargalhadas, como dantes. Ao fim de um peru, um prato de queijos e umas colheradas de pudim já tínhamos posto a conversa em dia. Prestadas algumas informações gerais sobre as contemporâneas actividades de cada um, a conversa começou a deslaçar-se. Contaram-se umas anedotas, fez-se um pouco de má-língua, mas com cuidado.

Hoje em dia já ninguém sabe muito bem quem eventualmente se pode dar ou vir a dar com quem. Propus um jogo de escrúpulos, em nome dos velhos tempos. Abanaram a cabeça: "Escrúpulos, a uma hora destas. Que maçada." E a diáfana Graça, a perplexa Graça que tantas vezes encontrou em mim um confessor tumular para segredos triângulos de amor, acrescentou: "Esses jogos, contigo, são muito perigosos. Podes descobrir-nos os segredos. E aí de mim, se me apanhasses os segredos!" Enquanto gracejava desta forma, separava-me o cabelo em duas tranças, como dantes. Respeitava assim o seu sonho infantil de ser cabeleireira. Depois deu-me um abraço curto e um beijo repenicado, como dantes. Tudo na Graça é repenicado: a oscilação dos braços roliços, o cabelo cor de esquilo que aos dezasseis anos ela começou a pontilhar de roxo, os dentes pequenos, descorados como bagos de arroz.

Enquanto a noite avançava, os silêncios cresciam em novelos cada vez

mais espessos. Lembrei-me das tardes de sábado na casa do Quicas. A porta estava sempre entreaberta, a música - invariavelmente blues - ouvia-se desde o fundo da escada. Cada um contribuía com uma bebida ou umas bolachas. Chegávamos, procurávamos uma almofada ou um canto de sofá, abasteciámo-nos de livros e revistas - o Quicas usava semanas a fio as mesmas calças de ganga preta e a mesma camisa cinzenta, mas tinha uma portentosa biblioteca de arte e banda desenhada - e ficávamos ali, lendo e ouvindo música, em silêncio, horas seguidas. E o silêncio era então um líquido quente que nos envolvia.

Agora o Quicas punha pó-de-talco sobre a nódoa de gordura que caíra sobre a sua camisa Ralph Lauren e precisávamos mesmo da companhia das palavras. Estávamos a ficar afritos. "Receberam prendas bonitas, neste Natal?", perguntou a Leonor, muito anfitriã. O Nuno, a Graça e o tal Fred, que se chama Alfredo, puseram-se a enumerar: "Eu recebi uma belíssima antologia de poesia portuguesa, um álbum ilustrado e encadernado a pele, com um cartão da Secretária de Estado da Cultura", disse o Nuno. "Ah, e se vocês vissem o conjunto de chávenas Vista Alegre que eu recebi! Com um cartão supersimpático do próprio presidente do Conselho de Administração da Arquitectura. Pelo seu próprio punho", disse a Graça. "Estás garantida, menina. Êxito puro", comentou o Fred, acendendo um charuto: "Cubanos. Puros. Caríssimos. Sirvam-se à vontade, que a maturidade da Leonor merece." A Leonor fez um esforço de memória e mencionou um pisa-papéis giríssimo, design italiano, oferecido por um Banco espanhol cuja sede ela remodelara. A Clara encolheu os ombros e bocejou. Gerava-se entretanto um pequeno incidente diplomático entre o Nuno e a sua Rita, que lhe sussurrava, de forma a que todos ouvíssemos: "O cartão da Secretária de Estado da Cultura vinha em meu nome. O teu vinha assinado pelo assessor de imprensa."

Não conheço estas pessoas, avó. Há quatro anos, amava-lhes rigorosamente todas as misérias e grandezas. Menti muitas vezes por causa de cada um deles. Telefonei centenas de vezes para casa do namorado da Leonor, em alvoroço: "Liga já à tua mãe. Eu disse-lhe que tu foste ali ao café, mas acho que ela já estranha que tu venhas passar o fim-de-semana cá a casa para afinal te meteres horas a fio no café!" Fiz quase todos os exames de matemática da Graça.

Abandonei um projecto muito bem pago, porque traíram o Nuno. Não havia nisto nenhum heroísmo. Qualquer um deles fez as mesmas coisas por mim. Até a Clara que, com os olhos muito redondos sobre a ponta do seu nariz em fio de navalha, pregava o egoísmo como fundamental princípio de organização, fez duas directas comigo, para me ajudar a acabar aquele estudo de reconversão de um quartel em escola que me daria acesso a um lugar no atelier de arquitectos onde ainda hoje estou. Era assim o mundo.

Tenho muitas saudades suas, Jenny. Faz-me falta. Nem sei se terei coragem de meter esta carta no correio. Escrevo-a apenas para calar esta saudade súbita. Passei metade da vida a ralar contigo por reconstruir as pessoas à sua maneira e feitio e agora, veja lá, quero que me explique a

fórmula mágica, preciso de saber como é que se faz para acreditar que as pessoas são aquilo que, no fundo, no fundo (porque, para nossa desgraça, para além de bons corações somos seres mui inteligentes) nós sabemos que elas não são. Por mais que me esforce, continuo no estado mitológico puro: fé ou desespero. Não sei fazer de conta que vejo o que não vejo. Queria ser como o avô Pedro, que aceitava com a maior naturalidade as mil e uma imperfeições das pessoas: para ele, a decepção era um dado adquirido, e, por isso, nem chegava a doer. Mas como pôde ele viver nesse meio gás? Não, eu queria mesmo era ser como a Jenny: recheava as pessoas da cor dos meus sonhos e ignorava deliberadamente tudo o que não fizesse parte do filme. Mas como é que se faz?

Onde é que a partir de agora eu vou buscar aquela felicidade pura da véspera de festa ou do dia de Natal? Que a Vida Real tinha muitos homens maus eu já tinha descoberto - apesar de tudo, não sou atrasada mental, e a Jenny e a minha mãe providenciaram-me uma educação superior. Mesmo assim, na minha candura, pensava que era possível manter um Pequeno Mundo feito de Especiais e Quase-Especiais, e inventar a vida toda a partir desse lugar. Porque é que toda a gente falha tanto em coisas tão simples? A minha Leonor, por exemplo. Ontem fomos passear pelas vinhas, descíamos a encosta cantarolando até à margem do rio, e tudo o que lhe ocorria eram motejos amargos sobre a alegria dos outros. Percebi que ela passa a vida a fazer fretes para ficar bem vista. A rapariga que dizia sempre o que pensava quer agora agradar a todo o custo a Deus e ao Diabo. Não acredita em nenhum dos dois. E depois espanta-se porque o mundo não a aplaude na justa medida da sua esforçada sociabilidade. Já não se precipita sobre a mais estaladiça coxa do peru. Já não se recosta com um livro depois das refeições, apregoando: "Os machos que limpem a mesa. Eu, por mim, estou muito cansada, nasci no sexo frágil." Já nem sequer me belisca a orelha, sussurrando-me, em voz de desastre: "Estás a ficar gorda, morena. Tem cuidado com isso, porque pior do que uma preta só mesmo uma preta gorda." Eu respondia-lhe enquanto lhe torcia o braço, numa falinha de escrava: "Se a minina branca precisa que a preta empreste namorado, a preta empresta um ou dois dos mais esbranquiçados. Não tem problema" A Leonor de agora recebeu-me com um abraço amplo e disse-me: "Querida! Estás cada vez mais bonita. Parece que os anos não passam por ti."

O sol do quinto dia da década de noventa brilha há cerca de uma hora sobre o rio Douro. Uma folha de prata escura, movendo-se muito devagar. Como se debaixo da prata opaca existisse uma geringonça mecânica em vez de vida. Assisti sozinha ao nascer do dia, da janela deste quarto frio, desabitado, com retratos desmaiados de fantasmas do princípio do século sobre as paredes roídas pela humidade. Não sei o que faço aqui.

Um beijo muito triste da sua

Natália

LISBOA, 6 DE MAIO DE 1990

Querida Jenny,

Às vezes não é fácil falar consigo. Desde que o avô To Zé morreu e o avô Pedro se foi embora sinto-a distante. Nunca imaginei que eles lhe fizessem tanta falta, a avó surgia-me sempre como uma mulher independente, mais compenetrada nas rotações mínimas do seu pequeno mundo do que na presença dos outros. Provavelmente inventei-a e agora que já não a reconheço escrevo-lhe para continuar a manter essa ficção. Confesso que hoje fiquei assustada quando a vi. Nunca tinha reparado na sua idade, ignorava-lhe o corpo amarrotado, as veias salientes como ossos, o cabelo transparente. Era como se o tempo estivesse cuidadosamente guardado dentro dos seus vestidos cristalinos, impedido de crescer para fora do rolo prateado que brilhava como um farol fixo sobre a sua nuca.

No lugar da Jenny, apareceu-me hoje uma espécie de bruxa branca, em camisa de dormir e de cabeleira desgrehada, com o olhar desorbitado, rindo-se às golfadas. Toda a vida fugi da minha mãe para ir ter consigo. Hoje, teria fugido imediatamente de si e foi a minha mãe que me segurou. "Espera", disse ela. "Pensa nisto como uma alucinação, a Jenny não é assim. Temos que a ajudar a voltar para nós." Então a minha mãe começou a disparar furiosamente contra si, apontava a máquina e ordenava-lhe que sorrisse, enredava-a em histórias, dizia-lhe que o António estava a chegar e que era preciso que a Jenny estivesse bonita e feliz. "Feliz, sim, sou a mais feliz das mulheres", repetia a Jenny, serenando aos poucos. Fiquei todavia com a impressão de que representava lucidamente aquele papel de hipnotizada. Talvez estivesse só a fazer de conta que se acalmava para que nós a deixássemos em paz. Em todo o caso, não conseguimos vesti-la; o mais que a mãe conseguiu foi pôr-lhe um casaco de malha sobre os ombros. A Jenny insistia que esperava visitas, e sugeria que nos fôssemos embora.

Visitas, pobre Jenny. As visitas desta casa foram-se desvanecendo à medida que os empenhos e as famas se deslocaram para outros lugares. Quem agora se queixa, com razão, de excesso de visitas, é o Manuel Almada, imagine.

Depois de uma vida inteira de aristocrática penúria colocaram-no a presidente de uma Fundação para o Desenvolvimento das Artes. Vive agora sob uma contínua chuva de convites e presentes, é amado por todos os quadrantes artísticos da pátria. Sobrevive estoicamente, furtando-se a uma dúzia de almoços e jantares diários e mantendo-se fiel aos hábitos que tinha. Por isso gosto tanto dele. Passam-se às vezes meses sem que saibamos um do outro. Arredei-me um bocadinho quando o nomearam, com medo que ele me incluísse no séquito dos furões. Telefonou-me de humor magoado: "A menina esqueceu-se do seu velho pretendente, foi?" É o meu amigo mais

poderoso, em todos os sentidos da palavra. E é também o único de todos os que, como agora se diz, subiram na vida, incapaz de falar aos íntimos através das secretárias, que contemporaneamente se chamam assistentes. Nada o irrita tanto, aliás, como esse tique de novo-riquismo em ascensão. "Mas é uma coisa que acaba por facilitar muito a atribuição das bolsas, minha querida", explica-me ele, com aquele sorriso de gato de Cheshire: "Quando recebo um telefonema de uma secretária dizendo-me que o senhor doutor quer falar comigo, risco logo o nome. Temos que ter critérios, e como agora já não é possível fazer uma avaliação objectiva da qualidade dos projectos, porque tudo depende dos contextos, eu aplico este critério de descontextualização. Poupa-me imenso trabalho. Ao fim do dia, sobram pouquíssimos candidatos." Queridíssima Jenny, o Manuel Almada é hoje a sua única visita. Espero que ao menos veja que o Manuel vale mais do que todas as suas antigas relações juntas, pólen arrastado pelo vento dos anos para outros salões.

Mas o que lhe queria contar era que encontrei o seu velho companheiro Delfim Veleno. Em primeiro lugar, revelo-lhe que se enganou a respeito dele. Lembra-se daquele dia longínquo em que o Veleno declarou, num excepcional acesso de humildade: "Não me parece que eu seja um romancista"? Pois eu também não me lembro, mas a minha mãe gostava muito de se lembrar desse episódio, quando precisava de qualquer coisa que a fizesse rir. Segundo a mãe, Jenny ter-se-á apressado a concordar com firmeza: "Não, não me parece que o seja. Você é incapaz de engravidar da sua própria alma, quanto mais das alheias." Acho que a mãe fixou esta frase por causa desta metáfora da gravidez que realmente, cá entre nós, nem parece sua. Adiante. Nesse momento, o stock de modéstia do Veleno esgotou-se, e ele saiu, chamejante, batendo com a porta. Pois agora descobriu-se que o Veleno é a pena redentora que vem dar à literatura portuguesa o abanão definitivo. O descobridor foi o meu amigo Sebastião Lucas.

Creio que já lhe falei do Sebastião Lucas, que tem uma editora chamada Penélope. Trata-se de uma editora mais ou menos marginal. Enfim, tão marginal quanto é possível a um projecto bem sucedido. O segredo do êxito do Sebastião - um êxito reconhecido pelo próprio Presidente da República, que no último 10 de Junho, o condecorou com uma comenda - reside numa sábia alternância entre álbuns luxuosos e obras de vanguarda. Sempre com uma apresentação gráfica sóbria e requintada. Os álbuns são caríssimos mas vendem-se que nem Barbies, além de que facilmente se encontram instituições prontas a patrociná-los.

O Sebastião convidou-me agora para fazer um álbum sobre os azulejos de Lisboa, com subsídios da Câmara e de uma fábrica de azulejos. Estive ontem com ele para tratar dos pormenores do livro, e no fim da reunião ele convidou-me a acompanhá-lo ao Júlio de Matos, onde ia fazer uma espécie de prospecção de novos escritores. Não se ria, avó. No seu tempo, provavelmente, a loucura podia apresentar-se de mãos dadas com aquilo a que chamamos normalidade. De qualquer maneira, no seu tempo não havia

tantas editoras. O Sebastião diz que agora os que não se convertem à civilização da carreira são enfiados em hospitais, e que é preciso ir lá para encontrar as verdadeiras almas criativas.

É um homem de coragem, o Sebastião, não se deixa intimidar pelas aparências. Antem mesmo, vi-o rejeitar liminarmente um livro de contos que lhe foi apresentado por uma rapariga alta, esguia, muito composta, cara de boneca, colarzinho de pérolas sobre a blusinha bordada. Nem deitou um olhar ao título. Limitou-se a abanar a cabeça, com frontalidade: "Agora não tenho tempo, e além disso não estamos a aceitar novos autores." Contou-me que lhe aparece uma média de vinte meninos e meninas destas por dia, que ele não conhece de lado nenhum, e que se vê logo pelo ar de queridinhos-da-mamã que se julgam uns génios. "O que me interessa é a diferença. Interessa-me a voz das margens, a poesia dos rebeldes, dos bêbados, dos discriminados, tipos que não encontram quem os ouça e que têm a verdadeira experiência dos abismos, entendes?"

O vagar do tempo, no Júlio de Matos, lembra um aquário. A distância entre loucos e sãos dissipa-se na espessura dos arvoredos que apagam subitamente o barulho transtornado da vida lá fora. Sentamo-nos numa sala descorada, quase sem móveis, uma enfermeira vai apresentando, um a um, os doentes que escrevem. Têm as mãos trémulas, as unhas sujas, os dedos manchados de tabaco, as resmas de papéis desmazeladas, muito riscadas, às vezes quase ilegíveis. Sebastião analisa pacientemente cada folha. Quando nos encaminhávamos para a saída, descoroçoados, fomos interceptados por um homem baixo, gordo, quase careca, com um blazer vermelho-escuro muito coçado e umas calças demasiado curtas que devem ter sido brancas. Estava quase sem fôlego mas não parava de saltitar, excitado, enquanto suplicava ao Sebastião, que tratava por cavalheiro, que aguardasse um segundo para apreciar a sua obra.

Nunca o teria reconhecido, Jenny. Recordo-o ruivo, com o bigode aparado, uma voz postiça ao pormenor, sem interioridade, a voz de um homem que fez da ornamentação da cópia o seu discurso. Para mim ele era sobretudo o pai de Glória, o cobarde espetacularmente reproduzido na assumida Glória que assumidamente traiu a minha mãe, o mordomo absoluto, um ser esvaziado pelo conformismo, esculpido pelos desígnios estéticos e éticos do poder vigente. Enquanto Sebastião lia o original, Delfim começou a fitar-me atentamente e os olhos entupiram-se-lhe de lágrimas. "Camila!", disse ele, "Estás tão mudada, tens a pele tão escura! O que é que te aconteceu?" Depois perguntou por si e pôs-se a chorar com mais força. Tentei explicar-lhe que eu não era a minha mãe, mas não me ouvia. Pedia-me desculpa por não ter podido tirar-me da prisão e perguntava-me se eu já tinha feito as pazes com Glória. Dizia-me que a Glória gostava muito de mim, que tinha bom coração. Sussurrava-me ao ouvido que ela vem sempre vê-lo, a meio da noite, quando acaba o trabalho, pé ante pé, às escondidas das enfermeiras, para lhe aconchegar os lençóis.

Contaram-me depois que Delfim enlouquecera no lar onde a filha o tinha enfiado depois da morte da mãe. E que ela nunca apareceu para o

visitar. A intuição traiu a grande Glória, querida Jenny. Distraindo-se do pai acabou por o encaminhar para o panteão das Letras. O Sebastião diz que o Veleno é o Genet português, e que o seu romance, que dá pelo visceral título de Atirem-me aos Bichos, vai ser um sucesso de arromba.

Espero que esta novidade possa ajudá-la a regressar ao nosso mundo, querida, querida Jenny. Muitos beijos da sua

Natália

LISBOA, 14 DE NOVOBRO DE 1990

Querida Jenny,

"É curioso. Nunca falas do Rui", disseme há dias a Leonor. Respondi-lhe que é para isso mesmo que as pessoas se casam: para poder falar de outras coisas. Mas lembrei-me que a Jenny também costumava fazer-me este reparo. E então pus-me a enumerar as qualidades do rapaz: a solidez da sua presença, a estrutura da sua alma, a profundidade do seu olhar, as arestas do seu corpo. A minha amiga ouviu-me atentamente e no fim comentou: "Menina, o que acabaste de descrever foi um prédio!" Ainda bem; o objectivo da minha vida é exactamente esse, construir edifícios. Se calhar para compensar a ausência de um alicerce fundamental. Um dia irei a Moçambique em busca da memória do meu pai.

Neste ponto a Leonor costuma dizer, se calhar para me consolar, que às vezes mais vale não ter pai. O dela, por exemplo, largou-a no meio da estrada, aos sete anos, com o irmão de cinco pela mão, só porque o miúdo enjoou sem avisar e vomitou em cima dos bancos de couro do seu Porsche descapotável novinho em folha. Diz que se recorda como se fosse hoje do terror com que caminhou pela berma da estrada, tentando acalmar o pequenino que não parava de chorar, até que, já de noite, encontrou uma tasca com um telefone de onde falou à mãe. O pai perdeu a autorização de os ver a sós, o que, aliás, Leonor agradeceu. Diz que esta é praticamente a única recordação que guarda da sua infância: "Episódios, sonhos, medos, escola primária, nada. Não me lembro de mim. Estranho, não é?"

A Leonor tem o ar menos estranho do mundo; tudo nela ressuma método, ordem, harmonia e sensatez. O que, bem vistas as coisas, faz dela um ser realmente estranho. Até porque a casa dela não condiz com esta imagem sossegada. Transformou todos os móveis em telas únicas: a cama, a mesa da sala, as cadeiras, a escrivaninha, tudo foi pintado por ela de maneira a que nada combinasse. As cadeiras, por exemplo, tornaram-se um repositório barroco de estrelas douradas, âncoras e anjos azuis estilizados, enquanto a cama foi sujeita a camadas grossas de vermelhos e ocre abstractos.

Não sei como consegue ela dormir dentro daquela turbulência sangüinária. Trocou o fogão semi-automático que a casa tinha por um de quinta mão, anos cinquenta, que imediatamente pintou de rosa-choque. Este recheio estabelece uma dissonância radical com a própria configuração da casa.

Trata-se de um destes prédios portugueses do princípio dos anos setenta, com escadas de serviço onde desemboca uma porta recuada, que dá directamente para a cozinha, ao lado da qual fica o quarto da criada, com a respectiva casa de banho, minúscula, na marquise. São melancólicas como

órfãs, estas casas soalheiras, nascidas para uma brevíssima civilização do conforto burguês - falta-lhes a permanência da criadagem, que de certa maneira as assombra, quando, por engano, se toca numa das campainhas, agora inúteis, existentes nas paredes de cada assoalhada. Quando falei à Leonor destes pormenores fantasmagóricos - nos quais obviamente ela, como habitante, nunca tinha reparado - soltou uma gargalhada fina: "Então estão explicados os desmandos da minha empregada. Em casa da minha mãe, era pontual e disponível. Desde que veio para aqui comigo, chega tarde, põe-se a tomar chá, e se lhe peço uma meia-hora extra ameaça-me com a lei. Esses fantasmas da servidão devem andar a picá-la."

Na passagem de ano de 1985 deu-se uma coincidência de desgostos de amor que fez com que fugíssemos as duas para uma praia do Alentejo. Às vezes tenho saudades de ser tão infeliz como era nesses dias magníficos que passámos juntas. Não podia ter sido melhor: a Leonor, com a sua irrepreensível organização, conseguira libertar-se de trabalhos e obrigações sociais, instalando-se de véspera na casinha que alugáramos sobre o mar.

Eu prometera chegar ao fim da tarde, mas só consegui sair de Lisboa ao cair da noite, com o Fiat Panda quase virgem da mãe aos solavancos nas minhas mãos de recém-condutora. Tanta virgindade deu asneira: perdi-me por uns atalhos negros e acabei por partir o carro em cima das rochas, no meio de uma noite sem lua; apareci-lhe ao bater da meia-noite, em cima de uma lambreta conduzida pelo mais arcaico Rambo das searas - e ela achou graça. Acho até que ficou surpreendida com o meu desembaraço - e gostei disso, porque eu própria estava espantada com a minha coragem. Qualquer outro ser humano lançaria sobre mim um olhar acusador e piedoso: "Como é que foste fazer um disparate destes? Não sabes conduzir?" Pareceu-me que, pelo contrário, ela me admirou. Ela e, valha a verdade, o Stallone da lambreta: "Então a menina veio à noite sozinha? Não tem um marido ou, digamos, um namorado?", perguntava o homem, de ceroulas, baixando a caçadeira. Não, a menina não tinha.

Percorri uns bons quilómetros debaixo de breu cerrado, às cegas, até descortinar a luzinha daquele casinhoto. Tentei aproximar-me mas interpôs-se-me uma vozeria de cães, que me forçou a gritar por socorro. Foi então que apareceu o homem, numas ceroulas de corpo inteiro como as dos desenhos animados, com o rabo pregado por molas à maneira dos baby-grows e uma caçadeira na mão: "O que é que se passa aí que está uma mulher a gritar?" Ficou aliviado por não ter de lidar com um violador, a meio do sono. Esperei na cozinha enquanto ele corria a cortina que a separava da cama onde a mulher esfregava os olhos. Depois levou-me na mota até ao carro, informou-me de que partira, pelo menos, a direcção, e avisou-me de que era melhor não deixar nenhuma mala no carro, que a costa era um levante de ladrões e contrabandistas: "É uma sorte se a menina encontrar o carro com pneus, amanhãzinha." Entretanto cismava, num sussurro: "O que terá dado às mulheres para se deitarem assim à aventura, sozinhas, no meio da noite?"

Naquelas horas descobri que não há nada de absolutamente grave sobre

o mundo. Quando o carro parou, num safanão abrupto, e fiquei perdida num deserto sem estrelas, com o mar rugindo sinistramente sem que eu soubesse de onde, toquei um limite em que o medo se destroça. E a Leonor percebeu logo. Sempre me percebeu para além das palavras, isto parece banal porque é raríssimo. No fim do curso, a vida separou-nos as rotas. Reencontrámo-nos há seis meses num projecto de trabalho conjunto e verificámos que a nossa amizade não mudou de sítio.

Ao contrário da minha mãe, interessaram-me sempre mais as ligações submersas do que o espectáculo das rupturas. É uma forma de manter a fé numa felicidade, querida Jenny, a única forma, possivelmente, de manter a coerência sem parecer ridícula ou fraca, porque o meu tempo é o do dinamismo e do prazer derradeiro. A mim arrepiava-me esta filosofia de condenados à força. Arrepiava-me tanto, de resto, que foi por isso que me casei. Afeiçoo-me à ausência do Rui - creio que já lhe disse que ele está em Coimbra, só aí havia vagas para a sua especialidade, vem a casa aos fins-de-semana -, parece que quando ele não está os seus movimentos flutuam pela casa com uma cintilação que a sua natural expansividade, porventura demasiada, costuma abafar.

O Rui é a veemência em acção. A princípio não sabia se havia de me exasperar ou de me desvanecer. Acabei por o pedir em casamento, um dia, à saída do cinema, subitamente transtornada com a ideia de voltar para o estéril silêncio do meu quarto. Cansava-me não encontrar na vida a humanidade compacta dos romances do século dezanove que lia de uma maneira muito aproximada à droga, e essa inteireza radiante coruscava como uma ambulância no brilho escuro dos olhos dele. O Álvaro era, como de resto toda a gente, composto de peças soltas, um Lego permanentemente incompleto, abrigando possibilidades infinitas em permanente mutação. O Rui, pelo contrário, é aquilo a que dantes se chamaria um carácter. Sabe-se sempre o que ele pensa, mesmo nas escassas ocasiões em que ele se esquece de o dizer. E pensa constantemente sobre todas as coisas.

A crise do Golfo interessa-o da mesma maneira que o último disco da Madonna, a fertilização in vitro, a controvérsia em torno de Heidegger ou o próximo filme de Manoel de Oliveira.

Procuro manter o mesmo ritmo alucinante de convívios e informação, para não sentir saudades dele. E também porque ele assim o exige: em Coimbra, faltam-lhe os amigos, as vernissages, os filmes. Telefona-me todos os dias. Nunca me escreve: diz que não há tempo, e é verdade que também não me dá jeito escrever-lhe. Já há muito tempo que não estava com a Leonor a sós, sem olhar para o relógio, a conversar sobre coisas íntimas e irrelevantes em torno de um Porto velho e um pão-de-ló caseiro. O Rui gira sempre com um rebanho, aliás entusiasmante, de jovens médicos igualmente tocados pelo espectáculo multimedia do humano.

Entre mim e a Leonor basta o rascunho de um gesto. Lembro-me, nessa passagem de ano confidencial, de estarmos sentadas à beira-mar a sorver tangerinas e a inventar histórias sobre as pessoas que passavam, rindo às gargalhadas porque cada uma de nós completava a frase da outra, com um

instinto certo. Lembro-me do sol desfeito em cintilações infinitas sobre os seus olhos verdes. Lembro-me de lhe ter dito que queria ter um filho do Álvaro, e da forma como ela me respondeu, num sorriso sardento tingido de malícia: "Para quê? Para ofereceres à tua mãe o maninho que ela te queria dar?"

Ah, querida Jenny, nem sabe quanto lhe agradeço nunca me ter perguntado: "E a criança, é para quando?" Porque até a minha mãe. Bom, talvez no caso dela, dados estes antecedentes, não seja tão estranho. Mas a família do Rui. No fim-de-semana passado fomos visitar os pais dele e saí de lá com vontade de ficar definitivamente para tia, já que essa me pareceu ser a versão moderna da tradicional queima dos soutiens, pelo menos naquela sagrada família. Jesus! Passaram a noite a perguntar-me para quando era, e se eu não tinha vergonha de ficar para trás da minha cunhada, que é mais nova e está grávida. Respondi, primeiro, educadamente, que não tinha pressa nem inveja; depois, num tom mais desabrido, que não estou em nenhuma corrida de cavalos; e por fim, perfidamente, que gosto muito da vida que tenho e que me apetece ficar na cama de manhã com o homem. Aí o meu excelso marido atalhou diplomaticamente, explicando aos presentes que temos uma vida muito atribulada, e que até há pouco tempo vivíamos num cubículo.

A avó dele, uma espécie de Miss Marple sem enigma, abanou a cabeça, muito determinada, e argumentou que isso não quer dizer nada, porque muitos há que vivem em casinhotos e têm dez e doze filhos, e criam-nos até melhor do que os que têm condições. Respondi-lhe que é por isso mesmo que a miséria alastra pelo terceiro mundo, mas a esperta da velhota fez-se surda. E assim continuou, porque o Rui viu que havia mais do que aquilo a que ele habitualmente chama "tristeza interrompida" na minha cara, e entrou em filosofar sobre escolhas de vida e sobre a não-compulsividade da maternidade.

Pior: passou da temática materno-infantil para histórias tocantes de transsexuais, a propósito de um debate que houve há dias na televisão e que deixou o meu másculo sogro capaz de trepar pelas paredes, repetindo o seu desolado estribilho: "No tempo dos meus netos, a mariqueia vai ser obrigatória." E a minha sogra aproveitou para repetir a sua máxima: "Deve-se sempre ter um filho, pelo menos um, para termos apoio na velhice."

Por mim, odiaria saber-me gerada como um plano poupança-reforma. É nestas alturas que sinto fisicamente o calor do meu pai inexistente numa fervura de fé dentro das minhas veias. É nestas alturas que amo o amor a fundo perdido da minha mãe. Actualmente, quando ouço as pessoas defenderem por alíneas as vantagens da criação de descendência sinto-me tão chocada como se sente a avó Marple do Rui ao ouvir uma mulher dizer: "Quero a minha carreira, não tenho tempo nem dinheiro para gastar com crianças." É que não se trata de uma decisão racional, nunca, não pode ser, porque, como o meu controlado amigo Nuno costuma dizer, uma criança é um produto incontrollável. O principal equívoco dos papás ardentes é o de acreditarem que um filho vai representar a realização dos seus próprios

sonhos frustrados. Creio, todavia, que quando se prescinde do furor das apostas pragmáticas a favor de um trabalho platónico, quase sempre o investimento compensa.

As pessoas herdaram muitíssimo mais do que à primeira vista se pensa. Valores, formas de sentir e exprimir o sentimento. Não é tão pouco importante como parece. A origem da minha curiosidade pelas formas do universo e do meu amor por todas as formas de arte enraíza-se menos na profissão da minha mãe do que numa educação para a alegria, numa noção do mundo como lugar transformável, cheio de possibilidades. Foi essa a atmosfera da minha infância - e para ela contribuiu não só o sangue da minha mãe (e do meu pai?) como o exemplo da Jenny, e até da nossa velha Rosário, quase analfabeta mas cheia de um genuíno encantamento pelos pequenos pormenores que aquecem a vida. E parece-me que o desencanto da miudagem de hoje parte da falta desses valores. A Jenny costuma referir a filha da Armada, que não estuda, nem trabalha, nem parece ter interesse por coisa nenhuma, como, aliás, os filhos de quase todos os amigos da minha mãe, eu sei. Mas, querida Jenny, esses puros filhos do Maio de 68 cresceram no meio de gente tão cantadeira quanto bisonha, que vivia a clamar que o mundo estava perdido e não havia nada a fazer.

O Rui e eu fartamo-nos de rir a pensar que um dia podemos criar uma futebolista ou um vendedor de palmilhas adelgaçantes. Quero lá saber: tratarei apenas de garantir que a minha criança saiba fazer-se feliz a si própria, e encare toda a gente - do presidente do conselho de administração ao homem do lixo - como pessoas transitórias em situações transitórias, tal como ela.

Como vê, afinal sou bem capaz de falar do Rui. Tanto que já quase me esquecia do principal objectivo desta carta, que era o de lhe falar do lançamento do livro do Delfim Veleno. Foi concorridíssimo, e Delfim demonstrou possuir o charme visceral que faz as personagens de culto. Apresentou-se com um belo fato azul-noite de corte italiano, lenço de seda estampada iluminando-lhe o pescoço sobre a camisa branca. Como sei que não vê televisão, informo-a de que as câmaras o registaram a ser amplamente beijado pela Glória, que apareceu com o novo namorado - o empresário Idílio Carrasco, já deve ter ouvido falar. O livro foi apresentado pelo Sebastião e pelo Manuel Almada, que disse que se trata de uma profunda bofetada na tranquilidade e no folclore das histórias de entreter com que muitos ainda confundem a literatura.

Li-o de um fôlego, Jenny. A esta hora já deve ter recebido o seu exemplar das mãos do próprio Delfim, que está como novo e queria muito fazer-lhe uma visita. Espero que lhe abra a porta, e que não se ponha com as desconfianças do costume. Atirem-me aos Bichos é o monólogo de um homem que declama o seu destino, como se declamando pudesse exorcizar-lhe os demónios. Mas o desesperado imperativo da solidão transforma esse monólogo em diálogo, encenação, regurgitação de memórias. Angelo, o narrador, licenciou-se em filosofia com uma tese sobre Platão mas herdou do pai a profissão de vender o corpo e defender a alma de qualquer compaixão

masculina. Inveja Lúcio, o sádico, que, evidentemente, é o que atrai mais clientes. Lúcio retribui a admiração ciumenta de Angelo através de uma estranha forma de amor. Em resumo: trata-se de uma violenta exposição das hierarquias do poder marginal, um fio de voz que vai resistindo sobre o ódio, a resignação e a loucura a que a História a confinou. Veleno escapou aos seus antigos talentos burgueses e encontrou o lumpen. Ou, dito de outra maneira, a luz. Assim possa a Jenny renascer como ele. E, já agora, também eu. Não sei porque é que o livro de Veleno me invadiu com esta sensação de desastre iminente. Talvez não seja nada, e a minha tristeza esteja pronta a ser de novo, como diz o Rui, interrompida.

Um beijo grande da sua

Natália

LISBOA, 15 DE FEVEREIRO DE 1991

Querida Jenny,

Terminei mais uma imponente "remodelação de interiores" e sinto-me estiolar. Desta vez tratou-se de transformar uma capela num bar-discoteca com luzes tipo arco-íris e toda a família Disney, do tio Patinhas à bruxa da Branca de Neve, evoluindo pelas paredes. E de espalhar colunas gregas "iguais às da Acrópole" ao longo de uma sala de jantar que os donos consideravam demasiado vazia. E de encher de "frescos em trompe l'oeil" todas as paredes: no quarto do rapaz, cenas da Guerra das Estrelas, com uma cama em forma de nave espacial; no da menina, bailarinas contemporâneas, como as da série Fame, no dos pais, um jardim inglês cheio de repuxos, que lhes pareceu condizer com a mobília Queen Anne. Enfim; esta profusão de pinturas murais teve pelo menos a vantagem de recheiar a carteira de diversos artistas desempregados.

A Sílvia recebeu particulares elogios pela sua Guerra das Estrelas, pintada sob o efeito de tantos alucinogêneos que ficou, no dizer dos clientes, "uma vertigem espacial". A Sílvia concordava, com um sorriso lento: "Pois, foi uma grande trip". Não sei se fiz bem em passar-lhe esta encomenda. Quando não tem trabalho, a Sílvia sofre e droga-se. Mas quando tem, parece que sofre ainda mais e carrega na dose. Se tento convencê-la a desintoxicar-se, ofende-se comigo, escarnece-me e começa a fazer a coisa às escondidas; julga que se domina perfeitamente, que não está dependente de nada e acaba inevitavelmente por exclamar que hoje em dia toda a gente usa uns pozinhos ou uns comprimiditos para descontraír. "É que o mundo está muito violento", conclui, cravando as suas belíssimas olheiras negras no meu nariz, "Ainda não reparaste?" Custa-me muito vê-la delapidar assim, com vinte e poucos anos, o verdadeiro talento que tem. A princípio, toda a gente, incluindo a Leonor, se virou contra mim por lhe ter oferecido este estágio aqui na Telhados de Vidro.

Conhecia-a muito vagamente das noites, tinha visto dois quadros dela numa exposição colectiva e fiquei definitivamente rendida quando me mostrou os seus trabalhos de curso. Agora já ninguém se zanga com a sua absoluta incapacidade de cumprir horários e de se levantar da cama de manhã.

Todos - excepto evidentemente a nossa reptilínea secretária Béli, que despreza as mulheres que não vistam tailleurs e que não trabalhem das 9 às 6 - a apoiam e amimam.

Mas as nossas expectativas estão a congelar as capacidades da Sílvia. Provavelmente, ela agradecerá umas fatias de indiferença. Lá fora, nas noites da cidade, a violência flutua em ondas profundamente irrelevantes. Mesmo que haja mortos, a festa continua, ninguém tem culpa porque a

culpa está em toda a gente e a irreabilidade é eterna. Até eu me sinto cada vez mais atraída por essa fuga quotidiana; chego ao fim do dia com uma necessidade absoluta de me esquecer das falsas colunas gregas que vou plantando, por encomenda, num mundo que eu queria tornar mais verdadeiro.

Costumava definir a arquitectura como a busca do espanto, que por sua vez seria a pedra de toque da beleza. Agora, o que me espanta é a ingenuidade destas definições. Estou a tornar-me uma cínica, querida Jenny. Substituo todas as minhas boas ideias por comentários irónicos, para não ter que admitir que cedi. Mas não adianta dar boas ideias quando as cabeças dos meus clientes são iguais a um goraz morto. Com a diferença que o goraz, pelo menos, tem a boca aberta, sempre pode a gente pensar que é de assombro, ou de risco. O goraz acreditou no anzol, o que já abona em favor da sua dignidade.

Amúsica de fundo desta carta que lhe escrevo reduz-se à voz assanhada da Béli, que antes de ser rica se chamava Lobélia, gritando com o marido porque ele se prepara para lhe trocar o Lancia Dedra por um utilitário de cidade: "Isso é uma humilhação que não te admito, ouviste? Um utilitário, eu? O que é que as pessoas vão pensar? Quero lá saber que seja japonês. É um carro minúsculo, humilhante." Dói-me a cabeça e a voz da Béli tem o condão de me inflamar os nervos, mas é um descanso ouvi-la ao telefone. Telefonará em seguida ao cabeleireiro para lhe confidenciar que hoje acordou com alma de morena e por isso precisa de marcar hora com urgência.

E depois à empregada, para lhe ordenar que volte a engomar as camisas do senhor doutor, que ficaram cheias de rugas. E depois ao médico, para lhe dizer que tem de mudar o programa de dieta e exercícios porque está a engordar nos sítios errados e continua com pernas de palito.

Quando desligar retomará a sua habitual actividade de semear ou regar intrigas. Felizmente parece ter desistido de organizar guerras entre as pessoas do atelier, deve ter percebido que era um trabalho inglório, inútil às suas ambições de promoção. De qualquer forma, já ninguém engole os venenos dela. Agora assesta as suas baterias sobre o departamento de contabilidade. O novo director financeiro é um homem ainda jovem, de melena loura, ombros largos, maxilares quadrados onde se atarracha um sorriso publicitário. Pratica ténis, jogging e o amor das mulheres.

Sempre que o procuro para averiguar as causas do desaparecimento das minhas horas extraordinárias no cheque põe-se a suspirar, coça a testa com os dedos excessivamente perfumados, mexe o pescoço de um lado para o outro e murmura-me que tem andado com a cabeça na lua porque é um romântico incurável. Por mim, desde que me acrescente os cifrões em falta, tudo bem. Mesmo assim prefiro-o ao anterior, um velho rato de capachinho negro que tentava embrulhar-me num discurso críptico sobre inputs, balancetes e taxas.

O novo é amante da nossa administradora. Quando o despediram da empresa de construção onde trabalhava, fez-se apresentar à nossa patroa

através de um amigo comum, para lhe revelar que a outra o tinha posto na rua por suspeita de espionagem a nosso favor. Rocambolesco, não é, Jenny? E exactamente por isso, eficaz. O tal amigo comum, um rapaz prazenteiro, com uma daquelas caras que ninguém recorda, também trabalhava aqui na Telhados de Vidro. Contou-me que ficou siderado com a tirada dramática do louro publicitário: "Ela chegou a insinuar que eu era seu amante, calcule. Custa-me imenso dizer-lhe isto. Mas já não tenho mais nada a perder, por isso quis ao menos conhecer a mulher que teria merecido a minha espionagem." Querida Jenny, parece-me bem que a emancipação das mulheres, neste momento, está a tornar-se um magnífico trampolim de ascensão para os homens. Pelo menos para alguns, porque, como imaginará (ou talvez nem possa imaginar...) o funcionário que simpaticamente procedeu a esta aproximação do ginastizado louro e da minha administradora viu entretanto os seus serviços serem dispensados... a bem da contenção dos custos.

O lado poético desta história hiper-realista é que a administradora está muito concretamente apaixonada pelo nosso louro. Trata-se de uma mulher de quarenta e muitos anos, firme, coquette e esquelética, com um inexplicado pavor de gatos, que o marido trocou há meia dúzia de anos por uma fotocópia dela com menos rugas. Esse acontecimento tornou-a namoradeira e ligeiramente desbocada, como as raparigas. Muitas vezes desce ao atelier para fazer conversa sobre as manias dos homens, em particular essa de não gostarem de dormir com as mulheres depois do esforço bem sucedido de as levarem para a cama. A princípio, os homens do atelier coravam. Ela chegava, espetava os cotovelos ossudos sobre o estirador de um deles, e perguntava: "Oiça lá: acha normal que um homem seduza uma mulher, e depois se levante às três da manhã da cama para lhe chamar um táxi?" A verdade é que estes desabafos foram atraindo sobre ela uma mistura dócil de maledicência e ternura. Agora, toda a gente a acarinha, numa compaixão antecipada pelo desgosto que o louro financeiro lhe dará, quando encontrar um leito mais adequado aos seus ímpetos de escalador.

Entretanto, o Rui continua em Coimbra, e eu perdi o hábito de jantar em casa. Trabalho até tarde, vou ceiar com amigos, depois sigo para o Frágil onde fico até me sentir estonteada de sono. Procuo recuperar a alegria das minhas saídas de juventude, mas parece que já não há nada de surpreendente em lado nenhum.

Ontem à noite, toda a gente estava numa grande excitação por causa de um homem que entrou num café de província e desatou a disparar. Matou seis pessoas, e depois suicidou-se. "Finalmente. Sinal de que começamos a entrar na civilização", disse o Vítor, que é crítico de música rock e gosta de ter ideias avançadas e originais. "Pena é que seja só nisso", comentou a mulher dele, que se chama Isménia e é estilista. "Aliás, a América está completamente decadente. Em termos de moda, acabou. Só pensam em vender. Se calhar os serial killers são a única verdade possível. Os únicos puros." A Isménia é uma grande adepta da pureza. Deixou de fumar, largou a cocaína, faz musculação e stretching. Abomina tecidos que se enruguem,

como o linho, ou que não possam ir à máquina de lavar, como a seda. Trabalha em micro-fibras, elastanos e lycras que se colem ao corpo. Prepara a sua primeira colecção para homem, para combater a banalidade do unisexo através de roupas que sublinhem os atributos masculinos dos homens e antecipem aquilo a que ela chama a masculinidade do ano dois mil, inspirada no Marlon Brando de Um Eléctrico chamado Desejo. Mas com mais glamour.

O Nuno, que desistiu da pintura e da arquitectura e fundou uma empresa de comunicação e imagem, disse que pelo menos os serial killers nos poupam às fantochadas da moral. "Não há nada mais entediante do que um criminoso com motivos, sentimentos e honra. As coisas estão a ficar mais simples e directas", disse o Nuno.

Já não há crimes nobres pela simples razão de que a nobreza é, antes de mais, uma forma de orquestração do tempo. Ou era; entretanto, o tempo mudou de sexo e de ritmo e tornou-se pura velocidade. Aparentemente, também no mundo do crime deixou de haver lugar para o êxtase contemplativo ou para o jogo da estética. Mata-se como se vive: com sentido prático e rapidez. Onde encontramos hoje os artistas do assassinio, essas almas cultas, serenas e desinteressadas que fizeram a glória de Philo Vance, o erudito detective de S.S. Van Dine? Agora já ninguém sequer mata por querer, arriscando a alma - ou seja, a culpa e o remorso. Mata-se porque tem de ser, como uma ida ao dentista.

E escolhem-se estratégias cada vez mais eficazes e menos romanescos: um tiro no escuro, umas notas de dólar, uma facada à má-fila, onde o lado mau das pessoas desata a cintilar a grande altura. Tese: ninguém tem a culpa toda e ninguém deve entregar a alma ao que quer que seja, porque a desilusão é inevitável. Livrem-se da paixão, espezinhem a candura, ou serão espezinhados. Foi mais ou menos isto o que eu disse, e no fim o Nuno acenou com a cabeça, como se concordasse comigo: "Pois. Está tudo muito mais claro. Pelo menos já ninguém se esconde atrás dessas tretas sentimentais."

Há qualquer coisa que se encarquilha dentro de mim de cada vez que regresso à minha casa vazia, com a batida da música e o barulho do gelo nos copos a zumbirem nos meus ouvidos. Parece que nem consigo ter saudades do Rui; gosto de saber que ele existe, com o seu optimismo veemente, nalgum lugar. Mas é um lugar de visita, não um sítio onde a minha vida possa morar.

Um beijo um bocadinho perdido da sua

Natália

LISBOA, 15 DE AGOSTO DE 1991

Querida Jenny,

Acabei de chegar da sua casa e apeteceu-me escrever-lhe, não sei porquê. Julgo que me apetecia ter ficado hoje mais tempo consigo, mas quando o Manuel Almada entrou senti que devia deixá-los sozinhos. Não é que tenhamos segredos. Na verdade esta partilha da amizade do Manuel funciona como uma espécie de segredo entre nós. Assemelhamo-nos muito nesta maneira de viver a amizade no absoluto de um diálogo privado. Cultivamos os grupos como telas impressionistas; de longe são imagens azuladas de uma harmonia inamovível, de perto, manchas saturadas de cor, cintilações particulares existindo para lá de qualquer desenho. Tenho a certeza de que o Manuel nunca lhe conta nada da minha vida, porque jamais me revelou o que quer que fosse da sua.

Confesso que uma vez lhe perguntei se a Jenny achava normal aquela devoção extrema entre o avô To Zé e o avô Pedro. É que às vezes, Jenny, parecia-me que a relação deles tinha um travo trágico próprio do amor. O Manuel sorriu e respondeu-me com outra pergunta: "Amor, amizade, o que é que isso quer dizer? São convenções, minha querida. As pessoas amam-se ou não se amam. Depois há diversas formas de exprimir esse afecto, que vão mudando ao longo do tempo. O que acontece é que a sua família é composta por pessoas intensas. Pessoas capazes de suportar a permanência do sentimento, com todos os seus desequilíbrios internos, uma vida inteira. Não há muitas pessoas assim. Nunca houve. É por isso que eu gosto tanto de si. Porque a menina honra essa herança no seu coração."

Querida Jenny, não imagina como estas palavras me envergonharam. Senti cair-me sobre a cabeça, uma por uma, todas as traves do teatro de vícios que a minha mente escatológica construía. Arrependi-me mil vezes mais ainda durante a longa agonia do avô To Zé, faz agora três anos, quando a Jenny e o avô Pedro se revezavam ao lado da cama com uma esponja pingando sobre os lábios dele. Já não conseguia comer nem beber, não se percebia sequer se estava ainda lúcido. Lembro-me de como a Jenny abraçava e beijava sofregamente o avô Pedro, jurando-lhe que o avô To Zé se passeava já do lado de lá, num sítio sem sofrimento. E lembro-me de como, um ano mais tarde, o avô Pedro morreu de solidão e saudade. A mãe e eu visitávamo-lo dia sim dia não. Tentámos por diversas vezes trazê-lo para nossa casa, mas respondia que ali, pelo menos, via o Tejo. As enfermeiras do lar disseram que nunca tinham visto nada assim, uma pessoa definhar sem qualquer razão biológica.

Escrevo-lhe junto à janela, Jenny, e a água do Tejo salpicada de cacilheiros brancos compensa-me agora do vazio que alastra pelas paredes da minha casa. Casei-me há dois anos, e os quadros continuam empilhados

no chão da sala. A toalha de renda que me fez continua por estrear. Não comprámos mesa nem cadeiras para a sala, e o jantar de inauguração que prometemos aos nossos amigos permanece suspenso. Nunca tivemos tempo. Nem me parece que tão cedo venhamos a ter paciência para o ter.

Ainda bem que fiz finca-pé no rio. O Rui dizia que era um romantismo estúpido, que o rio nos custaria os olhos da cara. Eu estava firmemente decidida a encontrar uma vista de rio a bom preço, e encontrei-a. A princípio, o meu marido disse que se recusava a subir cinco andares sem elevador para depois descansar a vista. Mas eu estava completamente determinada e a minha determinação silenciosa acaba sempre por vencer a exuberância da argumentação dele. Somos como o sol e o vento da fábula de La Fontaine. Eu tive a certeza que ia alugar esta casa mesmo antes de a ver. A senhoria abriu a porta, olhou-me de alto a baixo e disse que tinha acabado de a alugar meia-hora antes. Insisti para entrar, e ela repetiu que não valia a pena. Desci as escadas numa corrida furiosa, liguei ao Rui e disse-lhe que tinha que vir imediatamente. Fiz com que ele subisse sozinho. A senhoria mostrou-lhe o apartamento e disse-lhe que teria muito gosto em fechar o negócio com ele.

Nunca esquecerei a cara da mulher quando o Rui regressou comigo. Desatou a balbuciar desculpas esfarrapadas, esfregando as mãos oleosas na bata de florinhas. Que o primeiro inquilino tinha telefonado a dizer que afinal não queria a casa cinco minutos depois de a senhora architecta ter saído. Que até tinha ido à janela gritar, na esperança de que a senhora architecta ainda ouvisse. Coitada. O rosto mole escorregava-lhe para os ombros numa gelatina que tremia desesperadamente enquanto se desculpava. Os olhos pequeninos rolavam muito depressa, ainda atarantados pela descoberta súbita de que uma mulata de jeans podia afinal ser uma senhora architecta.

As conversas sobre o racismo cansam-me. Em cocktails e vernissages, quando as pessoas ficam de copo na mão sem assunto, aproximam-se de mim, perguntam-me se sou cabo-verdiana e depois começam a contar histórias de discriminação, com um ar escandalizado. Durante uns tempos achei que isso me facilitava a vida, até porque, como diria o Manuel Almada, me ajudava a seleccionar eventuais pretendentes: quem falasse sobre a minha cor ficava automaticamente excluído. Mas agora, corto a direito.

Assim que alguém começa com a ladainha, faço um sorriso de rajada e digo esta vulgaridade mortal: "Pois. O problema é que as pessoas que propagam o racismo, fazem-no diariamente. Mas as pessoas que o condenam, não procuram senão uma explicação. Não fazem nada, diariamente. Falar é fácil, lutar é que é mais complicado." Isto deixa-os definitivamente brancos, Jenny. Como peixes fora de água.

A faixa de rio que daqui se vê é, no entanto, completamente diferente daquela que se contempla das varandas da Casa do Xadrez. Vejo o Cais das Colunas em vez da ponte e do Cristo-Rei. Mas o azul frio da água, por muito que Heráclito diga que não, é o mesmo. A luz dança em ondas sobre o

movimento dos barcos. A meio da noite, os navios iluminados gritam, preenchendo todos os lugares de ausência entre os sonhos. Esses silvos acalmam-me, como se me confirmassem a circularidade do mundo e a inutilidade das ânsias.

Ontem encontrei o Álvaro. Era isto que lhe ia contar quando o Manuel Almada chegou. Estava a trabalhar com a Leonor, à hora do jantar, no atelier e de repente senti a nuca a latejar, como se uma bola de fogo subisse lentamente pela minha coluna. E nesse instante tive a consciência real de que o Álvaro estava no cinema Quarteto. Não me pergunte como. Foi como se um mensageiro obscuro escrevesse um telegrama nos meus nervos: Álvaro. Quarteto. Eu já não ia ao cinema há séculos, e nunca mais vi o Álvaro desde que o pus fora do meu casamento, absolutamente bêbado. Agarrei no braço da Leonor e disse-lhe: "Vamos ao Quarteto. Já." Ela ainda me perguntou que filmes é que iam no Quarteto, e que urgência era aquela. Respondi-lhe que não interessava, que estava muito cansada e que me surgira um desejo repentino e irreprimível de comer uma fatia do pão-de-ló do Quarteto. Como sabe, nunca acreditei em premonições. O Álvaro estava ao balcão do bar, a beber um café e a comer uma fatia de pão-de-ló. Falou-me tranquilamente, como se nos tivéssemos despedido ontem. Entrámos juntos na sala, sentei-me ao lado dele. Não consegui perceber nada do filme, a não ser que metia a Máfia e que morria imensa gente. Às tantas a Leonor assustou-se e apertou-me a mão com muita força. Eu tinha as mãos suadas e sentime nua, completamente exposta. O corpo imóvel do Álvaro não parava de lançar sobre mim jorros de um odor lustroso que me fazia estremecer as entranhas como um vento de febre. No fim do filme saiu quase a correr, dizendo que tinha que se levantar cedo porque partia para Bruxelas no dia seguinte. Não me perguntou pelo Rui. Acabei por ir tomar um copo ao Pavilhão Chinês com a Leonor, que passou uma hora a falar em abstracto sobre a necessidade das pessoas olharem para dentro de si sem tabus e se disporem a reconhecer as suas almas gémeas. Parece-me que deve estar apaixonada, mas eu não estava com disposição para aprofundar.

Entretanto, o Rui adiou as nossas férias pela terceira vez e eu sentime aliviada. Tenho uma vontade cada vez maior de ir à África. A uma África qualquer, mesmo que não possa ser Moçambique. Mas quero ir sozinha. Pelo menos, quero ir sem o Rui, não me pergunte porquê. A mãe insistiu comigo para que fosse com ela e com a Armada e a filha para o sul da Grécia, mas também não me apeteceu. Gosto de Lisboa no Verão, tudo se move mais devagar e com mais espaço. Além disso, não diga à mãe mas acho desolador, para não dizer deprimente, um grupo de mulheres sozinhas nas praias dos latin-lovers.

Às vezes ponho-me a pensar que ele talvez tenha um caso lá por Coimbra. Aquilo a que a Jenny chamaria uma amante. Conheço-o suficientemente bem para saber que, por muito que a carreira signifique para ele, e por mais exaltante que seja a sensação de salvar vidas, a sua sede de experiência não é do tipo de se saciar unicamente pelo trabalho. Além de que um médico representa sempre um deus lascivo para as mulheres, e ele

não o ignora. Sobretudo um cirurgião - mesmo que seja só, por enquanto, um aprendiz de cirurgião. Também eu já me deixei fascinar pela ideia de fazer amor com um homem capaz de desenhar o meu corpo a bisturi, víscera a víscera, até aos ossos. Cedi à erótica do desmembramento, que viceja como contraponto insidioso da independência das mulheres. Os homens tendem a feminizar-se para acompanhar solidariamente a nossa tão esforçada emancipação: choram connosco, queimam-se nas frigideiras connosco, suam ao nosso lado nos espelhos dos ginásios. E nós acordamos a sonhar com um homem de olhos gelados, que nos trate como corpos desalmados, com todos os requintes proibidos. Durante muito tempo pensei que estes meus sonhos de submissão se relacionavam com a inexistência do meu pai. Durante muito tempo pensei muito. O Álvaro foi a única pessoa capaz de me fazer deixar de pensar. Só depois do Álvaro, aliás, aprendi a brincar aos médicos. E acho que estou a ficar saturada de brincar. Ou de pensar, que é a mesma coisa.

Um beijo estonteado da sua

Natália

LISBOA, 9 DE DEZEMBRO DE 1991

Querida Jenny,

Há seis anos deixei de fumar por causa dela. Enfim, para ser exacta devo dizer que decidi deixar de fumar por causa de mim, mas nunca o teria conseguido se não fosse o apoio dela. Dava-me um presente por cada semana sem cigarros. E sempre que a tentação apertava, eu concentrava-me numa ficção em que um malvado desataria a torturá-la assim que eu acendesse o isqueiro. Ou então era uma bomba que explodiria na casa dela. Consegui levar esta história infantil até ao fim, porque a Leonor era a protagonista. Gosto de todas as versões dela - por mais que sempre me tenha irritado um certo pendor nazi que de quando em quando a assola. Mas os meus próprios destemperos e desmandos irritam-me da mesma forma - trato apenas de não os levar a sério e a tempo inteiro. E foi também com a Leonor que aprendi a rir-me de mim.

Querida Jenny, os amigos são a única hipótese duradoura de sobrevivência da infância. E agora creio que perdi a minha maior amiga. Foi raptada por esse dragão da idade adulta chamado sexo. Se calhar simplifico demasiado. Quero explicar tudo. Sou mais uma destas mentes "civilizadas", que substituem a coragem cega de viver pela fantasia de pensar. "Nunca te ocorre que pensar demais talvez seja, também, uma forma de embrutecimento?", perguntou-me a Leonor, desolada. Eu acabara de lhe dizer que uma relação amorosa com uma mulher era qualquer coisa de absolutamente impensável para mim.

Aconteceu no domingo passado. Estávamos à braseira, com chá, scones e os nossos próximos projectos sobre a mesa, deliciosas com o barulho do vento e a força da chuva sobre as janelas. Na televisão passava um documentário sobre Cirurgia Estética de Reconstituição para Mulheres Espancadas onde uma socióloga explicava que a família nuclear está a morrer porque serviu muito mal as pessoas.

De repente a Leonor, a minha Leonor convencional e diplomata, agarrou-me a cara com os dedos fechados em tenaz e disse-me: "Amo-te. Não posso viver sem ti." Antes que eu tivesse tempo de respirar, beijou-me com tal fúria que me feriu o lábio. Tentei agradecer; peguei na nossa velha rábula da menina preta, chamei-lhe patroa branca embruxada ou qualquer coisa do género, e então ela chamou-me estúpida e má, com uma voz gutural. Depois chorou. Depois eu expliquei. Depois ela disse-me: "Tenho pena que te feches assim sobre razões e explicações, porque conheço o teu fundo e sei que é maior e mais largo do que isso." Arrependi-me de lhe ter dito tantas vezes que gostava de ser tão bonita como ela. Arrependi-me do prazer intenso que me dava escovar o sedoso cabelo dela. Mas arrependi-me sobretudo de ter provocado aquele olhar de desdém desesperado nos olhos

dela, com esta frase realmente primária: "Não sabia que gostavas de mulheres." Respondeu-me que agora já ficava a saber. Ficava a saber que ela era tão capaz de gostar de mulheres como de homens como de cães e passarinhos. "Porque o gostar, minha cara, não conhece limites. Mas claro que vocês, os yuppies, obcecados com a eficácia do corpo, são incapazes de gostar assim."

O amor não se explica, não é, Jenny? O seu amor pelo António, o amor dele pelo Pedro. O amor não quer saber das ideias que tenhamos sobre a nossa identidade ou sobre as nossas preferências sexuais. O sexo é um acaso irrelevante diante dos obstinados desígnios da paixão. O meu amor pela Leonor, o amor da Leonor por mim, vejo-os agora como estrelas cruzando-se sobre o vazio profundo de um firmamento de cartolina azul. Duas vibrações dispersas de uma mesma luz vã, desenhando breves trajetórias de fogo sobre um céu incombustível.

Na segunda-feira a Leonor meteu baixa, e há uma semana que não sei nada dela. Não consigo dormir. Percorro a madrugada de Lisboa, fico parada à porta de casa dela a olhar para a janela iluminada, fumando dentro do carro. Quero tocar à campainha para me reconfortar, mas a ideia de que isso possa desconsolá-la ainda mais trava-me o gesto. Penso que a qualquer instante um rasgo de telepatia vai fazê-la descer para me encontrar. Lisboa às quatro da manhã continua igual à minha Leonor antiga - as avenidas novas com aquelas luzes amarelas que iluminam a noite sem lhe apagarem a melancolia, o suficiente para nos sentirmos seguros e caseiros sem deixarmos de nos lembrar dos filmes dos cinemas que por ali há e dos outros, dos cinemas que por ali havia.

Muitas e muitas vezes acordei a Leonor a meio da noite para que ela fechasse as feridas que o Álvaro insistia em reabrir continuamente. Que cirurgia de reconstituição haverá para as mulheres de sucesso de agora, que não se deixam espancar mas deixam que lhes retalhem o coração?

Atraio frequentemente pessoas de que não gosto. Vejo-me aflita para me livrar das solicitações gentis que provoco sem desejo, numa vertigem de cortesia que desencadeia, mais tarde ou mais cedo, a canção viscosa do ressentimento. Sou simpática por princípio, um princípio aliás bastante imoral.

Não pré-seleciono. Em todas as vozes encontro uma pedra para as minhas construções. Cresci na época em que o betão adquiriu a distinção do mármore e todas as hierarquias se fundiram numa harmonia cíclica de injustiça. O meu amigo Nuno tinha, no tempo da Faculdade, uma agenda de telefones singular, organizada em função daquilo a que ele chamava "áreas de exploração sentimental"; no A incluíam-se os nomes que o poderiam acompanhar em expedições artísticas, no B os que serviam para bares e borgas, no S os que poderiam contribuir para o seu sucesso, no T os que apreciariam uma peça de Teatro, no X os plurifuncionais, de resto escassos. O método fascinou-me e contribuiu para acentuar a minha simpatia. Procurava criar um mundo sem desperdícios. Nada se perde, tudo se transforma.

O método resultou. Ganhei boas notas, ganhei um lugar num bom atelier. Ganhei também uma aura de salvadora de projectos impossíveis, que a princípio me soube muito bem. Um dia reparei que nenhum projecto específico e entusiasmante me vinha parar às mãos. Cabia-me apenas restaurar fidelidades perdidas, dar uma aparência de beleza a edifícios traçados, retraçados e sucessivamente ultrajados. Decoração, como dizia o Álvaro, que não tinha a ambição de perceber nada. Especializei-me no mal-entendido duradouro. As pessoas amam-me mal. Devolvem-me precisamente o mesmo tipo de amor que eu dedico às coisas que arquitecto: um amor postiço, leve, que impressiona a retina ao primeiro impacto para logo se tornar insuportável. As pessoas amam-me ao lado de mim. Apesar de mim. Acho que só o Álvaro e a Leonor conseguiram amar-me à bruta, na beleza que existe para lá de mim. Não sei como posso viver sem um par de olhos onde se reflecta esse cristal íntimo que não cintila nos espelhos.

A Leonor chegava tarde às aulas nesse Outono em que a conheci, com os olhos inchados de sono, uma capa de fazenda castanha que a cobria quase até aos pés e que, esvoaçando sobre os seus passos saltitantes, lhe dava um ar de esquilo. Sentava-se e punha o dedo no ar, quase automaticamente: "Não percebo de que está a falar, professor. Importa-se de voltar a explicar?" Com a idade resignou-se a ser pontual, aprendeu a fazer dieta e largou a capa de esquilo. Os outros começaram a gostar dela por causa dessas transformações que lhe arredondaram os interiores e lhe aplanaram a fachada. Eu continuei a gostar dela como se nada tivesse mudado. Ao contrário do que se diz, os sentimentos mudam muito pouco. São coisas que nascem velhas e que se pegam às vísceras como uma doença e que ficam a deitar cheiro depois da morte. Por isso já ninguém as quer. Não ligam bem com as paredes deste tempo. Não levam a lado nenhum. Não evoluem.

A Leonor nunca quis ser artista. Repetia, num tom convicto, que não tinha talento e que a sua grande motivação era o conhecimento. Um dia disse ao Sebastião Lucas: "No fundo, sou como tu. Sabes tudo acerca da forma como um romance deve ser escrito, mas não sabes escrever. Com a diferença que eu não pretendo saber tudo sobre nada." Estas frases varriam o ar como uma rajada de insolência. Do progressista Sebastião à estilista Isménia, todos me perguntavam o que é que eu via nela.

O que eu vejo nela, Jenny, como o que vejo em si, é um somatório de minúcias que tende para infinito. Um somatório em que o nariz arrebitado tem o mesmo valor que a lealdade. A atitude frontal tem a mesma beleza que as suas mãos grossas, de unhas quadradas. Porque a beleza não existe fora da intimidade da contemplação nem se pode acender à força sobre um rosto claramente bonito. Por isso me repugna hoje esse vício adolescente de atrair semelhantes, ou os contrastantes que lhes equivalem.

Ênfase, palavras, amparos; tudo isso está tão longe da fria paixão do amor como as colunas que desenharam a imitar a Grécia estão da Grécia verdadeira. Do mesmo modo, a Leonor é para mim a sombra da definitiva realidade do Álvaro, independentemente da aparência sexual de qualquer um deles. A indomável frieza da paixão estende a sua sombra de gelo à revelia das razões

do afecto, do sexo, ou da justiça do mundo.

Um beijo talvez apaixonado da sua

Natália

LISBOA, 28 DE DEZEMBRO DE 1993

Querida Jenny,

Levou consigo para a morte o meu casamento. No dia do seu funeral usei a força das lágrimas que me deixou para dizer ao Rui que estava tudo acabado entre nós. Ele não me ouviu. Continuou a acariciar-me os cabelos com aquele talento clínico que em tempos me hipnotizou. Repeti: "Está tudo acabado, Rui." Disse-me: "Pronto, pronto, vê se te acalmas", e começou a massajar-me o pescoço. Para o Rui, todos os meus problemas se resolviam assim: "Pronto, pronto". Uma pirueta simples, um dedilhar eficaz, e já estava. Parece que foi preciso que a Jenny morresse para que eu me apercebesse disso. Quando fecharam o portão de jardim do seu jazigo senti que se encerravam as portas do medo na minha alma.

Todos os erros da Terra se resumem a esta expressão rasa: evitação da vida. Sabemos que a própria vida se encarregará de nos evitar, inexoravelmente, e mesmo assim escusamo-nos a seguir a particular música do nosso sangue, até ao fim. A sua morte ensina-me a proximidade da minha, Jenny. Aterrou-me pensar que um dia destes cessarei de existir sem deixar mais do que um "pronto, pronto" em minha memória. Aterrou-me ainda mais pensar que pode haver um céu onde a verdade de uma vida se projecte em cinemascopo, um céu de onde as vidas que nunca ousaram desenrolar-se sejam despejadas como chuva miúda sobre a ignorância dos vivos.

Eu e o Rui caímos no mais comum dos erros românticos, que é o de tratar as afeições como projectos de arquitectura ou meninos de bibe. Em amor, seja ele o do sexo profundo (que é o da paixão), o da pele quotidiana (que é o do casamento) ou o das afinidades electivas (que é o da amizade), aquilo a que chamamos instrução é insensibilização e esquecimento, estratégias de sobrevivência ao absoluto que nos impele para a fusão final.

Fui forçada a explicar ao Rui que estava apaixonada por outro homem. Só desta forma lhe mereci atenção e crédito. Ele nunca aceitaria ser abandonado por si mesmo. Muito menos por mim mesma. Eu era o natural complemento dele, a bem sucedida cúmplice do seu sucesso. Não lhe disse que nem sequer sei se o Álvaro me vai querer. Não lhe disse que não me assusta ficar sozinha. Iria assanhar-lhe esperanças, desgastá-lo numa reconquista dolorosa e vã que o Rui não merece. Ele disse que compreendia, acariciou-me devagar, desta vez com uns dedos trémulos, sem clínica nenhuma. Não verteu uma lágrima nem uma censura. Disse apenas que sairia ele de casa. Insisti em sair eu, mas ele disse que não era capaz de morar ali sem mim. Depois fez as malas, em silêncio, e saiu, fazendo-me uma festa na cara. Querida Jenny, pensei que a sombra radiosa da sua vida faria resplandecer a minha nova pele. A Jenny costumava dizer que a dor é um

bónus de sabedoria que a felicidade deixa. Então, porque é que é tão difícil dar por isso?

Estes meses têm sido de dor, Jenny, uma dor lenta e sufocada, sem grandeza que se vislumbre. As paixões, que dispensam a Terra e todos os seus habitantes - o ser amado não conta, porque cai sempre de outro planeta - recolhem listas infinitas de apoios, páginas eufóricas de abaixo-assinados. As separações nunca encontram militantes. Um divórcio é um triplo salto mortal em câmara lenta: morre em nós o outro, morre essa metade de nós que pertencia ao outro, morre a imagem estável que as pessoas que nos cercam tinham de nós. E tudo isto morre devagar, aos soluços, sem ritos fúnebres nem cerimoniais de apaziguamento. Não há flores nem lágrimas nem orações nem homenagens; o enterro dos que um dia foram amantes eternos decorre num tribunal, território de crimes e culpas, lugar dos castigos que aliviam a consciência colectiva.

O juiz mexe em papéis, pergunta, a olhar para o relógio, se não queremos "mudar de ideias", e marca a próxima audiência. No corredor, arruma-se uma fila enorme de jovens ex-casais guardados por advogados quase sempre tão jovens como eles, uma espécie de paus-de-cabeleira póstumos, que vão descrevendo os seus casos mais espectaculares para desanuviar o ambiente. Conta-se um advogado por casal; será a última despesa partilhada pelo par. Os divórcios por comum acordo fazem-se assim num tom afável e por um preço modesto.

Já não é uma coisa que só acontece aos outros, mas a banalização do processo só contribuiu para lhe rasgar ainda mais a dignidade: um casal que se divorcia engrossa as estatísticas da precaridade humana, amplia as teses da degenerescência dos grandes valores e dá novo alento ao cepticismo paternalista.

Os amigos, que haviam aplaudido e admirado humildemente o nascimento da paixão, tornam-se de súbito sábios, omniscientes, catedráticos: ou já tinham previsto tudo, e tratam de nos demonstrar detalhadamente evidências para as quais parece que só nós estávamos cegos, ou não tinham previsto nada e deitam as mãos à cabeça com a nossa inconsciência infantil. Quase nunca resistem à tentação de identificar uma vítima e um algoz, de consolar um ou desculpar outro com recriminações bem intencionadas que só abrem a ferida. Ninguém tem culpa, o coração permanece, caminhando de negro em negro, à margem da lei do pecado e da redenção. Sobram sobre nós as leis quotidianas desta história de casamento, definidas e aceites de uma forma subterrânea e íntima que na hora da despedida irradia como um segredo inviolável.

Estes dias de cinza e sombra estendem-se também sobre o meu trabalho. A administradora transformou-se numa pira de fúria desde que o belo director de contabilidade se alcandorou, pelas vias habituais, a director-adjunto de uma agência de publicidade. A primeira consequência desta saída foi a instituição de um livro de ponto. Passámos a produzir para justificar as horas em vez de trabalharmos horas esquecidas para justificar o bom nome da Telhados de Vidro. A segunda consequência foi a de ficarmos

sem director financeiro: a administradora acumula funções, e começou a falar da necessidade de reduzir pessoal. Fustiga toda a gente com discursos sobre incompetência e competitividade, cheios de ameaças veladas.

Querida Jenny, porque desleixamos os fusíveis do nosso coração, e permitimos que o negrume dos ressentimentos nos invada a claridade do sangue? Teimamos em aplicar as engrenagens do poder - perecíveis como tudo o que, sendo de ferro, aspira ao domínio do ar - às emoções, que trazem o rasto de lume dos mares já muito navegados. Na pior das hipóteses, escravatura, na melhor, dissolução; a estas ditaduras pós-militares chamamos amor eterno, e assim abarrotados de martírio achamos consolação na ideia de sermos verdadeiros anjos de bondade, almas agigantadas pelo sofrimento.

Sem o conforto destas trombetas divinas o caso tende a degenerar; amamos a humanidade em geral, que, geralmente, tem o hábito de ser diluída e ingrata; sem querer, especializamo-nos então na pequena perfídia. Tomando-lhe o gosto, passamos a um doutoramento em técnicas especiais de grande vingança, e a nossa vida transforma-se num jogo infantil daqueles terrivelmente perigosos, com cartas anónimas e alçapões escondidos. É nisso que se entretém agora a minha querida Leonor, calcule: aderiu ao budismo, veste-se sempre de branco, põe flores nos estiradores de toda a gente, tornou-se vegetariana para se livrar da agressividade da carne, e ao mesmo tempo disfarça a letra para me escrever cartas assinadas por "uma amiga" contando adultérios do Rui ou, mais recentemente, supostas gabarolices sexuais do Álvaro acerca de mim. Mas a caligrafia falsa estremece na ponta da sua inconfundível caneta de tinta permanente, revelando a revolta açaimada dentro daquela mão que finge tão pobremente. E quando por acaso os olhos dela se cruzam com os meus leio neles aquela culpa embaciada a que se chama remorso. Definitivamente, Jenny, não sei criar intimidade com as mulheres. A prova disso é esta: a única com que o consegui apaixonou-se por mim.

O Manuel Almada diz que estamos na Pré-História do amor, e tem cada vez mais razão. Raros são ainda os seres humanos capazes de dar testemunho do primeiro dos preceitos de Cristo: "ama o teu próximo como a ti mesmo". Parece até que o amor-próprio se dissolve debaixo dos crescentes acessórios do corpo e dessa galopante competição social a que insistimos em chamar vida. Trazemos connosco o peso de um milénio inteiro e a velocidade de um século-relâmpago. A Jenny costumava dizer que no virar dos tempos que se aproxima, o amor acabaria por pontapear o Poder e as suas estratégias - ridículas de tão decididamente mortais - para os confins da galáxia. O Manuel sorria, melancolicamente, e calava-se. Eu queria acreditar consigo nessa capacidade de regeneração do tempo, mas agora que a Jenny morreu, já não sei. O tempo nem sequer teve força para a transportar até ao século vinte e um, querida Jenny.

Mesmo assim, sei que não vou desistir do sabor violento e vagaroso da paixão. Não posso. Seria insultar a memória do meu sangue que é feito da massa do seu. Tive medo da paixão, Jenny, mas no momento da sua morte

senti que herdava a sua coragem. Senti que a Jenny se desembaraçava da sua pele para que eu a vestisse, e nela reencontrasse a amálgama dos meus sonhos pisados. A sua morte devolve-me a minha paixão, isolada dos aparatos da mobilidade, conservada no fogo estático que define as coisas imortais, imunes às vaidades do tempo e aos humanos esforços da evolução.

Mas neste momento tudo me anoitece na memória; lembrar é a declinação vertiginosa do verbo esquecer. A nós, entre juizes e contabilidades, eu e o Rui olhámo-nos como antigos amantes, tentando descobrir o que nas respectivas almas (que estranho, ter de repente uma alma só para mim, escura e silenciosa) é móvel e imóvel, o que no próprio corpo esquecemos, aprendemos, aprendemos a esquecer, esquecemos de aprender. O Rui fala muito depressa: não quer que a sua tristeza tenha tempo de se instalar entre as palavras. A justiça impõe-se como lei absurda, verdade exterior, cortina de fumo que interpomos à crueldade dos sentimentos, que não se resolvem com a democrática eficácia das partilhas.

Num casamento não se partilha, funde-se, confunde-se, diluimos o ser no redondo ouro de uma aliança, deixamos que o nome que dentro dele brilha nos ampare todas as vertigens, nos proteja de todos os nossos segretos pesadelos. Lembro-me das madrugadas em que o acordava, cheia de exaltação e insegurança, para que ele aprovasse o meu último projecto. Lembro-me do bacalhau com natas que ele fazia como ninguém. Lembro-me dos dias azuis e frios em que descobrimos Paris de mãos dadas. Provavelmente só se separam os que levam a infecção do outro até aos limites da autenticidade, os que têm a coragem de se olhar nos olhos e descobrir que o seu amor de ontem merece mais do que o conforto dos hábitos e o conformismo da complementaridade.

Só se separam os que não suportam saber-se iguais a si próprios, a sépia, no correr dos anos, depois do muito que, na lucidez extrema do amor, cresceram juntos.

A separação pode ser o acto de absoluta e radical união, a ligação para a eternidade de dois seres que um dia se amaram demasiado para poderem amar-se de outra maneira, pequena e mansa, quase vegetal. Um abraço parado sobre o tempo, que se estreita no momento em que, aos olhos do mundo, desaparece, porque excede os modelos pré-determinados da guerra e paz. Um último desejo de imortalidade, que acende a noite onde todos os desejos pareciam adormecidos no sono dos justos e dos realizados.

Amantes de alguns anos, redescobrimo-nos deslumbrados, em voo sobre a melancolia do passado comum e o abismo do futuro solitário. Só nós dois sabemos que não se trata de sucesso ou fracasso. Só nós dois sabemos que o que se sente não se trata - e é em nome desse intratável que um dia nos fez estremecer que agora nos separamos. Para lá da dilaceração dos dias, dos livros, discos e filmes que nos coloriram a vida, encontramos-nos agora juntos na violência do sofrimento, na ausência um do outro como já não nos lembrávamos de ter estado em presença. É uma forma de amor inviável, que, por isso mesmo, não tem fim.

Um beijo infinito, assim, da sua

Natália

MAPUTO, 21 DE JUNHO DE 1994

Querida Jenny,

É para uma morta, a primeira carta que escrevo desta terra que esconde o cadáver do meu pai. Devia escrever à minha mãe, mas as palavras, entre nós, foram sempre complicadas. E preciso de ter as mãos dela dentro das minhas para lhe contar o que aqui fui descobrindo sobre o meu pai. Pensei que me bastaria aterrar em Moçambique para encontrar a sombra desse soldado desconhecido que me deu o seu sangue sem saber. Pensei, pois, mas estas coisas não acontecem pela virtude de muito bem pensar. Debruço-me à noite sobre a imensidão do mar, prego os olhos na lua cheia que é aqui muito maior do que em Portugal, e chamo por ele. Nem um pressentimento de eco me responde. Jenny querida, procura-o aí pelos cantos do teu céu, pede-lhe que desça pela aragem morna da noite até ao silêncio do meu coração. Pede-lhe que me sopre uma palavra, uma só, que eu possa dizer-lhe.

Foi por causa dele que aceitei imediatamente o convite para este projecto de cooperação que se dedica a reconstruir escolas bombardeadas. Bom, foi por causa de mim, também. O que afinal é o mesmo.

Não sonhava que pudesse existir tanto sofrimento. O quotidiano de Moçambique é apenas unimaginável. À chegada, por detrás dos vidros de um automóvel, Maputo apresenta-se como capital de um possível futuro entretanto arquivado, experiência suspensa, envolta nas cores esfaceladas de um passado irrereal. Quando se pára para olhar de perto, o cenário romanticamente surreal adquire os contornos dantescos da hiper-realidade.

À primeira vista julguei que o que ali estava, debaixo do néon da loja, em frente ao Ministério, era um monte de trapos empilhados, mas isso seria estranho numa cidade onde o lixo não chega nunca a amontoar-se, porque tudo o que uns deitam fora tem sempre, para outros, um préstimo qualquer. Um pedaço de lã esgarçada com um buraco para o pescoço pode voltar ainda a fazer as vezes de camisola, uma cadeira sem pernas transforma-se em pára-vento ou lenha para a fogueira, os sapatos que sobram de uns pés apagados por uma mina servirão ao próximo que passar no terreno de novo inocente.

Na noite de Maputo, todos os montes de trapo têm gente dentro, muitas vezes ex-soldados de dez ou doze anos, que iniciaram a recrutar aos cinco anos de idade, nos exércitos da Frelimo como da Renamo, pouco importa, para atirarem a matar a partir dos oito.

Quando me aproximei, o monte de trapos mexeu-se. Os corpos de baixo tinham quatro, seis anos e dormiam serenamente, os de cima pareciam adolescentes e revistavam com aplicação tudo o que nesses pobres colchões humanos se assemelhasse a bolsos, em busca de notas ou moedas. Dei por

mim a ralar: "Não têm vergonha de roubar miúdos mais pequenos?", um deles sorriu e começou a explicar que também já foi mais pequeno e roubado, temos que ser uns para os outros, debaixo do alcatrão é que a comida não nasce, ou coisa que o valha, deve ter frequentado um centro de acolhimento para meninos de rua, percebe que as justificações rendem sempre mais. Depois cobram em dólares, meticais ou cigarros.

Tudo tem um preço, mas a vida depois da guerra parece valer muito pouco. As televisões alimentam-se de sangue rápido, as pessoas comovem-se com a miséria vistosa, a fome de barriga inchada, os tiros em fogo preso. Em Moçambique, pelo menos por agora, o espectáculo acabou, o Ruanda substituiu-o com fulgor, é para lá que se movem as receitas de bilheteira.

Há uma semana voei até à cidade da Beira. Uma invasão de marcianos maléficos não teria produzido efeito mais devastador; a podridão contaminou o próprio ar da cidade. Nem à beira-mar se consegue respirar fundo: o cheiro das montanhas de detritos que circundam as elegantes vivendas da Marginal engole qualquer veleidade de brisa marítima. Cada coisa, cada ser que se imobilize é imediatamente tomado por hordas de moscas. Depois, atravessei de carro o famoso Corredor da Beira, que serviu de porto de abrigo a milhares de deslocados.

Parámos numa aldeia construída em 1987 por quatrocentas e tal famílias fugidas da guerra, onde as pessoas morrem aos magotes, lentamente, todos os dias: disenteria, malária, diarreia, conjuntivite, sarampo. Pela simples razão de que o rio não corre, as águas estão infectadas. Descobriu-se um furo de água no terreno mas há seis meses que se espera a bomba para o furo. Entretanto, morre-se. De infecção, de fome, de tudo. Mas os homens sentados à soleira das palhotas sorriam, diziam "Obrigado" e "Bem-vindos". É tudo o que sabem de português, mas gostam de conversar. As mulheres quase não se viam: estariam nas machambas, que é como se diz horta em português de Moçambique, a cultivar. Às mulheres cabe trabalhar na terra, cozinhar e tratar das crianças. Aos homens cabe o resto - basicamente, nos tempos que correm, meditar e orientar os trabalhos.

Um deles, por exemplo, ajudava as suas duas mulheres a pisar a terra molhada para fazer os blocos que constituiriam a parede da sua palhota.

Duas ou três esposas é o normal: quando a machamba que vem como dote da primeira já não dá para sustentar os filhos todos (a média de filhos por mulher é de sete), arranja-se uma segunda, que tem de ser aprovada pela primeira. O herói local tem seis mulheres, cada uma com a sua própria palhota, todas construídas em redor da do marido.

São sempre mulheres as pessoas que caminham a pé pela beira das estradas com troncos de árvore à cabeça, e quase todas trazem um bebé às costas. Nas aldeias mais afortunadas, nem os braços lhes sobram: são elas as transportadoras de água. Em Mavalane, subúrbio de Maputo, elas organizaram-se para acabar com a delinquência que lhes levava o dinheiro e as panelas cheias. Fizeram com as suas próprias mãos uma escola, uma carpintaria, uma fábrica de sabão e uma sapataria. A princípio a vizinhança torceu o nariz a tanta acção, mas a verdade é que a delinquência abrandou.

Guardei na memória o rosto inundado de felicidade daquela mulher muito jovem que me disse, enquanto amamentava o mais novo dos seus cinco filhos: "É preciso acreditar no melhor das pessoas. Se não, se cada um anda só a ver de si, nem a vida se vive, não é?" São momentos como estes, frases que parecem saídas de uma bíblia humana anterior à usura do tempo, que prendem os estrangeiros a África, de repente e para sempre.

Talvez seja isto o sentido. Uma coisa feita de luz e superior a todas as pequenas circunstâncias do coração. Essa coisa existe da mesma maneira na acção desta mãe analfabeta, de Enrique Querol, um ex-revolucionário argentino que encontrei a dirigir a Cruz Vermelha no Chimoio, ou de José Maria, um missionário católico. "Somos herdeiros de ruínas", dizia ele, olhando para Nelson, que andou fardado a matar gente, e naquele instante parecia um futebolista a sério, brilhando diante de uma assistência de sobreviventes. Sim, também eu sou uma herdeira de ruínas. Uma herdeira rica, porém, que desconhece o princípio e o fim da sua herança. Decidi de repente ir a Feitor Praça, ou ao que dela resta, ganhei coragem para enfrentar o espectro da tortura do meu pai.

Metade das escolas do país foram pura e simplesmente destruídas. Ao atravessar os distritos de Macia e Xai-Xai, a sul, deparei-me com uma sucessão infindável de edifícios esventrados, casas que têm ainda agarrada à pedra a memória desmaiada dos azuis, rosas ou amarelos de que foram feitas, e que agora são fantasmas sem tecto, cheios de meninos calados lá dentro. Procurei a respiração do meu pai. Terá sido um destes meninos, no tempo mítico das paredes e telhados?

As aulas começaram mas não se ouviam risos, nem uma agulha bulia na suave melancolia, a chuva bate leve, levemente, e depois de instigados pelo professor eles repetiram num coro lento: "Muito bom dia, senhores visitantes." A guerra criou distâncias novas, mudou a geografia das povoações, nas aldeias inventadas no meio do mato as famílias organizaram-se para garantir a sobrevivência académica das crianças, contrataram professores e montaram um sistema de escolas comunitárias. É assim que se diz, mas não há forma de o descrever na prática: para lá chegar, são horas a fio pelo meio do capim e do arvoredor. Depois, na melhor das hipóteses, encontram-se uma ou duas palhotas ligeiramente maiores do que as de habitação, cheias de crianças descalças e ordeiramente sentadas em troncos deitados na terra, na melhor das hipóteses vestidas de farrapos compactos, com restos de cadernos e bocadinhos de lápis nas mãos. Os professores distinguem-se porque estão de pé à frente da classe, são um bocadinho mais velhos do que os alunos, e às vezes têm uma espécie de sapatos. Em alguns casos, há um pedaço de ardósia e uma sombra de giz.

Recorre-se à aritmética dos pauzinhos e das pedrinhas: quantos são três mais quatro? Quase todos põem imediatamente o dedo no ar, querem vir ao quadro mostrar-se, só quando chegam ao palco começam a separar os pauzinhos e a contar pelos dedos, mesmo que não saibam vale pela graça e pela novidade e pela fotografia. Parámos numa dezena de escolas destas, e em todas vinha o director alvoroçado abençoar a passagem do inspetor

escolar que nos acompanhava, suplicando-lhe cadernos, manuais, lápis, orientação pedagógica, visitas mais frequentes. À primeira vista, eles vivem. Depois repara-se na imobilidade, percebe-se que eles não sabem o que fazer fora de ordens. Não sabem como brincar.

Fiquei uma noite na praia de Xai-Xai, no hotelzinho onde o meu pai inconscientemente me ofereceu à minha mãe, passei a noite em claro a ouvir a rebentação das ondas, à espera de um sinal que não veio. Levantei-me cedo, fiz perguntas ao gerente, aos empregados, aos homens que dormitavam à sombra das palmeiras, mostrei o retrato, mas ninguém se lembrava de Xavier. À despedida, numa das inúmeras escolas comunitárias do distrito de Xai-Xai, o director descalço correu a oferecer-me um pé de laranja: "É para lhe dar alegria. Uma alegria tão grande quanto a nossa." Plantei o pé de laranja ao lado do hotelzinho de Xai-Xai. Para o caso de o meu pai aparecer.

Conta-lhe por mim, Jenny, conta-lhe por mim estas histórias do país dele que eu não sei como lhe dizer. O meu pai morreu por um sonho de liberdade. O Estado marxista substituiu os feiticeiros todo-poderosos por funcionários zelosos e as cerimónias de purificação por reuniões de deliberação. Agora os psicólogos descobrem que, depois de "purificadas" pelos feiticeiros, que reúnem a comunidade para afastar o espírito mau que as obrigou a matar os seus familiares, estas crianças deixam de fazer chichi na cama, de ter pesadelos e desenhar aldeias incendiadas. Os meninos foram obrigados a matar as suas próprias famílias, as meninas a prostituir-se. Mutilaram-nos vezes sem conta para os submeter, a partir dos cinco anos de idade. Assim se fez a guerra em Moçambique, depois da independência.

Percorri o país devastado, na véspera das primeiras eleições livres, seguindo o pequeno trilhão dos que trocaram os confortos do Ocidente pelo luxo de acender a vida nos olhos imóveis dessas crianças de África. É uma doce tortura trabalhar aqui. Sobram as desgraças, escasseiam sempre os meios ou a forma de os movimentar, a burocracia marxista só adensou o servilismo colonial. Mas ao mesmo tempo, sente-se uma força imóvel, o estranho talento de uma qualquer virgindade, por detrás dos olhos magoados dos moçambicanos. E há, neste povo destróçado que fala cerca de trinta línguas diferentes, uma imensa capacidade de cicatrização. O português do domínio, por exemplo, traduziram-no em língua líquida da unidade nacional.

Lembro-me muitas vezes desta frase de Mia Couto, que sublinhei a vermelho no meio das suas Estórias Abensonhadas: "A dor é uma estrada: você anda por ela, no adiante da sua lonjura, para chegar a um outro lado. E esse lado é uma parte de nós que não conhecemos."

Cólera, diarreia sanguinolenta, disenteria. A partir dos limites de Maputo estas palavras repetem-se monocordicamente, as pessoas já estão habituadas. O calor crescia com um ruído de broca dentro da minha cabeça. Perto da destruída Feitor Praça, numa aldeola com meia dúzia de palhotas, as mulheres gritavam e cantavam ritmadamente em torno de uma rapariga de quinze anos que fora encontrada morta dentro da palhota com o bebé

nos braços, asfíxiada pelas lombrigas.

"Pai Nosso, que estás no Céu..." Aguardei o fim da missa, no meio do mato, com a encarquilhada fotografia do meu pai na mão. Ninguém se lembrava de Xavier Sandramo. Aliás, ninguém quer lembrar-se de nada. Não gostaram dos meus dedos inquiridores sobre uma fotografia. O guia- intérprete que me acompanhava ia-me dizendo que tivesse paciência, que fosse perguntando devagar, com jeito. As crianças, apesar de tudo, reagiam a umas graças, uns rebuçados. Então as mulheres começaram a aproximar-se e dispuseram-se a lembrar. O guia traduzia-me as trágicas biografias que lhe iam narrando. A menina que meteu dois rebuçados na boca sem os desembulhar viu a mãe ser morta. Obrigaram-na a esmagar com um pilão o irmãozito mais novo dela, um bebé, e depois mataram-na. Ao rapaz de olhos grandes que fugia de nós, desconfiado, cortaram-lhe quatro dedos e uma orelha por não querer dizer onde estavam os amigos do pai, depois de o terem assassinado à frente dele. Jenny querida, jura-me que o meu pai nunca poderia praticar estes crimes. Jura-me que a Frelimo em que ele acreditava não era assim. Procura-o e consola-me.

A terra é quase vermelha, parece que essa cor de África cresce à medida que as árvores desaparecem, a guerra transformou-as em lenha, palhotas, comida, mas uns quinhentos metros acima da aldeia o verde da horta cresce dentro de uma cerca de latas armadilhadas, por causa dos ratos. Os miúdos exibiam, vitoriosos, colecções inteiras deles, minúsculos, pacientemente esfolados, prontos a assar.

Acabei por descobrir restos queimados da própria memória do meu pai. Alguém me trouxe um velho engelhado, corpo rijo e magro como um espantalho, que olhou longamente, comovido, a fotografia. "Xavier Sandramo, é." Tinha sido vizinho e, mais tarde, camarada de armas do meu pai. Ao contrário do que esperava, não chorei. Ele aproximou o meu rosto do seu e começou a inspeccionar os meus olhos pequenos, muito negros e redondos, o nariz arrebicado, as faces salientes - como se, uma vez mais, fitasse Xavier Sandramo. Era já noite quando nos despedimos. Ernesto abriu devagar os braços para que eu o abraçasse e disse-me: "Podes viver descansada, minina. Teu pai morreu grande. Grande. Como Moçambique."

Agora, depois deste périplo abalador, o meu trabalho centra-se em Maputo: desenho e redesenho edifícios que possam ser simultaneamente baratos, funcionais e risonhos. Enfim, tento fazer milagres. O que aliás, não deve ser impossível; a própria existência deste país parece um milagre. Instalaram-me no fabuloso Polana, uma alva mansão colonial dos anos vinte com jardins, piscina, vista para o mar e todas as iguarias do universo. Uma ilha de privilegiados no centro da miséria. A princípio sentia-me estranha nesta atmosfera calafetada de sul-africanos ricos e missões diplomáticas. Até que, há quinze dias, encontrei aqui uma mulher que parece gêmea da Marguerite Yourcenar. A mesma boca larga, voluntariosa, o corpo maciço e aprumado, até o mesmo hábito de envolver em anéis de família os dedos grossos. E sobretudo, os mesmos olhos de lince. Chama-se Helena Somerset, é uma médica de sessenta anos que veio cá dar uns cursos de planeamento

familiar. Viu-me sozinha na esplanada do hotel, fumando e olhando para os turistas, provavelmente achou-me abatida. Sentou-se perto de mim, sorriu e disse: "Extraordinário. Pedi ao empregado que me trouxesse um chá de ervas, porque me sinto mal do estômago, e sabe o que ele me respondeu? 'A senhora precisa é de um grande ramo de rosas.' A isto se chama fidalguia natural, não é?"

Ficámos o resto da tarde na conversa. Helena casou cedo com um rico cavalheiro inglês estabelecido no Porto. Tiveram uma filha, que havia de morrer aos dezassete anos, de um vírus anónimo e fulminante. "Não tenho família. À minha volta só há vazio. Um grande vácuo que se foi abrindo." E diz isto num registo sossegado, como quem se limita a verificar um fenómeno da natureza. Nada há nela daquele "pobre de mim" tão português; os olhos de um azul muito intenso desenhavam um feroz traço de luz sobre as pálpebras pesadas, rasgados por um sorriso de contínuo desafio. Como se lhe fosse possível olhar-se de fora de si mesma e espantar-se tranquilamente com aquele crescendo de solidão em seu redor. Primeiro morreram os pais, muito cedo, tinha ela uns seis ou sete anos, durante a guerra. Depois, morreu a tia que a criou.

A filha única morreu. E por fim o marido, obstinadamente infiel, saiu de casa, deixando-lhe apenas aquele apelido inglês tão literário.

Nunca se divorciou. "Ele perguntou-me se tencionava voltar a casar, eu disse que não, deixámo-nos estar assim." Percebeu mais tarde que lhe fizera um favor, omitindo o divórcio. Percebeu-o quando foi visitá-lo ao hospital, no fim dos anos oitenta, encontrando-o moribundo. Ao lado da cama estava uma mulher de xaile e carrapito que lhe suplicou: "Por favor, dê-lhe o divórcio para eu me casar com ele. Dediquei-lhe toda a minha vida e vou ficar sem nada." Helena foi sintética: "Minha senhora, o casamento não é um emprego, devia ter pensado nisso antes." Virou-se para o doente e acrescentou, em inglês: "James, you should thank me after all for protecting you all these years."

E ei-la que entra, sorrindo, pelo bar do hotel onde escrevo esta carta, com um saco cheio de peças de artesanato. Com aquela voz suave própria dos que cultivam a virtude do maravilhamento mínimo, conta-me de que modo se acendeu o rosto do velho que lhe vendeu umas sandálias diante da brancura quase escandalosa do seu pé: "Pôs as mãos muito negras sobre o peito do meu pé e quase ficou em estado de choque. São estas pequenas coisas que conferem sensualidade à vida."

O Manuel Almada havia de gostar muito desta Helena que me afaga os dias. Se não levar a mal, avó Jenny, talvez envie ao nosso amigo Manuel esta sua carta. Tenho pensado muito nele, mas parece que já só consigo escrever-lhe a si. A Jenny tornou-se o meu anjo-da-guarda, deve ser isso. Um anjo discreto e omnipresente, especializado em almas sensíveis de tendência céptica, como a minha e a do Manuel. Almas amolgadas pelo plano da melancolia, que traça sobre o mundo uma estrada de névoa de onde continuamente chove a prata dos sonhos. Mas a Helena e o Manuel acederam já, através da melancolia, a um plano infinito onde a saudade e o

culto das ruínas traduzem um saber maior, que é o de buscar divertimento em tudo - até na dor, que nos ensina o riso de nós. Eu tento deslizar até esse plano, mas tropeço ainda demasiado no canibalismo emperrado da memória: vivo do sabor adocicado que os mortos deixam no meu corpo. Um sabor grande. Como Moçambique.

Saudades, muitas saudades da sua

Natália

LISBOA, 15 DE OUTUBRO DE 1994

Querida Jenny,

Vim encontrar a Casa do Xadrez moribunda. Na nossa família guardam-se sinais, frases, a aragem mínima de um gesto para a vida inteira, mas abandona-se tudo o que de material se constrói. Desde que a Jenny morreu, a minha mãe repete que "um dia" pensará no destino a dar à casa. Agora meteu-se-lhe na cabeça vendê-la. Calcule que a sua Camila tinha a ideia de que a sua vida com o avô Pedro e com o To Zé era um delicioso triângulo de amor, cujo vértice era a Jenny. Como o avô Pedro tinha oficialmente um quarto só dele, supunha que a Jenny chamava aos seus aposentos alternadamente cada um dos seus dois maridos. Nunca lhe ocorreu que o romance protector daquela casa decorresse entre eles os dois, e por mais que, no seu diário, a Jenny insistia sobre a plenitude da paixão que aqui viveu, a minha mãe chora, desabalada, por nunca ter sido capaz de adivinhar aquilo que para ela foi "o segredo infortúnio da Jenny."

Confesso que a novidade das lágrimas sobre o rosto da minha mãe me consola. Nunca a tinha visto chorar, e essa ausência de lágrimas pesava-me como uma ofensa íntima. Creio que, mais do que uma comunhão póstuma com a sua pretensa infelicidade, Jenny, as lágrimas da minha mãe vertem uma decepção infantil: a do seu romance com o avô Pedro. Imaginá-los nos braços um do outro ajudava-a a ver na Jenny uma verdadeira mãe. Repete: "Como é que o meu pai pode ter sido tão cruel?" e considera que a Casa está amaldiçoada. Lembro-me do seu inabalável sorriso, Jenny, e sei que tudo o que diz no diário é verdade. Não consigo sentir esse perfume de indecência que parece emocionar estranhamente a minha mãe. Digo-lhe: "O amor não se pode julgar. O amor não tem exterior." Dito-lhe imensas sentenças deste género, que a mim mesma me surpreendem pela sua súbita transparência. Parece que a Jenny ancorou em definitivo sobre o meu coração, que o escolheu como caixa de ressonância da sua alma.

A minha mãe julga-se agnóstica, mas na realidade tem dentro dela um Deus sem medida humana. Um Deus judaico, às vezes risonho, que trocou a fertilidade dos pecados que a si mesmos se redimem pela ironia que tudo queima. Um Deus hermético, demasiado pudico para nos lançar uma cruz de ascensão ao céu. Por isso, nada do que eu lhe diga a faz mudar de perspectiva. Entretanto, pelo menos, acedeu em não vender a casa. É verdade que tive que ameaçar barricar-me aqui, se ela levasse a sua avante. Mas resultou.

Os meus amigos vieram ajudar-me a limpar e arrumar os quartos. As teias de aranha constituíam já tapeçarias e todos os objectos tinham perdido a cor, debaixo do pó. Certas divisões pareciam fechadas e esquecidas há muitos anos, Jenny, a começar pelo seu quarto. Depois da morte do To Zé e

da partida do avô Pedro, a Jenny mudou-se para o quarto deles. Mas creio que já não se detinha a preservar coisa nenhuma. O caruncho começava a entrar na sua imponente - e tão solitária - cama de dossel. Lavei cuidadosamente todas as roupas do baú dos vossos teatros. Quero recuperar essa tradição dos serões da sua casa, Jenny. Antes de me mudar para aqui pensava em remodelar a casa toda - sim, não se ria, para a tornar mais "funcional", como eu costumava dizer-lhe. Mas assim que aqui cheguei percebi que não posso fazer isso. Ia afastá-la da Casa, a si, ao avô Pedro, ao To Zé e até ao Manuel Almada.

O Manuel Almada ajudou-me na mudança, foi com ele que abri estas portas há tanto tempo fechadas. Olhou com desolação para os móveis cobertos de pó, abriu o piano, dedilhou os primeiros acordes da Ave Maria de Schubert, e pediu-me: "Não mude nada, Natália. Nem uma parede, nem uma mesa. Por favor, não mude nada." Não me lembro de alguma vez o Manuel me ter pedido alguma coisa, Jenny. Sentime quase envergonhada, e respondi muito depressa que esta casa não merece o vexame de uma operação estética. O Manuel riu-se, abraçou-me, beijou-me e disse, aliviado: "Afinal, a menina é mesmo uma arquitecta a sério. Sabe que às tantas tive medo que se tornasse, por força da época, em mais uma supérflua agitadora de supérfluos."

Bem, alguma coisa será preciso mudar. As canalizações, por exemplo, estão podres. E muitas paredes precisam, no mínimo, de ser rebocadas. A sua casa de banho, Jenny, tem os fios da electricidade à vista, é de arrepiar. Não sei como não morreu ali electrocutada. Nos últimos anos, não deixava que ninguém lhe entrasse em casa para reparar fosse o que fosse. Dizia que, se pintassem as paredes, o António deixaria de reconhecer a casa e não voltaria para falar consigo. Deve ter sido ele a protegê-la.

Mas o que quero dizer-lhe, querida Jenny, é que esta sua Casa voltou, a partir de ontem, a albergar a grande aparição. Depois da minha separação procurei o Álvaro noites a fio, ou, melhor dito, tentei fazer-me encontrada com ele nos sítios onde sei que ele costuma ir. Nunca o encontrei. Concentrava-me, queria que aquela premonição que uma vez me assolou voltasse depressa. Como não veio, acabei por decidir, com toda a sensatez, que não era aquele o meu destino. Então deixei-me tomar pela imagem do meu pai, e aproveitei a primeira oportunidade para ir a Moçambique. Encontrei o Álvaro no regresso, à saída do aeroporto: fiquei de tal forma atordoada que corri para ele gritando: "Vieste-me buscar!" Não vinha; estava ali à espera de uma namorada qualquer, "uma amiga minha", disse ele, que chegava do Canadá. "Do Canadá", disse-lhe eu, interdita: "Mas o Canadá é um sítio onde nunca acontece nada." E comecei a andar, mecanicamente, sem me despedir. Com um timing perfeito, de resto, porque dois minutos depois chegava a minha mãe - essa sim, para me buscar.

Escondi-me de mim na praia, no trabalho, no álcool da noite de Lisboa durante este fim de Verão. No princípio do Outono, decidi mudar-me para a Casa do Xadrez. Começava a não aguentar a melancolia da casa onde

vivera com o Rui. Bem sei que acabei por viver ali muito mais tempo sozinha do que com ele, mesmo durante o tempo em que fomos casados, mas a sua presença boiava no espaço como um lastro seguro de bem-estar. Engalfinhei-me nos seus papéis, vestidos e recordações, Jenny, limpei o jardim, arranjei um par de jardineiros para podar o Xadrez magnífico do seu amor. Mas quando os trabalhos acabaram soube que não podia continuar a fugir de mim. Então comprei uma rosa, meti-a numa caixa transparente com um cupido e um sapatinho prateado que tinham decorado o bolo do meu casamento. E enviei a caixa, com um cartãozinho, ao Álvaro. No cartãozinho escrevi uma frase roubada ao seu diário, Jenny.

Sei que me compreenderá. Parece-me até que foram as suas mãos a guiar-me, nesta composição que à minha mãe pareceria perversa. O destino daquele cupido de porcelana rosada não podia resumir-se ao bolo de um casamento desfeito. Sei lá se podia; a verdade é que encalhei no cupido, ao arrumar as gavetas das recordações e não resisti ao impulso de o enviar ao Álvaro.

Não quero casar-me com ele, Jenny. Descobri consigo que ficar só é um privilégio de amante. Por mais que os acontecimentos o contradigam, a natureza não inclina para a fatalidade as mulheres da nossa família. Aos vinte e poucos anos a Jenny já sabia que o amor é um parasita da indiferença, um vírus que se propaga à revelia das leis sociais e das práticas sexuais. Asua voz solar diz-me agora que ser amado é uma maçada contrária ao prazer complacente que se nomeia através do verbo amar. Toda a experiência do amor tem o gosto melancólico de uma simulação. Talvez o amor seja uma terceira entidade que se interpõe entre duas pessoas, suscitando-lhes desejos de aperfeiçoamento incompatíveis com a consumação que define a humanidade. Acabei por reconhecer que não é de mim nem do Álvaro que eu tenho pena; lastimo o exílio sobrenatural dessa terceira entidade, rodando no vazio de um firmamento demasiado alto.

Enviei de manhã a caixa com a flor. Ao princípio da noite acendi a lareira da sala. Tinha muitas saudades deste fogo. Nos últimos anos, a Jenny punha um radiador em frente dos pés, e era tão triste. Recusava-se terminantemente a acender a lareira, dizia que tinha medo que saltasse uma faúlha e a apanhasse a dormir, e que a lenha só fazia lixo. Ateei as tochas do jardim, até ao portão. As tochas que dantes se usavam nos vossos garden-parties, Jenny, e que fui encontrar num canto da casa de arrumações. Deixei a porta de entrada aberta, e enchi de velas acesas o caminho da entrada até ao seu quarto, Jenny. Vesti a sua camisa de noite branca, de bordado inglês, e meti-me entre os lençóis de frioleiras bordados pela sua avó para celebrar a sua entrada no universo do amor real. No cartão escrevi apenas estas palavras suas: "Vem para dentro de mim, não tenhas medo". E ele veio, Jenny.

Data da Digitalização

Amadora, Julho de 2003